

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**

**Matheus Sampaio de Souza**

**JORNAL NACIONAL E A COPA DO MUNDO:**  
A cobertura jornalística em grandes eventos esportivos.

**Juiz de Fora  
Março de 2016**

**Matheus Sampaio de Souza**

**JORNAL NACIONAL E A COPA DO MUNDO:**

A cobertura jornalística em grandes eventos esportivos.

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo,  
da Faculdade de Comunicação da Universidade  
Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial  
para obtenção do grau de bacharel.

Orientador: Prof. Dr. Márcio de Oliveira Guerra.

Juiz de Fora  
Março de 2016

Matheus Sampaio de Souza

JORNAL NACIONAL E A COPA DO MUNDO:

A cobertura jornalística em grandes eventos esportivos.

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo,  
da Faculdade de Comunicação da Universidade  
Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial  
para obtenção do grau de bacharel.

Orientador: Prof. Dr. Márcio de Oliveira Guerra.  
(FACOM/UFJF)

Aprovado pela banca composta pelos seguintes membros:

---

Prof. Dr. Márcio de Oliveira Guerra (FACOM/UFJF) – Orientador

---

Prof. Ms. Ricardo Bedendo (FACOM/UFJF) – Coorientador

---

Prof. Ms. Christiane Bara Paschoalino (FACOM/UFJF) - Relator

---

Prof. Dr. Cláudia de Albuquerque Thomé (FACOM/UFJF) – Convidado

Conceito obtido: \_\_\_\_\_

Juiz de Fora, 9 de Março de 2016.

## **AGRADECIMENTOS**

À minha família, por ser meu porto seguro e fonte de inspiração em tudo que faço na minha vida. Pai, Mãe, Lu e Tonha essa vitória é muito mais de vocês do que minha.

Agradeço ao meu professor e amigo Márcio Guerra, por me mostrar toda a paixão pela profissão e pelo jornalismo esportivo. Que o futuro me reserve um caminho onde todos os ensinamentos que aprendi com você possam ser colocados em prática de forma coerente e humana.

Aos meus amigos, que tornaram toda essa trajetória até aqui mais tranquila e divertida. Em especial aos da Cirandinha Encantada, Produtora de Multimeios, TV Integração e ASCOMCER.

Aos professores e funcionários da FACOM, saibam que todos os dias da minha vida eu me lembrarei dos momentos especiais que passei nesse lugar mágico que foi a minha faculdade.

E a todos que acompanharam minhas dificuldades para a decupagem dos JN's aqui analisados, o meu muito obrigada!



“Queremos ter certezas e não dúvidas, resultados e não experiências, mas nem mesmo percebemos que as certezas só podem surgir através das dúvidas e os resultados somente através das experiências.”

(Carl Jung)

## **RESUMO**

O presente trabalho visa mostrar qual foi a abordagem dada pelo Jornal Nacional à cobertura da Copa do Mundo no Brasil. Através de um levantamento histórico e bibliográfico analisamos como se deu a construção do Jornalismo Esportivo no Brasil, além da trajetória do Jornal Nacional desde a sua criação até os dias de hoje. Afim de estudar a atuação do JN dentro da cobertura do Mundial da FIFA, o estudo foi dividido em duas partes: uma qualitativa e outra quantitativa. Na primeira parte sete profissionais que atuaram durante o período foram entrevistados a respeito de temas ligados à cobertura. Já na segunda, todos os programas entre os dias 12 de junho de 2014 a 12 de julho de 2014 foram decupados com o objetivo de se identificar quais foram as principais mensagens enviadas para o público através dos conteúdos divulgados no telejornal.

Palavras-chave: Jornalismo Esportivo, Jornal Nacional, Copa do Mundo, Linguagem, Cobertura.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>05</b>
<b>2 JORNALISMO ESPORTIVO .....</b>	<b>07</b>
2.1 O COMEÇO E A COBERTURA DOS JORNAIS IMPRESSOS .....	08
2.2 NOVAS TECNOLOGIAS E O JORNALISMO ESPORTIVO: O RÁDIO, A TELEVISÃO E A INTERNET .....	13
<b>3 O JORNAL NACIONAL .....</b>	<b>22</b>
3.1 HISTÓRICO.....	23
3.2 O JORNAL NACIONAL E AS COPAS DO MUNDO.....	33
<b>4 ESTUDO DE CASO .....</b>	<b>40</b>
4.1 METODOLOGIA.....	40
4.2 ANÁLISE QUALITATIVA.....	42
4.2.1 Estrutura de Cobertura .....	42
4.2.2 Rotina de Trabalho.....	49
4.2.3 Linguagem Abordada .....	54
4.2.4 Enfoque das matérias .....	57
4.2.5 Enfoque das matérias .....	61
4.3 ANALISE QUANTITATIVA.....	63
5.4.1 Dados Gerais .....	64
5.4.2 Dados de VT's .....	66
5.4.3 Dados de Vivos .....	70
5.4.4 Dados de Notas/Locoff's .....	74
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>79</b>
<b>6 REFERÊNCIAS .....</b>	<b>83</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>85</b>



## 1 - INTRODUÇÃO

Desde o dia 01 de setembro de 1969 o povo brasileiro foi apresentado ao telejornal que em pouco tempo se tornaria o produto jornalístico de maior audiência da televisão aberta no Brasil: o Jornal Nacional. Foram anos de história e trabalhos para se criar esse produto televisivo que, para muitas pessoas, ainda é uma grande fonte de informação e, também, entretenimento.

Essa monografia tem como principal objetivo o estudo da cobertura realizada pelo JN durante um mega evento esportivo como a Copa do Mundo no Brasil, em 2014. Quais eram os principais fatos noticiados? Como o jornal se estruturou durante o período do evento? Como as equipes trabalharam para levar informações dos mais diversos cantos do país para as televisões dos telespectadores? Esses são os principais questionamentos que serão respondidos ao longo deste trabalho, bem como os que desses decorrem.

Para cumprir essa meta o primeiro passo foi a realização de um estudo bibliográfico do Jornalismo Esportivo no país, além do próprio objeto de estudo em si, o Jornal Nacional.

O primeiro capítulo do trabalho foi inteiramente dedicado ao estudo do Jornalismo Esportivo e os seus desdobramentos nos veículos de comunicação que surgiram e se instalaram no Brasil. O futebol, enquanto paixão nacional, também esteve no foco das análises sobre o desenvolvimento da imprensa esportiva no país.

Na primeira parte deste levantamento o destaque fica para o histórico do jornalismo esportivo no Brasil e a cobertura dos veículos impressos durante o final do século XIX e século XX. Na outra metade, o levantamento busca mostrar como a inserção de novas tecnologias no mercado, como o rádio, a televisão e a internet impactaram a realidade dos profissionais e das redações no país. Com base em autores referências desta área acadêmica, como André Ribeiro, Márcio Guerra e Paulo Vinicius Coelho,

No segundo capítulo, um levantamento histórico sobre o Jornal Nacional foi realizado, a fim de compreender como se deu a construção e desenvolvimento deste telejornal, que está no ar na televisão brasileira há 46 anos e se mantém na liderança de audiência entre os produtos jornalísticos do estilo. Além disso, no mesmo capítulo, uma

parte do estudo se dedica a entender como foi construída a relação entre o JN e as Copas do Mundo. A cobertura e estrutura empregada foram fontes de análise para futura comparação e compreensão das adaptações realizadas para a cobertura do mundial no Brasil.

O terceiro capítulo dessa monografia foi exclusivamente dedicado ao estudo de caso proposto para o presente trabalho, que objetivava compreender como se deu a cobertura do Jornal Nacional durante a Copa do Mundo no Brasil. Para analisar o tema a partir de duas perspectivas diferentes, mas que juntas permitiriam uma percepção mais aprofundada sobre o objeto de estudo, o trabalho se dividiu em uma análise qualitativa e outra quantitativa.

A primeira dessas focou em entrevistar sete profissionais que estiveram envolvidos no processo de produção de todas as 27 edições do telejornal analisadas. Usando a metodologia da entrevista em profundidade, o tema pode ser abordado a partir de um questionário base, mas que se modificou para entender a função de cada profissional envolvido em diferentes tarefas nesse processo.

A segunda perspectiva focou em uma análise estatística da amostra escolhida para o trabalho, que foi todo o período em que o Mundial estava acontecendo no país (12 de junho de 2015 a 12 de julho de 2015). Todas as edições do Jornal Nacional nesses 31 dias foram decupadas através de uma tabela pré-estabelecida, que visava distribuir os conteúdos produzidos nesse período a partir de seu tempo de duração; natureza (VT's, Vivos e Notas); temática (Copa, Factual e Outros); e abordagem observação e estudos.

Junto deste trabalho também é possível se encontrar na íntegra as entrevistas realizadas com os profissionais do Jornal Nacional e as decupagens de todas as edições da amostra escolhida. Rever essa história, além da pesquisa, também é uma forma de preservar o registro de um evento importante na história do esporte e do jornalismo brasileiro.

## 2 – JORNALISMO ESPORTIVO

Para se estudar e compreender o modo de produção e veiculação do jornalismo esportivo no Brasil é importante ter como base o seu histórico de criação e evolução ao longo dos anos. O material produzido hoje, pelos mais diversos jornais na editoria esportiva, é reflexo de anos de uma construção histórica, marcado pelas mudanças de cenário político, crises econômicas, dedicação de profissionais que se interessaram pela área, além da decisão de veículos de comunicação em conferir importância para a cobertura do esporte.

Para o jornalista Sérgio Vilas Boas, o esporte vai muito além de uma competição. Em sua obra, “Formação e Informação Esportiva. Jornalismo para Iniciados e Leigos”, ele destaca a pluralidade de fatores que constrói essa editoria.

Esporte é muito mais do que um jogo. Envolve ciência, tecnologia, saúde, política, história, comportamento, economia. Há inúmeras interfaces possíveis, polêmicas e necessárias que o jornalista poderia costurar para não se ater somente à questão da disputa. (BOAS, 2005, p.08).

Na mesma obra, o autor ainda destaca como essa cobertura jornalística atrai públicos e dialoga com grande parte da sociedade brasileira.

O esporte é talvez o mais democrático dos temas. Atrai pessoas de todas as idades, de todas as camadas sociais, de todos os cantos. Tornou-se um fenômeno lucrativo considerável, negócios de proporções mundiais, motivo de tendências e modismos (BOAS, 2005, p.09).

Se a editoria esportiva carrega consigo suas peculiaridades construídas pelo seu desenvolvimento histórico no Brasil, o jornalista Celso Unzelte no livro “Jornalismo Esportivo: Relatos de uma Paixão” pondera que, no ramo dos esportes, os objetos de cobertura são diferentes das demais editorias de um jornal, mas os princípios jornalísticos envolvidos são os mesmo de qualquer outra.

[...] para ser um bom jornalista esportivo não basta saber escalações de equipes e listas de campeões de cor, conhecer esquemas táticos, “entender”, enfim, de futebol ou de outros esportes. A prática do (bom) jornalismo esportivo é, antes de tudo, a prática do próprio jornalismo, de suas técnicas e de seus conceitos mais sagrados (e consagrados), como a objetividade e a imparcialidade.” (UNZELTE, Celso, 2009, p.09).

Tendo por base os raciocínios dos jornalistas Sérgio Vilas Boas e Celso Unzelte, fica clara a necessidade de se promover uma análise mais detida do gênero editorial em tela, tendo como fulcro e parâmetro uma avaliação histórica e segmentada nos mais diversos veículos de comunicação, para, assim, ser possível compreendermos como essa editoria ganhou notoriedade e relevância dentro do cenário nacional da mídia.

## 2.1 – O COMEÇO E A COBERTURA DOS JORNAIS IMPRESSOS

Estudiosos do futebol, como os jornalistas André Ribeiro e Paulo Vinicius Coelho, creditam ao paulistano Charles Miller a introdução do esporte nas terras brasileiras. Foi em 1895, depois de voltar da Inglaterra, país que já praticava e noticiava amplamente o futebol, que Miller organizou a primeira partida da modalidade no país sul-americano<sup>1</sup>. Na época, segundo o jornalista André Ribeiro, em seu livro “Os Donos do Espetáculo”, os esportes praticados eram muito diferentes do futebol, o que também se refletia nas notícias que saíam no caderno de esportes de grandes jornais.

[...] Miller logo viu que esse esporte era pouco praticado em São Paulo. Foi um choque. Na Inglaterra, onde jogava num clube escolar, o futebol era amplamente divulgado (...) Em terras brasileiras, porém, não havia jogos oficiais e menos ainda notícias sobre o desconhecido esporte. Nas páginas dos principais jornais da capital paulistana só havia espaço para notícias sobre críquete, turfe, remo e ciclismo.(RIBEIRO, 2007,p.19) ”

Além da divergência cultural, já que no Brasil o futebol não era um esporte amplamente praticado pela população, a própria editoria esportiva nos jornais do país, nesse período, não era muito explorada. As grandes transformações políticas, econômicas e tecnológicas são exemplos de fatores que levaram a pouca visibilidade do esporte na época, como o jornalista André Ribeiro também conta em sua obra.

[...] os jornais de São Paulo tinham muito mais com o que se preocupar no início do século XX. O crescimento da cidade não parava, a modernização da recém instalada República estava a todo vapor. Os carros puxados por burros começavam a se aposentar, e em seus lugares surgiam os primeiros bondes elétricos. Prédios e mais prédios eram erguidos a cada dia. A economia cafeeira não parava de fazer novos ricos. (...) Claro que, também no Rio de Janeiro, capital da República, pouco interessava aos principais jornais da época divulgar notícias do futebol. (RIBEIRO, 2007,p.23)

---

<sup>1</sup> Registros do Colégio Metodista Granbery, em Juiz de Fora, documentam que em 1893 - ou seja, dois anos antes do jogo registrado por Miller - dois times de alunos disputaram uma partida de futebol nas dependências da escola. John McPhearson Lander, primeiro reitor do Granbery e diretor do colégio na época, foi responsável pelo registro nos Livros de Matrícula do colégio.

Dentro desse panorama pouco vantajoso para a publicação do futebol no país, alguns fatores foram determinantes para a popularização da modalidade no Brasil e, por consequência, uma maior cobertura por parte da mídia. O primeiro deles, ainda no período de inserção do esporte em terras brasileiras, foi a rivalidade entre os clubes de São Paulo e do Rio de Janeiro. O primeiro encontro entre times dessas duas metrópoles aconteceu em 1901 e teve uma cobertura diferenciada da até então dada às partidas do esporte no país.

[...] em outubro de 1901, a equipe de Cox embarcou para São Paulo para o primeiro interestadual entre times das duas metrópoles do país. [...] Nas páginas de *O Estado de S. Paulo*, Cardim escreveu sobre os dois empates ocorridos no campo do SPAC, na região central da cidade, time em que Charles Miller jogava. Falou da presença de ‘distintas famílias’ e enalteceu a qualidade técnica dos jogadores cariocas, uma grata surpresa para os paulista, que se imaginavam superiores. (RIBEIRO, 2007,p.24 e 25)

Nessa mesma cobertura, o jornalista Mário Cardim escreveu sobre um fato que chamou atenção e repercutiu dentro da imprensa nacional, dando uma visão para muitos, de quais seriam as proporções que o futebol tomaria para frente:

Cardim mostrou-se surpreso, também, ao constatar que a maioria dos jogadores do Rio Janeiro era formada por brasileiros e não por ingleses. Tudo isso foi passado aos jornalistas amigos de Cardim, no Rio de Janeiro. Em poucos dias, os maiores jornais da capital da República, como o *Jornal do Brasil* e o *Correio da Manhã*, noticiaram com orgulho a exibição de seus craques em terras paulistanas. Era o que faltava para o futebol ganhar novo impulso também no Rio de Janeiro. (RIBEIRO, 2007,p.25)

Foi essa rivalidade crescente na modalidade entre os dois estados, que impulsionou grandes mudanças dentro do cenário brasileiro do futebol. Depois disso, em 1902, foi criada a primeira Liga de Futebol de São Paulo, fator que ajudou na profissionalização e visibilidade do futebol. Já no Rio de Janeiro acontece o “primeiro Campeonato Carioca de Futebol, em 1906, com a participação de apenas seis clubes formados por atletas da ‘nobre sociedade carioca’”, (RIBEIRO, 2007, p.31).

Se a partir de então o futebol caiu na graças das elites cariocas e paulistanas, o esporte também começou a ganhar espaço entre as camadas mais populares da sociedade brasileira. Fato esse, que não passou despercebido pela imprensa que também começava a investir na cobertura da modalidade.

Pelos primeiros artigos publicados sobre futebol nos jornais e revistas, ficava clara a divisão do esporte em dois grupos. De um lado, os filhos de boa família, e do outro, os varzeanos humildes. Os primeiros eram considerados dignos representantes do foot-ball, importado da Europa, e os outros vistos como “brutos, incapazes de seguir as regras de conduta, ridicularizados muitas vezes pelos jornalistas como um bando de jogadores que davam chutões para o alto”, sendo chamados de “canelas negras. (RIBEIRO, 2007, p. 27)

Nesse contexto, se insere outro fator que foi determinante para a popularização do esporte no país: a quebra do preconceito entre quem poderia ou não praticar a modalidade. O ápice dessa ruptura, que o futebol deixou de ser somente uma modalidade para as elites, aconteceu no Rio de Janeiro, com o clube Vasco da Gama, como contam Jair de Souza, Lúcia Rito e Sérgio Leitão no livro “Futebol-Arte: a Cultura e o Jeito Brasileiro de Jogar”.

A queda da Bastilha do futebol brasileiro ocorreu em 1923, quando comerciantes portugueses, preocupados em promover o Vasco da Gama ao estrelato, sustentaram, na primeira divisão do Rio de Janeiro, um time formado por negros e brancos pobres. [...] As marcas registradas daqueles pés-rapados eram a habilidade e o improviso. Para asco e surpresa dos rivais, foram campeões. Assim, o jogo aristocrático transformou-se, aos poucos, em fenômeno, percorrendo o caminho que conduz da casa grande à senzala. Os excluídos reconheceram os craques vascaínos como ídolos. Perceberam que as regras eram fáceis e que qualquer lugar e qualquer bola serviam. Viram naquele esporte um lazer barato e um meio de driblar o apartheid social. (SOUZA; RITO; LEITÃO, 1998, p.46)

Para o jornalista Paulo Vinicius Coelho, a inserção oficial dos negros no futebol “Era a popularização que faltava. Os negros entravam de vez no futebol, tomavam a ponta do esporte. O Vasco foi campeão carioca pela primeira vez em 1924, apesar da oposição dos outros grandes, que sonhavam tirá-lo da disputa [...]” (COELHO, 2003, p.09).

Com a popularização da modalidade, a cobertura jornalística do futebol se tornou inevitável com o passar dos anos. A paixão pelo esporte estava difundida nas ruas e nas mais diversas classes sociais.

O futebol conquistara definitivamente a sociedade. Jornais e revistas surgiram aos montes pelo país, especialmente no eixo Rio-São Paulo. Nas seções de esporte dos principais jornais, o futebol substituíra as notícias do remo e do turfe, que dominavam o noticiário desde o início do século. (RIBEIRO, 2007, p. 53)

Agora que o preconceito tinha sido quebrado, os desafios passaram a ser mais voltados para o próprio exercício da profissão do que para com o ‘direito’ de se veicular uma matéria na edição diária de determinado jornal. Dentro dos veículos impressos, os

desafios começaram junto ao próprio público alvo dos diários que se propunham a fazer a cobertura do futebol:

Durante o século passado, dirigir redação esportiva queria dizer tourear a realidade. Lutar contra o preconceito de que só os de menor poder aquisitivo poderiam tornar-se leitores desse tipo de diário. O preconceito não era infundado, o que tornava a luta ainda mais inglória. De fato, menor poder aquisitivo significava também menor poder cultural e conseqüentemente ler não constava de nenhuma lista de prioridades. E se o futebol – como os demais esportes – dela fizesse parte, seria necessário ao apaixonado ir ao estádio, isto é, ter menos dinheiro para comprar boas publicações sobre o assunto. (COELHO, 2003, p.9)

Com um panorama que se apresentava pouco atrativo para os proprietários de jornais no começo, a cobertura do jornalismo esportivo impresso no Brasil passou por diversas mudanças ao longo do século XX. Com o advento de novas tecnologias, como o rádio e a televisão, o crescimento desse ramo da profissão se deu com base em eventos esportivos que impulsionaram tanto a paixão dos brasileiros, como a venda de jornais. André Ribeiro destaca alguns desses momentos e suas repercussões, sendo que o primeiro deles foi o mundial de 1938, quando a rivalidade entre os cartolas do Rio de Janeiro e de São Paulo não atrapalharam, pela primeira vez, a participação da seleção brasileira no evento.

A Copa do Mundo de Futebol de 1938 transformou definitivamente a imprensa esportiva brasileira. Desde os preparativos da Seleção até o retorno da França, não se falava em outra coisa nas ruas das grandes capitais do país. Os jornais faturavam alto, e a criatividade de cada um determinou o sucesso nas vendas. (RIBEIRO, 2007,p.98)

Outro momento de grande impacto para a imprensa esportiva do país foi o mundial de 1950, realizado pela primeira vez no Brasil. Para os jornais e seus profissionais, esse foi um momento de grande lucro e expansão.

Desde seu surgimento, no início do século XX, jamais os empresários da mídia esportiva faturaram tanto com o futebol. Participar da cobertura da primeira Copa do Mundo de Futebol realizada no Brasil significava garantir, no futuro, um lugar na história da imprensa esportiva. Ganhando ou perdendo, todos os veículos de comunicação e profissionais da imprensa saíam lucrando. (RIBEIRO, 2007,p.130)

Ainda dentro dessa mesma década, outro fator que alavancou as vendas de jornais e, posteriormente, mudou a forma de enfoque nas coberturas esportivas nos jornais impressos, foi o primeiro mundial conquistado pela seleção brasileira, em 1958. A objetividade e formalidade deram espaço outras abordagens, como conta Heródoto Barbeiro e Patrícia Rangel: “[...] nos anos 1950, prosas e crônicas esportivas faziam

sucesso nos jornais impressos. Tanto que alguns jogos ruins ou violentos podiam virar quase um romance nas linhas desses periódicos”, (RANGEL, 2006, p.55).

Essa mudança na forma de abordagem do esporte coincidiu com a própria renovação das redações impressas do país. Novas ideias e produções tomaram conta dos jornais impressos nas décadas de 60, 70 e 80, como o jornalista Maurício Stycer descreve no livro “História do Lance!: Projeto e prática de jornalismo esportivo”.

Outros marcos de ‘modernização’ da imprensa esportiva – evocados, sobretudo, por jornalistas que participaram de alguns desses projetos, a partir da década 60 – coincidem com as fases de renovação geral dos jornais [...] Eles expressam-se na ampliação e ‘humanização’ da cobertura esportiva, levada a cabo pelo *Jornal da Tarde* e pelo *Jornal do Brasil*, nos anos 60, na criação de uma importante revista de futebol, *Placar*, da editora Abril, no princípio da década de 70, e na disseminação do uso de estatística para explicar os resultados das partidas, experimentado pela Folha de S. Paulo, a partir da década de 80 (STYCER, 2009, p. 9)

Depois de tantas mudanças e adaptações a realidades do próprio fazer jornalístico, outro fato que marcou as redações que cobriam o esporte em jornais impressos do país aconteceu no final de década de 90, quando o empresário Carioca Walter Mattos Jr. Lançou o diário *Lance!*. Esse era um jornal totalmente dedicado a notícias esportivas e que trouxe uma nova concepção de cobertura e vendas no cenário do jornalismo esportivo impresso.

Com quarenta páginas totalmente coloridas e formato tabloide, o *Lance!* foi ideia do jovem empresário Walter [...] A expectativa inicial dos donos do *Lance!* era de em um ano chegar a tiragens de 120 mil exemplares e em quatro anos zerar os investimentos. A estrutura da redação também era ambiciosa: nas duas sedes, paulista e carioca, veteranos da mídia esportiva como Lélio Carmona, Leão Serva e César Seabra misturavam-se a jovens talentos que acabavam de sair das escolas de jornalismo do Brasil, num total de trinta profissionais. A linha editorial Walter Mattos Jr. queria adotar em seu diário esportivo parecia simples: ‘Falaremos pouco de gravatas e muito de chuteiras. Homens de gravata não farão parte de nossas manchetes’ (RIBEIRO, 2007,p.291 e 292).

Em uma avaliação do desenvolvimento da cobertura esportiva por parte dos jornais impressos no país, o jornalista Paulo Vinicius Coelho levanta a abrangência e proporção que os jornais passaram a creditar a essa editoria, que no seu começo sofria com o preconceito por parte dos próprios profissionais que frequentavam as redações “De todo jeito, a partir da segunda metade dos anos 60, com cadernos esportivos mais presentes e de maior volume, o Brasil entrou na lista dos países com imprensa esportiva de larga extensão” (COELHO, 2003, p. 10).



Com o passar dos anos, a difusão da tecnologia também foi um dos fatores fundamentais para a ampliação da imprensa esportiva no Brasil. O advento do rádio, da televisão e da internet, modificou de diversas maneiras a produção e o consumo da notícia esportiva no país, como veremos na próxima parte desse capítulo.

## 2.2 – NOVAS TECNOLOGIAS E O JORNALISMO ESPORTIVO: O RÁDIO, A TELEVISÃO E A INTERNET

Com o crescimento contínuo do futebol no Brasil a partir da década de 20, outra paixão também era inserida na vida da população no mesmo período: o rádio. A tecnologia que surgiu em 1901, quando aconteceu a primeira transmissão de uma mensagem através de ondas radiofônicas entre Europa e Estados Unidos, teve a sua inserção no país em 1922, com o discurso do presidente Epitácio Pessoa. Roquette Pinto, que foi uma grande personalidade do rádio no país, relatou que esse primeiro contato com o veículo de comunicação não teve grande recepção: “[...] a transmissão feita em 1922 foi precária, com a qualidade de som muito ruim e que despertou pouco interesse da população” (GUERRA, 2012, p. 21 e 22).

Se assim como o futebol o rádio também apresentou resistência no começo de sua inserção no Brasil, o tempo provou que ambos conquistariam de forma inigualável a atenção dos brasileiros. O professor e jornalista Márcio Guerra, em seu livro “Rádio x TV: O jogo da narração”, conta que Roquette Pinto, em 20 de abril de 1923, fundou a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. “A partir daí, uma série de outras emissoras começa a surgir em todo o país” (GUERRA, 2012, p.22)

André Ribeiro também destaca a relevância do veículo, mesmo que nesses seus primeiros momentos, para a divulgação do futebol: “O rádio apenas engatinhava, mas o poder de grandes grupos de comunicação e o talento de alguns empresários fariam do novo veículo o mais importante aliado do futebol”. (RIBEIRO, 2007, p.59)

Foi em 1931 que o rádio e o futebol se encontraram oficialmente. O jogo entre as seleções de São Paulo e Paraná foi transmitido pela Rádio Educadora e oficializou a união dessas duas paixões nacionais.

Foi na oitava edição do Campeonato Brasileiro de Futebol, na partida entre as seleções de São Paulo e Paraná, que aconteceu a primeira transmissão de um jogo de futebol da forma como se conhece hoje. [...] Nicolau Tuma, locutor da Rádio Educadora Paulista, recebeu a missão de transmitir o espetáculo que tanto interesse estava despertando nas pessoas. Era o rádio reconhecendo a importância do futebol e vendo ali uma possibilidade de ampliar seu campo de ação. (GUERRA, 2012, p.25).

Essa primeira transmissão foi o pontapé inicial de uma união que continua firme até o hoje. O destaque desse momento protagonizado por Nicolau Tuma foi o que também impulsionou a junção e profissionalização posterior da cobertura esportiva no rádio. “O sucesso obtido por Tuma nas transmissões da Rádio Educadora despertou rapidamente o interesse da concorrência.” (RIBEIRO, 2007, p.77).

Outros profissionais e emissoras passaram a investir na cobertura do esporte e, de seu modo, contribuíram para o avanço da mesma. Um exemplo disso é o surgimento de programas voltados somente para o futebol na programação das rádios, assim como a inserção de novos profissionais nas transmissões, como o comentarista e o plantonista. Nesse cenário, André Ribeiro destaca o trabalho da Rádio Record, ainda na década de 30, que passou a separar horários especiais em sua programação dedicados somente ao futebol.

José Augusto Siqueira, comandante técnico das transmissões, recebia telefonemas dos repórteres que acompanhavam os jogos nos estádios e os colocava no ar: na emissora, “não era nada mais do que uma série de telefones, daqueles de manivela em que se falava do campo”. De lá se dava uma notícia. Siqueira pegava, escrevia num papel e o locutor dizia: “Agora acabou-se de marcar um gol no Parque Antártica”. Pode parecer simples hoje, mas na época o primeiro plantão esportivo do rádio brasileiro, batizado de *Esportes nas Antenas*, foi uma revolução. Na Record, o futebol também era notícia todas as tardes da semana, no programa *Record nos Esportes*, com boletins produzidos em parceria com a equipe comandada por Thomaz Mazzoni no jornal *A Gazeta Esportiva*. Um ano depois de sua criação, a Record já era a maior rádio de São Paulo, considerada modelo pela qualidade de sua programação moderna e popular. (RIBEIRO, 2007, p. 78)

Assim como no jornalismo impresso, um marco dessa expansão da cobertura esportiva no rádio foi a Copa de 1938, disputada na França. O Brasil chegou ao fim da competição com o terceiro lugar e, pela primeira vez, a imprensa esportiva acompanhou e noticiou de forma abrangente o evento. Na rádio, o brasileiro Gagliano Neto foi o único narrador sul-americano a transmitir os jogos da seleção.

A Copa do Mundo de Futebol de 1938 transformou definitivamente a imprensa esportiva brasileira. [...] Não eram apenas os jogadores que se beneficiavam da conquista do terceiro lugar no mundial. A popularidade do futebol fazia empresários da comunicação investirem cada vez mais no esporte. O lucro era praticamente certo, tanto para os que decidiam criar novos jornais como para os que apostavam alto no talento de jovens jornalistas que surgiam na imprensa esportiva. (RIBEIRO, 2007, p. 98 e 102)

Com os investimentos se consolidando e as audiências não parando de atingir níveis recordes, as emissoras de rádio não economizaram investimento no segmento. Na década de 40, a fundação da Rádio Panamericana personificou esse crescimento do jornalismo esportivo no rádio, que buscava cada vez mais a novidade e a diferenciação da concorrência.

Em 1940 é fundada a Rádio Panamericana, hoje conhecida como Jovem Pan. Ela tem um papel importante na história da transmissão esportiva pelo rádio. Foi a primeira emissora a se especializar em esportes. Criou seu departamento de esportes e trouxe, entre outras novidades para a narração do futebol, a figura do comentarista de arbitragem [...]. Também foi a Pan que criou o seu plantão esportivo (profissional que atua nos bastidores, no estúdio, acompanhando outros jogos e dando suporte para a transmissão). [...] Outra novidade criada pela Jovem Pan foi a presença do repórter de campo, que antes era conhecido como narrador de campo, uma vez que ele narrava o lance quando acontecia um escanteio ou falta mais próxima da área. (GUERRA, 2012, p. 30 e 31)

A inserção da Rádio Panamericana no mercado significou que todas as emissoras concorrentes que não comessem a especificar os conteúdos e os profissionais para o jornalismo esportivo, ficariam para trás. “A programação da Rádio Panamericana serviu de modelo e inspiração para muitos programas esportivos que surgiriam anos mais tarde. (...) Uma nova escola de jornalismo esportivo estava nascendo”. (RIBEIRO, 2007, p. 114 e 115).

Em 1950, a Copa do Mundo chegava ao Brasil. Com a proximidade e com as estruturas já instaladas próximas aos locais de partidas, a cobertura das emissoras de rádio brasileira foi massiva. O evento que enaltecia os profissionais que tinham muito tempo de carreira estava ao alcance de praticamente todas as emissoras do país.

Participar da cobertura da primeira Copa do Mundo de Futebol realizada no Brasil significava garantir, no futuro, um lugar na história da imprensa esportiva. Ganhando ou perdendo, todos os veículos de comunicação e profissionais da imprensa saíram lucrando (RIBEIRO, 2007, p. 130)

A derrota contra o Uruguai, por 2 a 1, na final do campeonato, foi um ‘balde de água’ fria nos torcedores brasileiros. “Muitos torcedores apaixonados pelo futebol e que sentiram de perto, pela rádio ou pelos jornais, a dor daquela derrota tinham tudo para riscar de seus calendários o ano de 1950” (RIBEIRO, 2007, p.135).

Mas, se por um lado o começo dessa década trouxe decepções para os torcedores, os próximos anos guardavam grandes surpresas para os apaixonados pelo esporte e para os profissionais da área. A primeira delas veio dois meses depois da derrota do Brasil no mundial, a inauguração da televisão no país.

No dia 18 de setembro de 1950 entrou no ar a TV TUPI, canal 3 de São Paulo. Seu proprietário era o maior empresário das comunicações do país, Assis Chateaubriand [...] Chatô gastou 5 milhões de dólares em trinta toneladas de equipamentos para serem utilizados na televisão, mas apesar do investimento milionário a qualidade de transmissão era péssima, com chuveiros eletrônicos permanentes. (RIBEIRO, 2007, p. 135).

Se a televisão no começo ainda não tinha grande qualidade e apelo para o público, no mesmo período o rádio já tinha se tornado uma paixão nacional, assim como o futebol. Com o rápido processo de urbanização que se instalou no Brasil na década de 50, um hábito que perdura até hoje nos mais diversos campos espalhados pelo país se consolidou: o rádio presente também dentro do campo de futebol.

Levar o rádio para o estádio tornou-se mais que um hábito. Era o acessório e o companheiro de futebol imprescindível. (...) o rádio passou a fazer parte da ‘bagagem’ que cada torcedor leva para o estádio. Já não bastava apenas assistir, era preciso acompanhar a narrativa. Uma expressão que logo foi incorporada e explorada pelos narradores de futebol foi a de que “brasileiro não vive sem rádio”. (GUERRA, 2012, p. 35 e 36)

Diferente dos outros veículos que demoraram a cobrir o futebol enquanto esporte, quando a televisão chegou ao Brasil, a modalidade já tinha um grande apelo com o público, por isso teve espaço desde o começo na programação do veículo. “Desde o primeiro dia que a televisão entrou no ar, o esporte teve espaço privilegiado.” (RIBEIRO, 2007, p.135). Programas como o *Vídeo Esportivo* e *Imagens do Dia* traziam o futebol em destaque dentro dos seus assuntos.

Dentro dessa realidade, uma das primeiras ações dos empresários que investiram na instalação da TV no Brasil foi a importação de profissionais do rádio para o novo veículo.

Programas, apresentadores, músicos, diretores, todos migram para o novo veículo. Até por isso, o surgimento da televisão na vida do brasileiro passa a impressão de um rádio com imagem. Claro, com o tempo, tal qual o rádio, a linguagem televisiva foi encontrando também sua forma própria, [...] (RIBEIRO, 2012, p.96)

A primeira cobertura do futebol para televisão no Brasil foi feita pelos cinegrafistas Jorge Kurkjian, Paulo Salomão e Alfonso Zibas, que acompanharam uma partida entre São Paulo e Portuguesa no estádio do Pacaembu. “Sem avisar ao árbitro do jogo, posicionou-se [Zibas] à beira do gramado e passou a gravar as imagens. O juiz não concordou e Zibas acabou sendo expulso de campo” (RIBEIRO, 2007, p.135).

Ainda nessa década, um marco para o jornalismo esportivo foi a vitória do Brasil na Copa do Mundo de 1958. “Veículos para divulgar o que acontecia nas distantes cidades de Gotemburgo e Estocolmo era o que não faltava. Em 1958 existiam 708 estações de rádio, oito de televisão e mais 252 jornais diários” (RIBEIRO, 2007, p.165).

A cobertura desse evento por parte das emissoras de rádio foi enorme, mas o destaque desse momento talvez fique para a própria televisão, que recebeu grandes retornos financeiros e numéricos após o evento. “Até a Copa havia no Brasil, no máximo, mil receptores de TV. Em 1960, o número chegava a 621.919 unidades” (RIBEIRO, 2007, p.170). E para o veículo que começou tímido, com apenas uma emissora em 1950, os avanços foram consideráveis nos dez primeiros anos de funcionamento “No final da década de 1950, estavam em funcionamento dez emissoras no Brasil” (GUERRA, 2012, p.98).

No começo da década de 60, a televisão já tinha se tornado um grande fenômeno comercial no Brasil. “Fazer televisão no Brasil começava a ser um grande negócio. A disputa entre Paulista, Tupi e Record, as principais emissoras do país, obrigava seus proprietários a modernizar rapidamente suas estruturas [...]”(RIBEIRO, 2007, p.180).

A Copa de 1962, no Chile, foi marcada pela conquista de mais um título mundial pela seleção brasileira. O rádio ainda era o veículo de maior audiência no país e que efetivamente transmitiu em tempo real o evento, mas o fenômeno da televisão não deixou de aproveitar o momento e trazer novidades tecnológicas e motivar o público brasileiro.

Os jogos do Mundial do Chile só eram exibidos na televisão com dois dias de atraso. Pode parecer muito, mas pela primeira vez o torcedor brasileiro, que antes só via lances dos jogos nos cinejornais uma semana depois, começava a ver a partida inteira, em videoteipe. (RIBEIRO, 2007, p.187)

Esses avanços tecnológicos foram colocando a televisão definitivamente no cenário da comunicação do país. Ainda em 1962 o novo veículo conseguiu superar, pela primeira vez, o rádio e os jornais impressos em captação de verbas publicitárias, fato esses que estimulou os investimento na busca de cativar novos públicos para o veículo. “Investir em novas ideias significava ampliar ainda mais o poderio da televisão diante do público consumidor do esporte, especialmente dos fanáticos torcedores”. (RIBEIRO, 2007, p. 190).

Dentro desses investimentos, o destaque da década talvez fique para o advento do modelo de programa ‘mesa-redonda’ na televisão brasileira. O programa *Grande Resenha Facit*, da TV Rio, entrou no ar no final de 1963. “[...] a mesa-redonda transformou-se em um programa obrigatório aos domingos para o torcedor carioca e eterno modelo para gerações futuras.” (RIBEIRO, 2007, p.191).

Em 1965 uma nova emissora de televisão entrava no ar no Brasil. A TV Globo reformulou a maneira de se fazer televisão no país e logo atingiu retornos surpreendentes em níveis comerciais e de público. “Em 1965 surge a TV Globo, que em pouco tempo se tornou o maior império televisivo do país, derrubando os Associados e dominando a audiência até hoje.” (GUERRA, 2012, p.100)

Foi na década de 1960 que os brasileiros e, também, os jornalistas passaram a conviver com um dos momentos históricos mais conturbados de nossa história: a ditadura militar. A intervenção do poder público nas redações através da censura trouxe mudança também para o jornalismo esportivo.

A crise política no país, que impedia a liberdade de imprensa em diversas redações, fazia das secções esportivas de jornais, rádios e televisões um espaço aberto para desafogar a criatividade e a ousadia reprimidas em outras editorias. (RIBEIRO, 2007, p.204)

Os avanços tecnológicos e os investimentos financeiros no meio televisivo levaram a primeira transmissão ao vivo de uma Copa do Mundo para o Brasil: a de 1970, no México. “A Copa de 1970 tem importância não só pela conquista do tricampeonato pela Seleção Brasileira, mas também pelo fato da televisão estar transmitindo [...]”.(GUERRA, 2012, p.102). Mesmo com poucos aparelhos ainda em circulação no Brasil, o momento foi celebrado e marcou a história da comunicação no país. “Apesar da força da rádio, quem poderia deixar de assistir à primeira Copa transmitida ao vivo pela televisão?” (RIBEIRO, 2007, p. 210).

Agora que a transmissão de partidas de futebol ao vivo era uma realidade no Brasil, uma polêmica que se iniciou junto com o processo de instalação da TV no país ganhava mais força: os jogos mostrados na televisão levavam a uma fuga do público nos estádios? Se nos anos 50 e 60 as emissoras de televisão chegaram a ser proibidas de entrar nos estádios, agora as instituições envolvidas nessa relação viam uma nova ‘alternativa’ para o problema.

Dirigentes de clubes começavam a enxergar um novo caminho para arrumar dinheiro para suas agremiações, ou quem sabe para seus próprios bolsos. Era o início das negociações sobre os direitos de transmissão que, pela sobrevivência, levariam os clubes a uma crônica dependência da televisão. (RIBEIRO, 2007, p. 246)

Se as emissoras de televisões, a partir da década de 70, passaram a brigar pelos direitos de transmissão das partidas, as rádios ainda recebiam retornos enormes do público e dos anunciantes pelas transmissões das partidas de futebol pelo país. “No final da década de 70, as rádios davam show todo domingo nas principais capitais do país. [...] As emissoras tinham faturamento condizente com o que punha em prática.” (COELHO, 2003, p.28 e 29)

O mercado se tornou mais agressivo para as emissoras de televisão na década de 80, que passaram a protagonizar uma grande disputa pela audiência. Nesse sentido, a TV Globo investiu pesado para garantir a hegemonia das transmissões esportivas no Brasil. “No Mundial da Espanha, em 1982, a emissora carioca demonstrou seu poderio ao comprar com exclusividade os direitos de transmissão para o Brasil por 14 milhões de dólares” (RIBEIRO, 2007, p. 254).

Esse fato não se repetiu no Mundial de 1986, no México, já que a TV Globo não conseguiu a exclusividade de transmissão para o evento. “[...] um *pool* de emissoras foi formado para transmitir os jogos. Record, Bandeirantes e SBT criaram até um slogan para o trabalho: ‘Unidos Venceremos’” (RIBEIRO, 2007, p. 263).

Foi no final da década de 80 que a disputa entre os dirigentes de clubes e as emissoras de televisão, pelos direitos de transmissão de partidas ao vivo no Brasil, chegou ao fim. “[...] a partir de 1987 a televisão voltou a ter o direito de televisionar jogos ao vivo. O novo Campeonato Brasileiro teve dezesseis clubes, patrocinador forte, e na mídia, espaço suficiente para faturar e noticiar” (RIBEIRO, 2007, p. 266)

A década de 90 começou com grandes transformações para a televisão no Brasil. Logo em 1991 foi criada a Globosat, que permitiu o acesso do público a canais de TV por assinatura no país. O ‘Sportv’ foi o primeiro canal por assinatura com programação

exclusiva dedica ao esporte no país. A concorrência para a Glosat na transmissão esportiva dentro da TV por assinatura chegou em 1993, com a criação da TVA Esportes, do Grupo Abril. “Os dois canais, ligados a grandes grupos de comunicação do país, travaram um duelo de titãs nos bastidores, para obter a exclusividade das transmissões dos principais campeonatos estaduais e nacionais” (RIBEIRO, 2007, p.278),

Nos canais da TV aberta a disputa pelas transmissões esportivas no país estava também dividida entre dois canais. “ (...) Globo e Bandeirantes eram detentoras dos direitos de transmissão dos principais eventos esportivos do mundo da bola. A concorrência entre as duas era acirrada.” (RIBEIRO, 2007, p.278)

Em uma avaliação desse cenário na primeira metade da década de 90, o jornalista André Ribeiro revela a contradição que toda essa disputada pelo mercado da transmissão esportiva significava.

[...] a cada dia a televisão, sempre considerada vilã para os dirigentes esportivos, passou a ser o principal instrumento de sobrevivência para os clubes brasileiros. O surgimento de canais por assinatura no Brasil e a disputa pelos direitos exclusivos de transmissão aumentavam ainda mais a receita que dirigentes esportivos poderiam embolsar sem fazer nenhuma força. (RIBEIRO, 2007, p. 278).

Assim como em momentos anteriores de sua história, foi depois da primeira metade da década de 90 que o jornalismo esportivo sofreu grande transformação com a chegada de um novo meio de comunicação de massa: a internet. O veículo trouxe uma reviravolta para os jornais impressos, rádios e, inclusive, canais de televisão, que se viram obrigados a adaptar os seus conteúdos aos moldes do mundo digital e, também, profissionalizar os seus trabalhadores pensando nessa forma de notícia.

A informação passava a ser praticamente instantânea. A velocidade com que uma notícia podia chegar ao público acirrava a competição e obrigava qualquer jornal ou revista a entrar no mundo da internet. Foi uma autêntica febre. Grandes investidores passaram a viabilizar a estruturação da informação via sites, tornando cada vez maiores os investimentos nesse segmento da mídia, e cada vez mais atrativas as vagas nessas redações (RIBEIRO, 2007, p. 295).

Após o surgimento da internet, se inserir no mundo online era quase que uma ‘obrigação’ para grande parte dos veículos de comunicação.

A internet se transformou em veículo parceiro e, às vezes, tão forte quanto os antecessores. [...] Em 1998, o jornal Lance! surgiu já com o Lancenet. Em 1999, foi criado o canal a cabo PSN, cujo portal captou jornalistas em outras redações, pagando salários altíssimos. (OLIVEIRA, 2013, p.106)



Em uma avaliação sobre a inserção da internet no cenário do jornalismo esportivo do Brasil, o jornalista Paulo Vinicius Coelho (2003) aborda também os pontos negativos que o mundo online trouxe para o mercado.

A estabilidade chegou em 2002. Quem tinha que continuar investindo, continua até hoje. Quem não tinha, deixou a área e já não causa grandes rebuliços. Mas o estrago foi considerável. Bons profissionais deixaram o mercado e têm dificuldade para retornar. Alguns desistiram. Quem continua trabalhando produz notas diárias, com informações que causam no jornal do dia seguinte o sabor de pão amanhecido. Claro, para quem tem o hábito de acompanhar a todos os noticiários dos sites. (COELHO, Paulo, 2003, P.61-62)

Desde a sua introdução no Brasil, o futebol tem sido peça fundamental para o desenvolvimento do jornalismo esportivo no país. A seu modo, o esporte, jornalistas, jogadores, veículos e o público, têm construído juntos a história dessa grande paixão nacional. O estudo completo da cobertura de uma Copa do Mundo no Brasil, pelo jornal de maior audiência no país, depende da compreensão histórica de que o que vemos hoje como jornalismo esportivo, é o resultado de um processo de mudanças e transformações ao longo dos anos, como observamos ao longo desse capítulo.

### 3 – JORNAL NACIONAL

No dia 1º de setembro de 1969 entrava no ar a primeira edição de um marco da televisão brasileira: o Jornal Nacional. O JN foi o primeiro telejornal transmitido em rede nacional no Brasil e tinha o objetivo de fazer frente a outro fenômeno televisivo da época, o *Repórter Esso*.

O Jornal Nacional, lançado para competir com o Repórter Esso, da TV Tupi, em pouco tempo se tornaria campeão de audiência, o maior destaque da programação jornalística da televisão brasileira. O telejornal era parte estratégica de um ambicioso projeto de Walter Clark e José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, Boni, para transformar a Globo na primeira rede de televisão do Brasil. (S/A, 2004, p.28).

Toda inovação de se colocar no ar um programa de alcance nacional só foi possível graças ao desenvolvimento tecnológico da televisão no país. Os militares que estavam no poder desde 1964, após um golpe de estado, queriam mostrar que o Brasil já era um país desenvolvido e, por isso, passaram a criar e investir em empresas que pudessem transmitir essa imagem, como a *Embratel*. “Em março de 1969, a Embratel inaugurou o Tronco Sul, rota terrestre de sinais de TV que permitiu, por um sistema de micro-ondas, a integração de Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre e Curitiba”. (S/A, 2004, p.28). Após essa obra, o sistema de gravação e entrega de videotapes, que era o responsável por levar os materiais produzidos pela Rede Globo, no Rio de Janeiro, para o resto do país não era mais necessário. A ligação direta entre esses polos permitiu a TV Globo colocar no ar um programa como o Jornal Nacional. “Essa rede proporcionou à TV Globo a capacidade técnica de colocar no ar o primeiro programa verdadeiramente de alcance nacional” (S/A, 2004, p.28).

O Jornal Nacional passou a fazer parte da rotina diária dos brasileiros, que durante os anos criaram o hábito de se reunir para assistir as principais notícias do dia no Brasil e no mundo. O sucesso desse produto da televisão brasileira é uma mistura de fatores. “O Jornal Nacional representa o conjunto mais bem-acabado de marcas que caracterizariam um telejornal: a temática, o formato, o cenário, os apresentadores, tudo contribui para a identificação do programa com o gênero.” (GOMES, 2005, p.6)

Se hoje o Jornal Nacional é considerado um marco da televisão brasileira, muito disso se deve a sua construção histórica ao longo dos anos. Para entender a relevância que esse produto tem no cotidiano dos brasileiros e como ele estabelece uma relação

com o seu público alvo, temos que entender como esse laço foi construído com o passar do tempo.

### 3.1 - HISTÓRICO

Em suas primeiras edições, o Jornal Nacional foi apresentado pelos jornalistas Hilton Gomes e Cid Moreira. Em seu formato inicial o JN tinha duração de 15 minutos divididos entre três blocos. Mesmo representando uma inovação tecnológica para o ano de sua estreia, 1969, o trabalho e os equipamentos usados na produção do JN ainda traziam grandes dificuldades para os profissionais envolvidos.

Na produção das reportagens, o jornalismo usava o suporte técnico do cinema, ou seja, o filme em 16mm, uma vez que ainda não existia o videoteipe portátil. Os equipamentos eram muito pesados, não permitindo a agilidade necessária à reportagem de rua (S/A, 2004, p. 29)

Criado em um período de grandes mudanças, o Jornal Nacional representou não somente uma transformação tecnológica na maneira de se produzir e transmitir um telejornal no Brasil, mas também uma modificação conceitual no formato estabelecido para esse tipo de programa jornalístico. “O que caracterizava o nosso jornal era o som direto. [...] além de imagens cobertas com áudio do locutor, inseríamos depoimentos, com voz direta da pessoa falando”<sup>2</sup> (S/A, 2004, p.34). O *Repórter Esso*, programa de referência para o jornalismo na televisão nacional, logo foi perdendo espaço para esse novo modelo que se caracterizava não por um grande volume de matérias curtas, mas pelo desenvolvimento maior de assuntos e a reportagem sempre presente no local do fato. “Nós contamos no *Repórter Esso* 20 notícias e no *Jornal Nacional* só oito [...] e eu sempre tinha que explicar que nós estávamos fazendo uma revolução na linguagem televisiva”<sup>3</sup> (S/A, 2004, p.34).

Outro ponto de destaque dentro da mudança de formatação dos noticiários brasileiros, incorporado pelo Jornal Nacional, é o conceito de um telejornal realmente nacional.

---

<sup>2</sup> Entrevista de Armando Nogueira, idealizador do Jornal Nacional, para o projeto ‘Memória Globo’.

<sup>3</sup> Entrevista de Armando Nogueira, idealizador do Jornal Nacional, para o projeto ‘Memória Globo’.

As matérias deveriam ser de interesse geral e não regionais ou particularistas. Os assuntos tinham que chamar atenção tanto do telespectador de Manaus quanto de Porto Alegre. Era necessário não superdimensionar uma região em detrimento de outra, pensar sempre em como determinada nota poderia repercutir em estados diferentes. (S/A, 2004, p.39).

Nos três primeiros anos de Jornal Nacional diversas mudanças chegaram até o programa, que nesse período já tinha se tornado líder de audiência do gênero no país. Em 1971, o apresentador Hilton Gomes deixou a bancada do JN para dar lugar ao jornalista Ronaldo Rosas que, um ano depois, também cedeu espaço para Sérgio Chapelin que, junto com Cid Moreira, apresentou o telejornal até 1983.<sup>4</sup>

Em 1972, a cor chegou à televisão brasileira. A primeira transmissão foi realizada na Festa da Uva, no Rio Grande do Sul, pela TV Difusora. No começo, a implementação da tecnologia não estava nos planos da TV Globo, mas por pressões políticas o sistema, aos poucos, foi entrando na programação da emissora. “[...] para os militares, a televisão colorida era importante porque representava um sinal de progresso, mas a iniciativa não interessava à TV Globo no momento pelo investimento necessário.” (S/A, 2004, p.52). A partir de 1973, as reportagens do Jornal Nacional passaram a ser regularmente feitas em filme colorido. “A primeira foi em 19 de julho, nos funerais do senador Filinto Muller.” (S/A, 2004, p.52).

Durante os seus seis primeiros anos no ar, o Jornal Nacional conviveu com um forte período de censura por parte da ditadura militar que, desde 1968, ano de implementação do Ato Institucional nº 5, passou a controlar fortemente os veículos de comunicação do país. “Quanto mais poder e mais popular era a Rede Globo, maior era a pressão dentro da redação”<sup>5</sup>. Como o Jornal Nacional em pouco tempo se tornou o noticiário de maior audiência do país oficiais da SNI (Serviço Nacional de Informação) passaram a exercer maior controle sobre o que era veiculado diariamente.

---

<sup>4</sup> Memória Globo, disponível em:  
<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-nacional/evolucao.htm>

<sup>5</sup> Depoimento de Renan Soares, ex-editor do Jornal Nacional, para o especial comemorativo dos 50 anos de Jornalismo da TV Globo., disponível em: <http://globoplay.globo.com/v/4124120/>

Nós tínhamos todos os dias na redação a lista dos assuntos que não poderiam ser tocados no JN, sendo que essa lista era estabelecida pelo censor. Então nós muitas vezes não sabíamos de fato das coisas, porque de repente um assunto não podia mais entrar na edição<sup>6</sup>

Além dos temas que eram censurados diariamente, a intervenção nos textos de repórteres e apresentadores também era comum na rotina do Jornal Nacional durante a época. “Não eram só os temas que eram censurados, as palavras também eram. Em particular eu lembro da palavra ‘fome’. Eu não podia mostrar nem dizer que três milhões de pessoas estavam morrendo de fome no sertão do nordeste”<sup>7</sup>

Com a pressão enorme dentro das redações brasileiras por conta da censura, uma das alternativas para elaborar as edições do Jornal Nacional foi o desenvolvimento do noticiário internacional dentro do telejornal. Correspondentes brasileiros foram enviados a várias partes do mundo nos anos 70. “Eles personalizavam as notícias, tinham a visão brasileira, sabiam o que era interesse nacional” (S/A, 2004, p.42). Outro fato que também contribuiu para esse crescimento na cobertura internacional do JN foi um contrato assinado com a agência de notícias *United Press Intenational*, em 1973. Imagens passaram a ser geradas diariamente via satélite para o JN, o que resolveu um grande problema de logística na redação, já que, antes os materiais vinham por aviões e o conteúdo chegava com cerca de três dias de atraso.

Em 1974, com a chegada do general Ernesto Geisel ao poder, o Brasil começou a passar por um processo de abertura, definida por ele mesmo com “lenta, gradual e segura”. “A chegada de Geisel ao poder representou um novo tempo para o Jornal Nacional. [...] A partir desse momento, os repórteres da Rede Globo passaram a cobrir diariamente o Congresso Nacional, o Palácio do Planalto e os ministérios” (S/A, 2004, p. 69 e 70). Ainda em seu mandato, o general Geisel concedeu uma entrevista para a equipe de jornalismo da Rede Globo durante uma viagem oficial para o Japão pela presidência. “O presidente naquela época não dava entrevistas, foi um grande furo de reportagem nosso”<sup>8</sup>.

---

<sup>6</sup> Depoimento de Gloria Maria, repórter do Jornal Nacional, para o especial comemorativo dos 50 anos de Jornalismo da TV Globo, disponível em: <http://globoplay.globo.com/v/4124120/>

<sup>7</sup> Depoimento de Francisco José, repórter do Jornal Nacional, para o especial comemorativo dos 50 anos de Jornalismo da TV Globo, disponível em: <http://globoplay.globo.com/v/4124120/>

<sup>8</sup> Depoimento de Heraldo Pereira, repórter do Jornal Nacional, para o especial comemorativo dos 50 anos de Jornalismo da TV Globo, disponível em: <http://globoplay.globo.com/v/4124120/>

Em 1976 um novo *boom* tecnológico chegou até a Rede Globo e impactou profundamente a rotina de produção do Jornal Nacional: o jornalismo eletrônico. Os novos equipamentos trouxeram uma revolução prática no modo de se produzir as reportagens do JN, principalmente para os repórteres e cinegrafistas.

O equipamento eletrônico permitia ao cinegrafista constatar na hora, olhando no monitor, se havia cometido algum erro. [...] Depois que a nova tecnologia foi implantada, o repórter passou não só ir ao local dos acontecimentos e apurar as informações, mas também a fazer o texto e ele mesmo apresentar. (S/A, 2004, p.90)

A partir de 1979, o Jornal Nacional começou a passar por diversas modificações de cenário e vinhetas, tudo sobre a responsabilidade do designer Hans Donner. Em quatro anos, o JN sofreu três alterações no seu cenário “o que possibilitou um jogo de câmeras e maior movimentação dos apresentadores” (S/A, 2004, p.92) e trocou sua vinheta quatro vezes no mesmo período. A última delas, colocada no ar em 1983, foi a primeira vinheta de abertura no Jornal Nacional feita a partir de recursos de computação gráfica. “Para fazer essa vinheta, que mostrava um globo flutuando na tela, de onde saíam diversos ‘JN’s, Hans Donner usou apenas imagens geradas por computador” (S/A, 2004, p.96).

Ainda em 1983, uma nova mudança chega à bancada do Jornal Nacional: o apresentador Sérgio Chapelin é contratado pelo SBT e deixa seu lugar como âncora no Jornal Nacional. Quem assume o posto de Chapelin é o jornalista Celso Freitas, que fica na apresentação do JN até 1989 quando o próprio Chapelin retorna para o telejornal.<sup>9</sup>

Pensando em dinamizar os trabalhos dentro da redação do Jornal Nacional e também facilitar o acesso do editor responsável a tudo que estava sendo produzido para a edição diária, Armando Nogueira, em 1985, resolveu criar editorias especializadas. “Inicialmente, as editorias eram quatro: Brasil (Carlos Henrique Schroder) Política (Ronald Carvalho), Economia (Paulo Henrique Amorim) e Internacional (Henrique Coutinho).” (S/A, 2004, p.150). Essa é uma concepção que funciona até hoje na produção diária do JN, com o acréscimo de novas editorias que chegaram ao longo dos anos.

---

<sup>9</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-nacional/mudanca-na-apresentacao-e-no-tempo.htm>

Após as mudanças estruturais e conceituais trazidas pela implementação da tecnologia digital em 1976, treze anos depois, em 1989, uma segunda etapa de transformações chega ao Jornal Nacional. No campo estético das mudanças, o JN passou a contar com dois novos estúdios para a apresentação do telejornal, um fixo e um móvel.

O fixo foi criado por Hans Donner. Era uma mesa de acrílico com ares futuristas, iluminada por luz néon vermelha, onde ficavam os locutores. [...] O cenário móvel, criado pelo diretor de arte da CGJ, Delfim Fujiwara, ao lado de Alexandre Arrabal e Luis Felipe Cavalleira, era composto de desenhos feitos num computador. [...] Mais de 50 novos selos foram criados para ilustrar assuntos relacionados às editorias de economia, política, esporte e geral (S/A, 2004, p. 186).

Nas mudanças de concepção jornalística, o JN passou a investir em uma prática pouco utilizada até o momento: o comentário.

Em 1989, buscando aprofundar o novo conceito de jornalismo denso, o Jornal Nacional começou a somar análise ao noticiário, com a participação de comentaristas especializados, como Paulo Henrique Amori, Joelmir Beting, Lillian Witte Fibe e Alexandre Garcia. Eles contextualizavam e explicavam para os telespectadores, numa linguagem simples, as informações políticas e econômicas. (S/A, 2004, p.188)

No começo da década de noventa, a redação do JN foi totalmente informatizada. Os computadores passaram a interligar, em um espaço virtual, todas as praças e profissionais que trabalhavam na produção de uma edição do telejornal. Esse avanço representou mais rapidez nos trabalhos e também um sistema de controle de informação mais rígido por parte dos editores gerais do Jornal Nacional. “Antes, era tudo no papel: cada alteração no script exigia dez cópias. Você batia à máquina, ia correndo na Xerox, tirava dez cópias, saía distribuindo para o operador do teleprompter, para o apresentador, etc. Era uma loucura” (S/A, 2004, p.236)

Em 1991, estreia o primeiro quadro fixo apresentado por uma mulher no Jornal Nacional. Sandra Annenberg diariamente trazia as informações sobre a previsão do tempo no telejornal. “O quadro do tempo era produzido em São Paulo e gerado para o Rio por volta das 19h. Mas, naquela época, os equipamentos meteorológicos no Brasil eram ainda precários e o índice de erro nas previsões, muito grande” (S/A, 2004, p. 232).

Nesse mesmo ano, um fato em específico trouxe uma nova abordagem para as entradas ao vivo dos repórteres que participavam das coberturas pelo mundo: a Guerra do Golfo. Com transmissão simultânea pela Rede Globo, quatro equipes completas foram enviadas para cobrir e alimentar os telejornais da emissora com informações e reportagens. Dentro do Jornal Nacional essa foi a primeira vez na história que os repórteres conversaram entre si em uma entrada ao vivo. “Numa época em que a transmissão ao vivo ainda era uma operação arriscada, sujeita a inúmeras falhas, aquilo foi uma ousadia” (S/A, 2004, p.242).

Ainda na primeira metade da década de 90, um novo setor começa a trabalhar em peso dentro das redações do JN: o subdepartamento das reconstituições. Eram ao todo vinte profissionais voltados somente para reconstituição de casos que iriam entrar na edição do Jornal Nacional, sendo que elas poderiam ser feitas com gravações junto a figurantes ou mesmo por desenhos e ilustrações.

A dificuldade estava diretamente ligada ao evento. Se era um assalto a banco, joalheria, a gente já tinha os movimentos, as ações mais ou menos codificadas dentro da cabeça. A gente sabia como fazer a sequência. Se fosse alguma coisa nova, inusitada, tinha que partir do zero, da descrição do repórter que estava no local, isso quando havia repórter.<sup>10</sup> (S/A, 2004, p. 232)

Evandro Carlos de Andrade assume a Direção de Jornalismo da Rede Globo em 1995. Ex-diretor do jornal *O Globo*, Evandro tinha ficado na mídia impressa por 40 anos. Com o lema “Mais Brasil e menos Brasília”, o jornalista, junto com uma equipe de profissionais, passou a executar diversas mudanças no JN. “Sua gestão foi marcada pelo aprofundamento da linha investigativa no noticiário, pela ênfase nas questões relativas à cidadania e pelo fortalecimento do jornalismo comunitário” (S/A, 2004, p.285). Entre as mudanças de maior impacto durante a gestão de Evandro à frente da Direção de Jornalismo está a alteração na apresentação do JN: em 1996, saiam da bancada os então consagrados locutores Cid Moreira e Sérgio Chapelin, para a entrada de dois jornalistas, William Bonner e Witte Fibe. “O objetivo da mudança era colocar à frente do telejornal jornalistas profissionais, envolvidos com a produção de matérias. Buscava-se, assim, dar maior credibilidade às notícias e dinamizar as coberturas” (S/A, 2004, p. 287 e 288).

---

<sup>10</sup> Entrevista de Roberto Simões, responsável pelo subdepartamento de reconstituições do JN durante sua implementação, para o projeto ‘Memória Globo’.



Em 1996, novos quadros também entraram no ar dentro do Jornal Nacional, priorizando os comentários de jornalistas especializados em determinados assuntos. Galvão Bueno passou a comentar esporte, Carlos Magno a previsão do tempo e Arnaldo Jabor os mais diversos temas. Em 1997, o JN passou a contar com o sistema de *closed caption*, tecnologia que legenda tudo que é dito no telejornal. “A utilidade do serviço é enorme: de acordo com o IBGE, existiam cerca de seis milhões de pessoas com deficiência auditiva no país” (S/A, 2004, p. 292).

Uma nova mudança na apresentação do Jornal Nacional foi feita em 1998, quando Fátima Bernardes assumiu o posto de Lillian Witte Fibe. Junto com William Bonner, Fátima Bernardes apresentou o JN por 14 anos, formando a segunda dupla de apresentadores que mais tempo passaram à frente do noticiário.

Pesquisas de opinião indicavam Fátima como a favorita do público para substituir Lillian. Com a experiência adquirida como editora-chefe do Jornal Hoje, Fátima chegava ao JN não só como parceira de Bonner na apresentação do jornal, mas também como editora executiva. Nos 14 anos à frente do Jornal Nacional, Fátima Bernardes participou de grandes e inesquecíveis coberturas. Edições históricas que mobilizaram todo o jornalismo da TV Globo. Como a dos atentados de 11 de setembro de 2001.<sup>11</sup>

Em 1999, William Bonner acumula o cargo de editor-chefe do Jornal Nacional e começa um processo de mudanças na estética do JN, que culmina em 26 de abril de 2000, na comemoração de 35 anos de telejornal no ar, em uma completa reformulação no cenário.

O telejornal deixou o estúdio tradicional para ser apresentado de dentro da redação. A bancada dos apresentadores – totalmente modificada e transformada em área de trabalho dos jornalistas, com um monitor e um computador – foi transferida para um mezanino, construído em uma das extremidades da redação, a três metros e meio de altura do chão. Na abertura do telejornal, uma grua passou a mostrar as atividades da redação, passeando, lentamente, no sentido da bancada. Nesse movimento, entram em cena sete painéis de 12 metros de largura presos ao teto que, no final, formam um grande planisfério estilizado, com o Brasil no centro. (S/A, 2004, p.293).

No dia 11 de setembro de 2001, o mundo inteiro parou com os atentados terroristas contra as torres gêmeas de World Trade Center, em Nova York, nos Estados Unidos. A Rede Globo transmitiu ao vivo os ataques que mataram 2996 pessoas. Durante quatro horas no ar, Carlos Nascimento e Ana Paula Padrão mostraram os fatos

---

<sup>11</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/fatima-bernardes/trajetoria.htm>

ao mesmo tempo em que aconteciam em Nova York. Naquele dia, os esforços foram completamente voltados para a produção de um Jornal Nacional especial, que ficou durante uma hora no ar, trazendo todas as informações sobre os atentados e suas repercussões em todo o mundo.

O JN foi feito em poucas horas. A gente foi muito ágil e conseguiu fazer um jornal inteiro voltado para aquele assunto. Tinha toda a dificuldade de você tentar chegar ao local, o isolamento da área. Os repórteres não chegavam muito perto, mas a gente conseguiu ouvir brasileiros que estavam por ali. Foi um marco para nós, [um exemplo] do que pode ser uma ampla cobertura. Tinha toda a dramaticidade, a crueza do fato, mas não era um jornal apelativo, era informativo. As pessoas perderam o fôlego e a audiência foi assombrosa.<sup>12</sup>

Essa edição especial do Jornal Nacional valeu a indicação à final da Academia Nacional de Artes e Ciências da Televisão dos Estados Unidos ao prêmio do Emmy Internacional. “Trabalhos do mundo inteiro concorreram ao prêmio, uma espécie de Oscar da televisão para emissoras estrangeiras. A TV Globo foi uma das quatro finalistas, ao lado da alemã RTL e das britânicas ITN e BBC”. (S/A, 2004, p.342).

Em 2002, o Jornal Nacional decidiu investir em um projeto que dura até hoje em anos de eleições presidenciais no país: as entrevistas ao vivo com os aspirantes ao cargo. Esse foi um projeto elaborado desde 2001, onde a intenção era levar para a bancada do JN os candidatos à presidência, com o intuito de esmiuçar seus programas de governos e discutir contradições de suas candidaturas.

Essa inovação de 2002 permitiu que em horário nobre, ao vivo, os candidatos fossem confrontados com questões desconfortáveis. Perguntas que eles preferiam que nós não tivéssemos feito. Às vezes o fato de haver perguntas difíceis pode dar a ideia errônea de que o clima daqueles momentos era sempre horrível, mas não era nada disso. Quando terminava nós nos cumprimentávamos e conversamos.<sup>13</sup>

Nesse mesmo ano, após o período eleitoral, outra novidade foi incorporada as edições diárias do JN: o uso de videocharges de Chico Caruso. “Com 30 segundos de duração, em média, as charges satirizam, os fatos políticos de maior relevância para o noticiário” (S/A, 2004, p.376),

---

<sup>12</sup> Depoimento de Fátima Bernardes ao projeto Memória Globo, disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/atentados-de-11-de-setembro.htm>

<sup>13</sup> Depoimento de William Bonner, editor-chefe e apresentador do Jornal Nacional, para o especial comemorativo dos 50 anos de Jornalismo da TV Globo, disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/04/jornalistas-lembram-decada-marcada-pelo-maior-atentado-da-historia.html>.

Com a chegada de mais um ano eleitoral para a escolha do cargo máximo do poder executivo no Brasil, a presidência, em 2006, o Jornal Nacional decidiu por lançar uma nova empreitada para mostrar os desejos da população brasileira para o futuro: a *Caravana JN*. Uma equipe de 15 profissionais, liderados pelo jornalista Pedro Bial, visitaram os 27 estados do país, percorrendo o total de 16.409 km e produzindo um total de 52 reportagens de uma série intitulada “Desejos do Brasil”.

A partir do dia 31 de julho, Pedro Bial apresentou as reportagens da série Desejos do Brasil, exibida no JN de segunda a sábado. A série traçou um panorama dos anseios dos brasileiros e dos contrastes do território nacional. As matérias foram produzidas, realizadas e editadas pela equipe da Caravana JN. As cidades foram escolhidas de acordo com a representatividade na história da região. As apresentações foram realizadas ao ar livre.<sup>14</sup>

Com o mesmo objetivo de ‘introduzir’ o período eleitoral no país, em 2010, o Jornal Nacional apostou na mesma proposta de viajar o Brasil, mas agora de outra maneira, com um avião. Ernesto Paglia foi o repórter responsável por comandar a equipe do *JN no Ar*. “As reportagens mostraram o que os moradores gostariam de melhorar em sua região e o que eles achavam que podia servir de exemplo para outras localidades do país”<sup>15</sup>. Depois de viajar 26 estados brasileiros, visitando cidades definidas por um sorteio feito ao vivo durante uma das edições do Jornal Nacional, graças ao seu grande sucesso o quadro se tornou fixo dentro da programação do telejornal.

Ainda em 2010, uma cobertura em especial realizada pela Rede Globo, e que ganhou grande repercussão dentro do Jornal Nacional, foi a ocupação do complexo de favelas da Vila Cruzeiro e do Alemão. Em uma de suas edições especiais o noticiário trouxe todas as informações do fato e seus impactos dentro da cidade do Rio de Janeiro e no Brasil.

---

<sup>14</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-nacional/caravana-jn-e-desejos-do-brasil.htm>

<sup>15</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-nacional/jn-no-ar.htm>

O Jornal Nacional começou com os apresentadores Fátima Bernardes e Márcio Gomes anunciando o dia histórico na cidade: “Rio de Janeiro, vinte e cinco de novembro de 2010. A maior operação já feita contra o crime no Estado. Tiros, explosões, incêndios. E o lugar onde a polícia não entrava é ocupado pelo poder público. Traficantes acuados e armados fogem em desespero por um caminho de terra na Vila Cruzeiro.” O comandante-geral da PM do Rio, Coronel Mário Sérgio, participou ao vivo, assim como o ex-oficial Rodrigo Pimentel, comentarista de segurança da Rede Globo.<sup>16</sup>

Essa cobertura, com imagens exclusivas que rodaram todo o mundo, rendeu ao Jornal Nacional a conquista do Emmy Internacional. “Foi a primeira vez que um telejornal brasileiro conquistou o prêmio, considerado o Oscar da televisão.”<sup>17</sup>

Depois de 14 anos dividindo a bancada do Jornal Nacional junto com William Bonner, Fatima Bernardes deixa a apresentação do telejornal em dezembro de 2011. Quem assumiu o seu lugar foi a jornalista Patrícia Poeta que, até então, apresentava o *Fantástico* aos domingos. “No último bloco do Jornal Nacional do dia 5, Fátima se despediu do público e, junto a William Bonner, deu as boas-vindas à Patrícia Poeta. O telespectador conferiu, em uma matéria especial, episódios que marcaram a trajetória das carreiras das duas jornalistas”.<sup>18</sup> Três anos depois, uma nova mudança chegou para a bancada do JN: deixava a apresentação Patrícia Poeta e entrava no seu lugar Renata Vasconcelos.

Em termos de mudanças estruturais, o Jornal Nacional passou por sua última reformulação em 2015. No ano de comemoração dos 50 da Rede Globo um novo cenário foi montado para o noticiário, que passou a ter uma abordagem mais informal na apresentação e na linguagem usada durante as matérias.

---

<sup>16</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/ocupacao-do-alemao/a-ocupacao-da-vila-cruzeiro.htm>

<sup>17</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/ocupacao-do-alemao/desfecho.htm>

<sup>18</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-nacional/mudanca-na-apresentacao-e-no-tempo.htm>

Como parte das comemorações pelos 50 anos da Globo, no dia 27 de abril de 2015 o Jornal Nacional entrou no ar com novo cenário. Renata Vasconcellos e William Bonner começaram a apresentar o telejornal em uma nova bancada, mais moderna. O espaço, mais amplo e claro, garante mobilidade e permite que os jornalistas circulem livremente pelo estúdio, transmitindo notícias na bancada e também de pé, em diversos ângulos. As conversas em tempo real com correspondentes e equipes de reportagem, feitas pelo telão, estão mais livres e interativas. As informações meteorológicas passam a ser dadas ao vivo e direto da redação de jornalismo da Globo, em São Paulo. Com uso de tecnologia de ponta, a redação do Jornal Nacional conta, ao fundo, com um segundo telão ainda maior, no qual são exibidas imagens em alta resolução.

Em seus 46 anos de história, o Jornal Nacional se tornou parte do dia a dia de muitos brasileiros. Presente em grandes coberturas e momentos marcantes para a construção de nossa sociedade atual, o telejornal apresenta grande relevância, não somente pelos altos índices de audiência que consegue atingir, mas também pelo significado que traz para o telespectador que, muitas vezes, chega a se sentir íntimo dos apresentadores e jornalistas que todos os dias trazem as notícias mais relevantes no Brasil e no mundo. A história do JN muitas vezes também se mistura com a das grandes coberturas esportivas da TV Globo, como nas Copas do Mundo. Na próxima parte desse capítulo, vamos poder observar como foi construída a relação entre esse produto jornalístico e um dos maiores eventos esportivos do mundo.

#### 4.2 – O JORNAL NACIONAL E AS COPAS DO MUNDO

Seria contraditório se o telejornal de maior audiência do Brasil, considerado o país do futebol, não tivesse construído ao longo de seus anos uma relação com um dos maiores eventos esportivos do planeta, a Copa do Mundo. O evento, que reúne as melhores seleções e jogadores do futebol mundial, sempre foi foco de cobertura por parte do Jornal Nacional que, muitas vezes, trazia as informações esperadas pelos telespectadores. Como o JN entrou no ar somente em 1969, a primeira experiência com esse mundial foi uma Copa marcante para os brasileiros: a conquista do tricampeonato em 1970, no México.

Considerada um marco para a história da televisão brasileira, por ter sido a primeira Copa do Mundo transmitida ao vivo no país, o mundial do México iniciou a relação entre esses eventos e a cobertura do Jornal Nacional. “No Jornal Nacional, era exibido um bloco especial apresentado por Armando Nogueira diretamente da Cidade do México, mostrando os preparativos da seleção brasileira para os jogos e os principais destaques da competição” (S/A, 2004, p.57).

Nessa época, o esporte ainda era considerado uma editoria da Central Globo de Jornalismo, o que conferia pouca autonomia e espaço para os assuntos. Em 1973, mesmo que ainda funcionando precariamente, foi criada a Divisão de Esportes da Rede Globo, fato que trouxe mais independência para a cobertura dos temas e eventos esportivos. “A proposta era incrementar a cobertura com modalidades esportivas [...] A Divisão tinha equipe própria, ocupando uma sala numa casa vizinha à emissora, no Jardim Botânico. O principal problema era a falta de recursos” (S/A, 2004, p.59 e 60)

Como a década de 70 foi um período onde os jornais passaram a manter uma vida regular para os cadernos de esporte, essa divisão criada dentro da Rede Globo também ganhou espaço durante o período. Essa consolidação significava que os materiais esportivos passariam a ganhar mais espaço dentro dos telejornais da casa, entre eles o Jornal Nacional. O começo desse investimento na editoria se deu na própria Copa do Mundo de 1974, na Alemanha.

A Rede Globo enviou para a Alemanha uma equipe de eventos, chefiada por Rui Viotti, e outra de jornalismo para produzir reportagens para o Jornal Nacional e outros telejornais, sob o comando de Armando Nogueira. [...] Naquela época, as entrevistas e matérias eram feitas em filmes e havia apenas dez minutos de satélite para enviar todas as imagens para a emissora no Rio. Para Armando Nogueira, a Copa da Alemanha Ocidental foi a primeira experiência de cobertura jornalística em equipe realizada pela emissora. Até então, o trabalho no Mundial se resumia apenas à transmissão dos jogos. (S/A, 2004, p.347)

Se a Copa do Mundo na Alemanha Ocidental foi um pontapé inicial para esse investimento na cobertura esportiva dentro do JN, o mundial de 1978, na Argentina, foi aquele que concretizou um padrão que se seguiria a partir daquela data. O Jornal Nacional passou a dedicar um grande espaço para a Copa, que agora não falava mais somente dos resultados de partida, mas também trazia os desdobramentos de cada jogo no público, no Brasil e também entre as outras seleções.

O evento que marcou essa mudança foi a Copa do Mundo da Argentina, em 1978. Armando Nogueira afirma que na época já não era mais possível se restringir à transmissão dos jogos, era necessário mostrar os detalhes, falar sobre os desdobramentos das competições e apontar a consequência dos resultados. A Globo passou então a apresentar para o telespectador brasileiro tudo sobre a seleção e a competição, desde os preparativos das partidas até a análise completa dos jogos. (S/A, 2004, p.130)

Para a realização desse tipo de cobertura, que se tornaria padrão desde então, foi necessário um grande investimento na parte operacional. O jornalista Leonardo Gryner,

em seu depoimento ao projeto *Memória Globo*, relembra como aquele momento foi um marco para a expansão da cobertura esportiva. “Na época foi um recorde porque nós fomos com 63 pessoas na equipe para montar a produção da cobertura da Copa do Mundo. Nós tínhamos equipe espalhadas em todas as sedes aonde se ia disputar o mundial”.<sup>19</sup> O resultado de todo esse investimento foram cerca de 4 horas diárias, ao vivo, sobre a Copa da Argentina na programação da emissora durante o evento.<sup>20</sup>

Com um modelo de transmissão e cobertura já definido, o próximo mundial, em 1982, na Espanha, trouxe um diferencial na cobertura da Rede Globo: a exclusividade na transmissão da Copa do Mundo. A Globo era a única emissora de televisão brasileira que tinha o direito sobre as transmissões, por isso não poupou investimentos para trazer para o Brasil todas as informações da Copa. O centro de operações da emissora, construído em Madri, ocupava dois andares do centro de imprensa. 150 profissionais e 20 toneladas de equipamentos foram mandados para a capital da Espanha. Dentro do Jornal Nacional o mundial ganhou grande repercussão e espaço.

O JN deu um grande destaque à competição. Um bloco especial com as últimas notícias da Copa era apresentado por Léo Batista e Fernando Vannucci, ao vivo, diretamente dos estúdios da Rede Globo na Espanha. O Brasil era favorito para vencer o Mundial, mas acabou eliminado nas quartas-de-final pela Itália. No JN, o repórter Tonico Ferreira registrou a tristeza da torcida brasileira. (S/A, 2004, p.349)

A Copa do Mundo de 1986 aconteceu no México depois que a Colômbia decidiu abrir mão de sediar o evento após uma grande crise econômica que se instalou no país. Novamente outras emissoras de televisão brasileira puderam transmitir o Mundial, mas para se diferenciar das demais a Rede Globo optou por investir em tecnologia: um satélite exclusivo “que permitia a entrada de entrevistas ao vivo a qualquer momento da programação” (S/A, 2004, p.349). O recurso foi amplamente utilizado durante os telejornais da emissora, inclusive no Jornal Nacional.<sup>21</sup>

---

<sup>19</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/eventos-e-coberturas/copa-do-mundo-da-argentina-1978.htm>

<sup>20</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/eventos-e-coberturas/copa-do-mundo-da-argentina-1978/transmissao-e-cobertura.htm>

<sup>21</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/eventos-e-coberturas/copa-do-mundo-do-mexico-1986/transmissao-e-cobertura.htm>

Após a implementação do Plano Collor, em 1990, um grave crise se instalou no Brasil, o que levou a um corte de gastos para a cobertura Copa do Mundo pela Rede Globo. O Mundial, que aconteceu na Itália, contou com o trabalho de 35 profissionais sob o comando de Ciro José. Dentro do Jornal Nacional uma novidade foi inserida. “Uma novidade na cobertura da Copa foi a apresentação do Boletim da Copa, um bloco especial exibido no Jornal Nacional”. (S/A, 2004, p.349)

O Mundial de 1994, nos Estados Unidos, trouxe uma inovação para o Jornal Nacional que perdura até hoje em suas coberturas de Copa: o telejornal é ancorado do local de permanência da seleção brasileira. Um dos apresentadores é o responsável por acompanhar o time brasileiro e trazer as notícias da competição direto do local. O jornalista Carlos Nascimento foi o primeiro ancora do JN a cumprir esse papel.

Essa foi a primeira Copa em que ancoramos telejornais de fora. [...] Depois virou uma tendência. Nós começamos a levar o apresentador do Jornal Nacional para os pontos de cobertura da Seleção Brasileira: na porta da concentração, na porta do estádio (BONNER, 2009, p.169 e 170).

Com essa nova proposta de cobertura o Jornal Nacional esteve presente em todos os locais de relevância para a seleção brasileira durante o mundial. “Os melhores momentos, as vitórias apertadas da seleção brasileira e a comemoração da torcida em diversas partes do país foram mostradas com destaque no Jornal Nacional” (S/A, 2004, p.350). Após a vitória contra a seleção italiana nos pênaltis, uma edição especial para o JN foi preparada no dia 18 de julho de 1994.

A conquista do tetracampeonato foi ao ar no Jornal Nacional em 18 de julho, dia seguinte da vitória sobre a seleção italiana. No telejornal, a repórter Lenise Figueiredo, direto da Itália, mostrava a tristeza dos italianos contrastando com a festa da torcida brasileira em diversas capitais do país durante toda a madrugada. No encerramento do JN, foi apresentado um clip com as imagens mais marcantes da Copa. (S/A, 2004, p.350)

Para a cobertura do último Mundial do século a Rede Globo não poupou gastos enviando cerca de 160 profissionais para a França cobrir a Copa do Mundo. “No Brasil, a apresentadora Fátima Bernardes chamava William Bonner, que noticiava as informações no Jornal Nacional, diretamente do estúdio da emissora, no Centro de Imprensa, no Parque de Exposições na Porta de Versailles, e Paris” (S/A, 2004, p.350). Após o corte de Romário no mundial, amplamente coberto pelo JN, a polêmica da escalação de Ronaldinho para a final também ganhou destaque dentro da cobertura do telejornal nessa Copa. “O JN do dia seguinte da decisão exibiu imagens da festa



francesa na avenida Champs Elysées e entrevistas com dirigentes, médicos, e jogadores que tentavam responder à pergunta: o que, de fato, acontecera com Ronaldinho?” (S/A, 2004, p.351).

A Copa do Mundo de 2002 trazia diversas novidades para o evento, já que essa era a primeira vez que um Mundial era disputado no continente asiático e, também, simultaneamente em dois países, Japão e Coreia do Sul. O Jornal Nacional enviou para apresentar o telejornal do local Fátima Bernardes, que realizou um trabalho elogiado pela imprensa e de grande repercussão nacional no público brasileiro.

Fátima Bernardes chegou ao final da cobertura com o status de “musa da Copa”, título dado pelos próprios jogadores brasileiros. A grande novidade foi que Fátima foi para a rua ancorar o Jornal Nacional, tendo a oportunidade de entrevistar jogadores e técnicos, dando furos ao vivo, graças ao fuso horário: na hora em que o jornal ia ao ar, os jogadores estavam saindo para o treino. O curioso é que a expectativa não era essa. A TV Globo montara um estúdio na Coreia, e Fátima apresentaria o jornal de lá. No primeiro dia, no entanto, Schroder, assistindo ao telejornal, não gostou, achou que ela estava muito presa e que, para o espectador, tanto fazia que o estúdio fosse na Coreia ou no Rio de Janeiro. (S/A, 2004, p.352)

A mudança diária do local de apresentação do jornal por Fátima Bernardes permitiu a criação de um bordão que ficou famoso na época, quando William Bonner começava todas as edições do JN perguntando: “Onde está você Fátima Bernardes?”<sup>22</sup>  
<sup>23</sup> Outra novidade do mundial foi a entrevista feita com o jogador Ronaldo na bancada do JN, dias antes da estreia do Brasil na Copa do Mundo. “A entrevista foi gravada antes de o telejornal ir ao ar e exibida, sem cortes, no seu encerramento. [...] Foi a primeira vez que um convidado sentou-se na bancada do JN.” (S/A, 2004, p.353)

Em 2006 a programação para o Mundial trouxe uma nova abordagem para a cobertura do evento, já que a Rede Globo decidiu enviar uma equipe completa para morar na Alemanha, um ano antes da Copa, com o objetivo de produzir matérias que mostrassem a preparação e a cultura do país. O enviado foi o repórter Renato Ribeiro, que produziu diversas matérias para o Jornal Nacional.

---

<sup>22</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/eventos-e-coberturas/copa-do-mundo-da-coreia-e-do-japao-2002/transmissao-e-cobertura.htm>

<sup>23</sup> O bordão fazia maior sentido e gerou uma boa aceitação por parte do público brasileiro porque os apresentadores eram um casal, então a pergunta “Onde está você Fátima Bernardes?” transmitia além de uma referência a localização da âncora, uma conotação de preocupação do marido.

Em 9 de maio de 2005, foi ao ar no Jornal Nacional a primeira de uma série de reportagens de Renato Ribeiro, então correspondente especial na Alemanha. Durante todo aquele ano, o jornalista percorreu as 12 cidades que iriam sediar os jogos e revelou detalhes sobre o país-sede e os preparativos para a Copa.<sup>24</sup>

Ao todo 160 profissionais foram enviados para a transmissão e cobertura da Copa do Mundo na Alemanha. Para melhor cobrir os movimentos da seleção e, ao mesmo tempo, acompanhar as demais equipes participantes do Mundial um esquema foi montado.

Na Alemanha, a equipe da emissora se dividiu em dois grupos. Um ficou em Munique, onde funcionava o escritório oficial da TV Globo, responsável pela coordenação jornalística e pela cobertura das seleções estrangeiras. O outro grupo formou uma redação itinerante para acompanhar a Seleção Brasileira pelas cidades alemãs. Sete equipes de reportagem ficaram dedicadas ao dia-a-dia dos jogadores e da comissão técnica durante o Mundial.<sup>25</sup>

Para a próxima Copa do Mundo, realizada em 2010, na África do Sul, os preparativos começaram antes. Para o Jornal Nacional, o mesmo esquema realizado no mundial anterior foi usado: enviar um correspondente para o país do evento antes.

Em 2008, dois anos antes de a Copa começar, nós mandamos o Renato Ribeiro para lá. Durante dois anos nós tivemos um correspondente no país aonde a coisa vai se dar. Ele foi produzir material sobre o país e os arredores e aos poucos, estabelece uma familiaridade do público brasileiro com os cenários, as problemáticas e as curiosidades do local onde ele está.<sup>26</sup>

Ao todo 170 profissionais foram fazer a cobertura do evento, sendo que a Rede Globo manteve uma equipe fixa em cada uma das cidades sedes para produzir materiais diários para o Jornal Nacional e outros programas da emissora. “A base da Globo no Centro de Imprensa contava com uma redação, ilhas de edição, cabines de narração e uma central técnica, na qual eram recebidos e transmitidos para a sede da emissora no Rio todos os sinais dos jogos e do jornalismo”.<sup>27</sup>

---

<sup>24</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/eventos-e-coberturas/copa-do-mundo-da-alemanha-2006/transmissao.htm>

<sup>25</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/eventos-e-coberturas/copa-do-mundo-da-alemanha-2006/transmissao.htm>

<sup>26</sup> Depoimento de William Bonner, editor chefe e apresentador do Jornal Nacional, para o projeto Memória Globo, disponível em: <http://globotv.globo.com/rede-globo/memoria-globo/v/webdoc-esporte-copa-da-afrika-do-sul-2010/2110810/>

<sup>27</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/eventos-e-coberturas/copa-da-afrika-do-sul-2010/transmissao-e-cobertura.htm>

Desde a sua criação em 1969 é possível observar uma grande relação entre o Jornal Nacional e a Copa do Mundo. A paixão dos brasileiros pelo futebol leva esse evento a se tornar um poderoso objeto de cobertura por parte da mídia nacional, o que se exponencia quando estamos falando do telejornal de maior audiência do país. No próximo capítulo, vamos observar como o JN se modificou e funcionou para a cobertura do Mundial no Brasil, em 2014. O dia a dia; as matérias; a estrutura; e todo o esquema de preparação que foi feito para levar, durante os 31 dias da Copa do Mundo no Brasil, as informações de todos os cantos do país.

## 4 – ESTUDO DE CASO

O estudo de caso apresentado no presente trabalho tem como objetivo demonstrar de que forma o Jornal Nacional se estruturou e, também, se comportou para realizar a cobertura da Copa do Mundo no Brasil. Diferente das coberturas em grandes eventos esportivos que aconteceram em outros países, dessa vez o maior campeonato do futebol mundial estava acontecendo em terras nacionais. Além de ser um chamariz para o trabalho jornalístico por si mesmo, a Copa do Mundo FIFA 2014 estava transformando a realidade dos brasileiros, que durante os 31 dias de evento tiveram que lidar com turistas, transformações de rotina e, também, com a própria torcida pelo futebol. Dessa forma, o evento que antes poderia ser limitado à determinada parte da população passou a atingir a maioria dos brasileiros.

A fim de sistematizar essa pesquisa, o estudo de caso aqui apresentado divide a análise dos trabalhos realizados pelo Jornal Nacional sob dois aspectos: um qualitativo e outro quantitativo. Na primeira parte, vamos mostrar de que forma os profissionais ligados à cobertura do Mundial se organizaram e colocaram em prática todas as atividades ligadas à Copa do Mundo. Já no segundo momento, vamos focar nos números que representam as principais mensagens transmitidas pelo telejornal aos telespectadores em casa.

Para a Copa do Mundo no Brasil<sup>28</sup>, em 2014, a Rede Globo preparou o maior esquema de cobertura já feito na emissora para um evento esportivo. Ao todo 2500 profissionais foram envolvidos dentro das 5 emissoras e das 117 afiliadas que compõem a Rede Globo de televisão pelo país. Para o Jornal Nacional, o telejornal de maior audiência do canal, um esquema específico de abordagem foi pensado. O Núcleo Copa, setor responsável pela organização da cobertura no Mundial, foi quem, junto com a edição geral do jornal, estruturou e colocou em prática todos os aspectos desse planejamento.

### 4.1 – METODOLOGIA

Para buscar entender como funcionaram os trabalhos e a estrutura de cobertura do Jornal Nacional na Copa, a meta era entrevistar profissionais que estivessem

---

<sup>28</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/eventos-e-coberturas/copa-do-brasil-2014.htm>

diretamente ligados às atividades do telejornal durante o período do evento. Ao todo, doze jornalistas<sup>29</sup>, das mais diversas áreas de atuação, foram procurados para as respostas, sendo que somente sete deles responderam à solicitação e aceitaram dar o seu depoimento no prazo necessário para o término desse trabalho. As entrevistas foram gravadas de maneira presencial, ou através do telefone, entre os dias 04 de março de 2015 e 05 de fevereiro de 2016.

Os questionários base de perguntas realizadas (ANEXO 1 e ANEXO 2) buscavam abordar alguns aspectos específicos da cobertura, com destaque para cinco deles, sendo eles: estrutura de cobertura; rotina de trabalho; linguagem abordada; foco das matérias; e produção da edição. Nessa primeira parte do trabalho, serão apresentadas as respostas dos sete jornalistas sob essas perspectivas, além de outros assuntos que se correlacionam com esses focos principais do estudo.

Além disso, com o intuito de aprofundar a pesquisa e criar um perfil mais verossímil à realidade transmitida pelo Jornal Nacional durante os 31 dias de Mundial, as 27 edições do programa televisionadas durante o período do evento – 12 de Junho de 2014 a 13 de Julho de 2014 - foram analisadas para a criação de um perfil quantitativo do telejornal.

De acordo com um modelo de decupagem pré-estabelecido (ANEXO 3) todas as edições diárias dessa amostra passaram por um processo de divisão, que em primeiro plano pretendia analisar qual era o tempo de cada conteúdo produzido e a sua natureza (VT's, Vivos ou Notas/ Locoff's). Em um segundo momento, essas categorias principais foram desmembradas para a classificação de sua temática, procurando entender qual era a mensagem transmitido por determinado item (assunto ligado à Copa, Factual ou Outros). Por último, dentro das matérias que tinham como principal sentido a informação de notícias sobre a Copa do Mundo, uma terceira subdivisão foi criada, para classificar tal produto de acordo com a sua abordagem jornalística (comportamento esportivo ou informação esportiva).

---

<sup>29</sup> Nomes sugeridos pelo Chefe de Reportagem do Núcleo Copa, Armando Freitas, que mediou o acesso as informações pedidas para a pesquisa.

## 4.2 – ANÁLISE QUALITATIVA

Com o objetivo de diariamente transmitir os momentos da Copa do Mundo no Brasil, o Jornal Nacional colocou no ar 27 edições durante os 31 dias do evento no país. Nessa realidade, os fatos a serem noticiados e acompanhados pelos jornalistas da emissora estavam espalhados por todo o território nacional, exigindo uma logística de cobertura interna e externa para que os trabalhos fossem eficientes e produtivos.

### 4.2.1 – ESTRUTURA DE COBERTURA.

Sobre a logística de estrutura pensada para atingir esse objetivo, Armando Freitas (APÊNDICE C), chefe de reportagem do Núcleo Copa, conta que uma solução foi pensada para cobrir parte dessa demanda.

Basicamente nós tínhamos um problema enorme na mão, porque uma Copa com 32 seleções demanda um número enorme de pessoas envolvidas para a realização de uma ampla cobertura, sendo que dentro dessa realidade nós ainda tínhamos a seleção brasileira que demanda sempre um número muito maior de profissionais, pela relevância e impacto para os nossos materiais – nós tínhamos mais profissionais envolvidos com a seleção do que o somatório de diversas outras seleções da competição. Para otimizar e também criar um grau de relevância nós decidimos fazer um mapeamento: quais outras seleções além, da brasileira nós vamos seguir e acompanhar de perto. Após essa análise, nós decidimos por acompanhar outras sete seleções, sendo elas: Alemanha, Espanha, Itália, Argentina, Uruguai, Portugal e Holanda. A intenção era pegar essas sete seleções e fazer uma cobertura mais detalhada delas. (FREITAS, Armando, APÊNDICE C).

Depois que essas sete seleções foram definidas como principais para cobertura, o segundo passo foi designar os profissionais que trabalhariam com elas e criar uma logística estrutural para o trabalho deles.

[...] depois de mapear essas necessidades, nós começamos a pensar em infraestrutura. Onde essas seleções vão ficar durante a Copa? Com essa resposta definida nós designamos a equipe que ficaria responsável por aquela seleção. Essa equipe era composta de quatro profissionais: um repórter, um repórter cinematográfico, um produtor e um editor de imagem. Em termos de equipamento essas equipes tinham à disposição o “kit correspondente” que era um aparelho que permitia uma matéria ser feita, editada e enviada para a central de qualquer lugar. Então em termos de pessoal envolvido, nós tínhamos 32 profissionais como “correspondentes” dessas seleções, sendo que eles ficavam municiando todos os telejornais da rede. A regra era a seguinte: onde aquela seleção fosse a equipe designada ia atrás. Vale destacar que nesse esquema, conforme as seleções iam sendo eliminadas, as equipes eram realocadas para cobrir outros times ou dar suporte para seleções maiores que ganhavam relevância na disputa. (FREITAS, Armando, APÊNDICE C)

Essas equipes compostas por quatro profissionais e que acompanhavam as principais seleções da Copa do Mundo, ficaram conhecidas como: equipes itinerantes. Carlos Gil (APÊNDICE D), repórter itinerante, disse que esse modelo de estrutura pensado para o Mundial do Brasil, nunca tinha sido visto daquela forma antes.

O modelo de cobertura, escolhendo algumas seleções principais e favoritas para se acompanhar o dia a dia, com uma equipe de jornalistas específica para ela foi uma novidade. Isso nunca tinha acontecido em outras Copas antes. Na África do Sul, por exemplo, eu não fui designado para cobrir uma seleção específica, eu fazia um jogo em uma cidade, e depois ia acontecer um jogo interessante daqui a dois dias e eu permanecia lá. Não havia uma seleção específica a se seguir. (GIL, Carlos, APÊNDICE D)

A escolha desses profissionais para participar das equipes itinerantes levou em conta alguns pontos específicos da carreira e da bagagem de cada um deles. Marcelo Courregge (APÊNDICE E) destaca que a concepção da cobertura itinerante já tinha sido usada outras vezes por ele e outros repórteres da Globo.

O grupo de repórteres que foi escolhido para participar das equipes itinerantes já era um grupo de profissionais acostumados com esse sistema de cobertura, principalmente porque já trabalhamos fora do Brasil. Na Copa, por mais que nós estivemos trabalhando no Brasil, o estilo de cobertura proporcionado pelo 'kit correspondente', que era o computador pelo qual nós enviávamos e editávamos as matérias, era o estilo de cobertura que nós usávamos quando trabalhávamos fora do país, como por exemplo, nas pré-temporadas de Fórmula 1. (COURREGGE, Marcelo, APÊNDICE E)

Já Carlos Gil (APÊNDICE D) disse que, em seu caso, outro fator também foi levado em conta.

No meu caso no mundial do Brasil, eu fui designado para cobrir a Itália porque eu sou fluente na língua do país e, também, porque eu cobri a seleção durante a Copa das Confederações, um ano antes, o que me possibilitou criar uma relação legal com os membros da confederação italiana e ter um acesso e contato com os próprios membros da imprensa de lá. (GIL, Carlos, APÊNDICE D).

Quando questionado sobre a logística estrutural para a cobertura no Brasil, Guilherme Roseguine (APÊNDICE F), repórter itinerante, levanta como fundamental o trabalho do Núcleo Copa, porque muitos problemas puderam ser resolvidos antes mesmo de o Mundial começar.

O principal ponto a se destacar nessa estrutura de cobertura nossa é a logística impecável, tanto de equipamentos, planejamentos de viagem, estadia e até coisas que muita gente não leva em conta, mas fazem toda a diferença, como o tipo de internet do local para o qual nossa equipe está indo. Um exemplo disso para você ter noção é que nós mandávamos todo o material que era pedido para o nosso grupo via internet, então como a minha equipe itinerante ficou responsável pelo Uruguai, que ficou com o CT em uma cidade muito pequena, Sete Lagoas, em Minas Gerais, antes de a Copa começar uma equipe da Globo foi pra lá e constatou que a internet era muito ruim para o que precisávamos. Depois dessa constatação, eles construíram uma rede de internet que atendesse às nossas demandas só para a nossa equipe usar no hotel em que estávamos hospedados. Esse tipo de coisa funciona muito bem e dá a tranquilidade para que nós possamos focar exclusivamente no nosso trabalho jornalístico. Grande parte do sucesso de toda a nossa cobertura na Copa se deve a essa logística impecável que nos foi proporcionada. (ROSEGUINE, Guilherme, APÊNDICE F)

Ainda antes da Copa do Mundo começar essas equipes puderam viajar para os países de seleções que acompanhariam no Brasil. A intenção era produzir matérias para os jornais da Rede Globo, entre eles o Jornal Nacional, de forma que o Mundial já fosse sendo introduzido no cotidiano do brasileiro, antes mesmo dele começar.

Vale destacar que essa cobertura mais detalhada começou inclusive muito antes da Copa propriamente dita, porque nos amistosos que essas seleções faziam nós já acompanhávamos. O primeiro passo após isso foi definir quem cobriria aqui no Brasil essas seleções, sendo que na medida do possível nós mandávamos essas pessoas já fazer essas mesmas matérias preparativas. Por exemplo, o repórter que ia cobrir a Alemanha já tinha ido para lá fazer matéria sobre expectativa, jogadores do país e cultura. (FREITAS, Armando, APÊNDICE C).

Essa dedicação exclusiva para somente uma seleção, assim como as viagens anteriores ao Mundial, foram dois pontos elogiados pelos repórteres que trabalharam com as equipes itinerantes durante o Mundial. Sobre esse aspecto, Pedro Bassan (APÊNDICE G), repórter itinerante, avalia a sua experiência pré-copa como fundamental para o desenrolar da cobertura.



A nossa cobertura começou antes mesmo do Mundial ter início aqui no Brasil. Minha equipe inteira foi para a Espanha acompanhar a preparação do elenco para o Mundial lá no país natal deles. Nosso ponto de referência lá foi o Centro Nacional de Treinamentos da seleção espanhola, que fica nos arredores de Madri, e lá nós ficamos durante uma semana acompanhando a preparação do time. Depois nós fomos juntos com o time da Espanha para os Estados Unidos, onde eles ficaram uma semana em Washington fazendo adaptação ao fuso horário e só depois que nós viemos com eles para o Brasil, sendo que aqui eles se instalaram em Curitiba. [...] Entre todos os trabalhos que eu fiz, eu acho que a viagem para a Espanha foi um momento bem legal dessa cobertura, porque foram duas semanas onde nós pudemos ficar conhecendo o elenco inteiro e construir um relacionamento com aquele time. Eu fui o único jornalista estrangeiro que viajou junto com a seleção da Espanha no avião da Federação. Esses momentos que nós dividimos antes do mundial geraram uma confiança para que eu pudesse fazer boas matérias e, até mesmo, adquirir conteúdos 'exclusivos' junto ao time de jornalistas e jogadores espanhóis para os jornais brasileiros. (BASSAN, Pedro, APÊNDICE G)

Outro repórter que também viajou para o país da seleção que iria acompanhar foi Guilherme Roseguine (APÊNDICE F), que foi realocado para cobrir o Uruguai durante o Mundial. Para ele, além da proximidade com o elenco e o próprio objeto de cobertura, esse foi um momento de entrosamento dos próprios profissionais que iriam trabalhar na equipe itinerante.

Desde a nossa cobertura de 'aquecimento' no Uruguai, nós começamos a pegar todos os esquemas de trabalho que cada um tinha. O tempo que cada profissional precisa para dar o seu melhor naquela matéria; qual é o ponto que eu posso destacar dentro da minha parcela da matéria para valorizar o trabalho dos demais; e esse tipo de coisa. (ROSEGUINE, Guilherme, APÊNDICE F)



**Figura 1 – Repórteres responsáveis pelas equipes itinerantes (de cima para baixo da esquerda para direita): Carlos Gil (Itália); Ernesto Paglia (Portugal); José Roberto Burnier (Argentina); Guilherme Roseguini (Uruguai); Marcelo Courregé (Holanda); Pedro Bassan (Espanha) e Renato Ribeiro (Alemanha).**

Dentro dessa cobertura da Copa do Mundo, outros setores também fizeram parte das edições do Jornal Nacional. Para o Núcleo Copa também ficou a responsabilidade de coordenar a produção de conteúdos feitos pelas 5 emissoras Globo no país (Rio de

Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Recife e Brasília) e das 117 afiliadas distribuídas no território nacional.

Dentro desse universo nós também tínhamos as cidades e afiliadas que tinham equipes credenciadas para o evento, que também cobriam os times que estavam hospedados em suas regiões, mas que focavam muito mais no comportamento. Aquelas matérias de movimentação das cidades, encontro de culturas e torcida. (FREITAS, Armando, APÊNDICE C)

Nesse universo, Belo Horizonte foi uma das produtoras de conteúdo para o Jornal Nacional na Copa do Mundo. Com uma estrutura separada da logística nacional, a emissora contribuiu de diferentes formas para o desenrolar dos trabalhos ao longo do mundial, como conta Armando Oliveira (APÊNDICE B), chefe de redação esporte de Belo Horizonte.

A equipe de BH estava inserida na cobertura de rede que a Copa do Mundo demandou das cinco emissoras Globo (Rio, SP, BH, Brasília e Recife) e afiliadas. Tínhamos duas equipes completas credenciadas (Repórter, Produtor, Rep Cina e Auxiliar), dois repórteres Web, equipe de engenharia e ainda três equipes completas para cobertura do Chile, Argentina e Uruguai, que escolheram BH como sede. Além disso, parte da nossa equipe estava trabalhando para a produção e exibição das transmissões Globo e Sportv em BH. Na redação, todo o suporte foi dado. Posso dizer que estávamos todos, os 40 profissionais de Esporte da Globo Minas, envolvidos. Rogerio Correa, Bob Faria e Márcio Rezende viajaram o Brasil todo para as transmissões em rede dos jogos da Copa do Mundo. (OLIVEIRA, Armando, APÊNDICE B)

Uma terceira e última frente que trabalhou para municiar o Jornal Nacional com conteúdos da Copa do Mundo foi a redação da Granja Comary e o Estúdio Copa. Flávio Orro (APÊNDICE A), editor de esportes do Jornal Nacional, conta que ao todo eram três equipes completas que estavam à disposição para a produção diária de conteúdos para o JN na Granja Comary. “Normalmente, qual era o esquema: dois ou três VT’s, um com o Tino Marcos, outro com o Mauro Naves e, eventualmente, um terceiro com o Eric Faria.” (ORRO, Flávio, APÊNDICE A). Além dessas equipes, o editor adjunto do telejornal, Luiz Fernando Ávila, dois âncoras e outros profissionais também trabalhavam com a redação para produzir cada edição do JN.

No caso da seleção brasileira, o editor adjunto, Ávila, ficava responsável por fazer as cabeças com os dois apresentadores, Patrícia e Galvão, focando sempre em cima de algo que nós não mostrávamos no VT, para a cabeça além de ser uma chamada, fosse também um complemento para a matéria. Os VT’s eram editados por mim e outros dois editores que estavam no local. E as cabeças eram sempre revisadas pelo Bonner que estruturava tudo no final junto com o espelho programado. (ORRO, Flávio, APÊNDICE A)



**Figura 2 - Narrador Galvão Gueno (esquerda) e apresentadora Patrícia Poeta (direita) apresentam a edição do Jornal Nacional do dia 12/06 direto da Arena Corinthians.**



**Figura 3 - Repórter Mauro Naves, um dos responsáveis pela cobertura da seleção brasileira durante o Mundial.**



**Figura 4 - Repórter Tino Marcos, um dos responsáveis pela cobertura da seleção brasileira durante o Mundial.**



**Figura 5 - Repórter Eric Faria, um dos responsáveis pela cobertura da seleção brasileira durante o Mundial.**

Segundo todos os entrevistados, essas foram as três frentes que juntas iniciaram e realizaram a cobertura da Copa do Mundo no Jornal Nacional. Com estruturas paralelas, os profissionais de cada um desses setores eram os responsáveis por transmitir os fatos mais relevantes do mundial no JN. Mas a união de todos esses grupos dependia de uma rotina de trabalho que também precisou de organização.

#### 4.2.2 – ROTINA DE TRABALHO

Com as edições do Jornal Nacional entrando no ar próximo às 20h30 da noite, uma rotina de trabalho exclusiva para todas as equipes que estavam cobrindo a Copa do Mundo foi montada, com o objetivo de sistematizar de que forma os trabalhos poderiam funcionar ao longo do dia, além de estabelecer *deadlines* para a produção dos conteúdos de cada edição. Esse planejamento organizacional se dividiu em três frentes, sendo elas: a Redação do JN no Rio de Janeiro, Redação na Granja Comary e Núcleo Copa.

Na linha de partida dos trabalhos estava a própria redação do Jornal Nacional, que em sua maioria se concentra no Jardim Botânico, no Rio de Janeiro. Normalmente, os trabalhos nesse local começavam às 07h00, quando os produtores/editores das diversas editorias começavam a chegar à redação e a atualizar os relatórios deixados pela equipe do dia anterior. Essa já era uma rotina tradicional das edições do Jornal Nacional, relatada pelo próprio editor chefe, William Bonner, no livro “Jornal Nacional. Modo de Fazer”.

Um produtor chega à sala da ‘mesa de produção de rede’, uma subdivisão do ambiente da redação. Ele verifica, no computador, uma espécie de relatório que foi deixado, na noite anterior, por colegas da mesa de produção. Esse relatório tem um formato padrão: siglas que designam cidades onde temos emissoras integrantes da Rede Globo são os títulos. Abaixo de cada uma, uma ‘retranca’. [...] Abaixo da retranca, textos curtos dão uma linha geral do material jornalístico que será preparado. [...] Em seguida ele passa os olhos sobre as páginas dos jornais com maiores tiragens [...] para avaliar, rapidamente, se a edição de véspera do Jornal Nacional tinha oferecido aos espectadores os assuntos que, hoje, estão destacados nas primeiras páginas. Também é o momento de saber se algum desses jornais trouxe um furo que mereça cobertura do JN por sua abrangência e relevância. (BONNER, 2009, pag. 66, 67,68)

Outro ponto de destaque na rotina diária do Jornal Nacional, que também foi mantido durante a Copa do Mundo, foi o processo de “ronda”.

[...] nós chamamos de ‘ronda’ a sucessão de telefonemas feitos pela ‘mesa de produção’ a produtores de jornalismo das emissoras integrantes da rede. (...) Das sete da manhã até às onze horas, telefonemas, e-mails, conversas por rádio e muita leitura produzirão uma massa de informação jornalística de variadas origens, urgências e relevâncias. É assim que surge a o roteiro para a primeira reunião em um dia típico de trabalho no Jornal Nacional.. (BONNER, 2009, pag. 71, 72).

O que vale a pena destacar em ambos os processos, é que a estrutura e logística se mantiveram em sua essência, mas agora as prioridades de informação a serem veiculadas nas edições do Jornal Nacional tinham como foco a Copa do Mundo. Pelos fatores de relevância, localidade e interesse, as diversas equipes do JN espalhadas pelo Brasil e pelo mundo, repercutiam e sugeriam temas que estavam ligados ao Mundial. Isso em momento nenhum implica em dizer que somente matérias que tratavam da Copa do Mundo ganhavam um espaço dentro do “espelho” do telejornal, afinal de contas o mundo não parou no tempo por causa do evento, mas sim, que as chances de se conseguir emplacar uma matéria durante esse período era muito maior com assuntos que abordassem ou repercutissem o Mundial.

Também no começo da manhã, uma reunião acontecia entre os profissionais que estavam na Granja Comary, com o intuito de se repassar todas as demandas do dia para quem trabalharia na cobertura da seleção brasileira, como conta Flávio Orro, editor de esportes do Jornal Nacional (APÊNDICE A).

Nos sempre fazíamos uma reunião de manhã, em que o Ávila, que na época era o editor adjunto do Jornal Nacional, se reunia com o Bonner e definia qual seria o material que nós iríamos oferecer para a edição do dia. Normalmente qual era o esquema: dois ou três VT's, um com o Tino Marcos, outro com o Mauro Naves e, eventualmente, um terceiro com o Eric Faria. (ORRO, Flávio, APÊNDICE A)

Os trabalhos no núcleo Copa começavam por volta das nove da manhã e se dividiam ao longo do dia. Armando Freitas, chefe de reportagem, destaca que a sua primeira função ao chegar no trabalho era fazer contato com as equipes na rua.

[...] nós chegávamos todos os dias às nove da manhã aqui no Jardim Botânico e começávamos a ligar para todos os repórteres que iriam fazer matéria naquele dia, para saber o que ia ser feito e qual seria o deadline do material. O dia de trabalho acabava somente por volta das dez, onze da noite, porque aí tínhamos terminado de concluir a logística de distribuição de matérias do dia para os jornais, além de já ter uma noção do que viria para o dia seguinte. (FREITAS, Armando, APÊNDICE C).

Ao longo do dia, três reuniões também eram realizadas com todas as principais praças envolvidas na cobertura do Mundial. Esse momento era conhecido com 'Reunião de Guerra'.

A rede tinha uma reunião diária, em três horários, com todas as cidades sedes e cidades que receberam as seleções, para definir as pautas. O projeto de reunião de "guerra" começou dois anos antes da Copa. Nestas reuniões, todas as pautas eram oferecidas para todos os telejornais de rede e ali definidas as exibições. (OLIVEIRA, Armando, APÊNDICE B).

Essas reuniões aconteciam três vezes ao dia, sendo que "a primeira às nove da manhã, a segunda às duas e meia da tarde e a última às seis e meia da noite. Nessas reuniões nós sempre atualizávamos os status de demandas e materiais sendo produzidos." (FREITAS, Armando, APÊNDICE C).

Com todos os repasses já em mãos, o representante do Núcleo Copa podia finalmente conversar com os editores dos jornais da Rede Globo, entre eles o Jornal Nacional, para 'vender' os assuntos do dia.

Para nós que estamos no meio do jornalismo o termo “vender” é bem comum, mas nós literalmente tínhamos que fazer era isso: vender a pauta como um comerciante para os editores e responsáveis pelos jornais. Por exemplo, em um treino: “olha durante as atividades da equipe hoje um jogador importante saiu de campo e pode estar fora da próxima partida”. Isso rendia a matéria principal. Aí a gente partia para o secundário: “rolou mais alguma coisa?”. Com essa resposta do secundário nós fazíamos outras matérias para os telejornais, sem esquecer também do fato principal, que tinha que ser citado nesse VT, porque se não os editores desses jornais não comprariam a matéria. Na minha opinião esse era o trabalho maior, porque nós tínhamos que dar um ideia de “ineditismo” para cada um dos telejornais da nossa grade. Essa matéria principal sempre ia para o Jornal Nacional pela relevância e peso desse noticiário [...] (FREITAS, Armando, APÊNDICE C).

Cumpridas todas essas formalidades que caracterizam a construção de uma edição do Jornal Nacional, por volta das 11h00, chegava o momento de compilar todas essas informações reunidas durante o dia e realmente começar a dar uma “cara” para a edição daquele dia do telejornal. Tradicionalmente, esse momento é conhecido em um dia típico como a ‘reunião de caixa’.

[...] a reunião de caixa serve primordialmente para atualizar previsões, não para discutir pautas. [...] é um fórum para troca de ideias, o acerto de ponteiros e a chance do núcleo de comando do JN ter uma noção do ‘clima’ da edição daquele dia (BONNER, 2009, pag. 77, 81).

Depois dessa reunião, um ‘espelho’ para o Jornal era produzido pelo editor chefe e, dessa forma, os editores e repórteres já teriam uma noção melhor de como seria o material do dia para aquela edição do JN, como comenta Flávio Orro, editor de esportes do Jornal Nacional (APÊNDICE A).

Além disso, quem definia o tempo para todos os VT era o Bonner, sendo que ele saía dessa reunião da manhã e já fazia o “espelho” para determinar os tempos, por exemplo: o VT do Mauro vai ter dois minutos e o do Tino dois e trinta. Isso também variava de acordo com os acontecimentos do dia, sendo que nada era engessado. Durante a manhã ele podia nos definir um determinado tempo, mas se ao longo do dia a gente sentisse a necessidade de um tempo maior, nós negociávamos e tentávamos aumentar o tempo. (ORRO, Flávio, APÊNDICE A)

Diferente da rotina na redação que seguia um ciclo ao longo do dia, na rua os repórteres estavam sujeitos a diferentes condições de trabalho. Carlos Gil (APÊNDICE D), repórter itinerante, durante a cobertura da Itália tinha uma rotina tranquila por causa da logística da própria seleção que ele acompanhava.



No meu caso, por exemplo, a Itália sempre tinha os seus treinos na parte da manhã, então durante a tarde nós tínhamos o tempo para editar as matérias, rediscutir uma pauta e por aí vai. [...]as coletivas aconteciam sempre às 13h00, então depois desse momento nós já tínhamos todo o material que poderia ser usado no dia em mãos [...]. (GIL, Carlos, APÊNDICE D)

Já Pedro Bassan (APÊNDICE G), repórter itinerante, levanta a questão do horário como um fator de dificuldade e relembra a sua realidade vivida durante a cobertura do Chile, já na fase das oitavas de final.

Todos os dias de manhã nós tínhamos uma conversa entre nós quatro da equipe para discutir quais eram os aspectos mais importantes daquele dia, além de nos separarmos para cada um correr atrás de uma coisa para viabilizar sempre tudo dentro do *deadline* estipulado, porque aqui no Brasil nós não tínhamos a vantagem do fuso-horário jogando a nosso favor, pelo contrário, sem ele a nossa correria era muito maior e o nosso horário era muito apertado. O Chile, por exemplo, era uma equipe que sempre treinou as 19h00, então nós ficávamos lá na frente do CT o dia inteiro, mas como o JN entrava por volta das 20h30, o tempo hábil para fechar o material essencial do dia era muito pequeno. Então, essa sintonia e essa organização eram fundamentais para que tudo desse certo no pequeno tempo que nós tínhamos para fazer tudo acontecer. (BASSAN, Pedro, APÊNDICE G)

Em alguns casos extremos, como no caso da cobertura da Holanda e Alemanha, Marcelo Courrege (APÊNDICE E), repórter itinerante, e sua equipe chegaram a montar uma rotina de cobertura que durasse 24 horas.

No momento em que nós sentimos que a Holanda teria um sistema de concentração bem mais aberto do que os das demais seleções, coisa que já era esperada pela participação deles na Copa de 2010, nós criamos um esquema de plantão para não deixar simplesmente nada passar despercebido pela nossa cobertura. O hotel da seleção holandesa era na praia de Ipanema, no Rio de Janeiro, bem na Avenida Vieira Souto, e o nosso editor de imagens veio de São Paulo, então ao final da cobertura ele não tinha que voltar para casa, por isso, ele ficou hospedado no 'Hotel Everest', que ficava bem atrás do hotel da seleção holandesa. Era literalmente colado, parede com parede, então a gente sempre deixava alguém de plantão bem na porta da Holanda. Quando não era o nosso editor ou o cinegrafista, quem ficava era o produtor com uma câmera menor que nós tínhamos a disposição também. Tudo isso era para pegar o flagrante, porque eram esses fatos que rendiam os comportamentos que o JN tanto gosta. Esse mesmo esquema de plantão também foi usado lá na Bahia pelo Renato Ribeiro, que acompanhava a Alemanha. Lá rendeu bastante também. Vale destacar que esses flagrantes que o esquema de plantão rendeu, foram imagens que até mesmo marcaram o Mundial no Brasil. (COURREGE, Marcelo, APÊNDICE E)

Por volta de 14h30, da tarde uma nova reunião acontecia na redação do Jornal Nacional para receber retornos das matérias e definir assuntos pendentes na edição do dia. Depois disso, as matérias que vinham das equipes itinerantes ou das praças e afiliadas chegavam já praticamente prontas para irem ao ar. “Na reunião das duas e

meia nós tínhamos um feedback de em que pé a matéria estava. E depois a matéria já chegava pronta para nossa última inspeção.” (FREITAS, Armando, APÊNDICE C).

O Jornal Nacional entrava no ar tradicionalmente por volta das 20h30. O “boa noite” de despedida, que marcava o fim de uma edição, não significava o fim dos trabalhos. Após esse ato simbólico, os próprios produtores, editores e outros envolvidos no trabalho faziam uma avaliação de tudo que foi ao ar naquela edição, além de já começar a construir aquele relatório que seria o ponto de partida para o recomeço do ciclo no dia seguinte.

#### 4.2.3 – LINGUAGEM ABORDADA

Outro aspecto que a pesquisa buscou analisar foi o trabalho com a linguagem usada nas matérias feitas durante a Copa do Mundo para o Jornal Nacional. Nesse ponto, o enfoque das perguntas ficou relacionado aos conteúdos que traziam como principal temática o próprio Mundial, porque para a cobertura de factuais e de matérias com outras abordagens, a linguagem que se usava no JN era a mesma de suas edições do dia a dia.

Quando questionado se houve alguma preparação ou mesmo indicação específica para a linguagem a ser usada nas matérias do Mundial pelos repórteres, Flávio Orro (APÊNDICE A), editor de esportes do Jornal Nacional, afirma que em nenhum momento ocorreu uma reunião ou foi passado um modelo para os profissionais, porque isso já é uma preocupação constante da emissora.

Sentar e conversar não foi preciso, é uma coisa que está praticamente no “chip” do repórter que trabalha com esporte. [...] Como estávamos na TV aberta, que tem um público muito heterogêneo, que é muito diferente do público da TV fechada, que é mais segmentado - por exemplo o telespectador da SPORTV tinha um conhecimento prévio sobre o assunto, o interesse dele era despertado muito mais fácil do que o da TV aberta - para os jornais de rede (Bom Dia Brasil, Jornal Hoje, Jornal Nacional e Jornal da Globo), independente de ser em período de Copa ou não, a gente tem a preocupação com a linguagem. Por ser uma TV aberta, nós temos uma preocupação de fazer com que a linguagem usada seja atraente para o cara que é fissurado; para aquele que gosta, mas não é fanático; e também para aquele que não acompanha e não tem conhecimento do esporte. Então de maneira geral esse é um comportamento que já é padrão para esses profissionais. (ORRO, Flávio, APÊNDICE A)

Ainda sobre esse assunto, Flávio Orro destaca que a Copa do Mundo foi um fator que aumentou os cuidados usados com a linguagem, já presente no dia a dia dos profissionais da emissora.

O que aconteceu na Copa é que esse panorama foi potencializado, porque a Copa é o maior evento esportivo do planeta, então só por isso ela já fisga esse público que não gosta de esporte. É um evento que acontece somente de quatro em quatro anos e representa o “filet mignon” do esporte, então mal ou bem as pessoas sabem que aquilo é a “Disneylândia” do esporte. Para aumentar ainda mais esse fator “potencializador”, a Copa estava acontecendo no Brasil, então mesmo aquela pessoa que não ligava para a Copa, agora acompanhava porque estava envolvendo a sua realidade. Esses dois elementos, o evento pelo evento e o fator da localidade, gerou o desafio para os repórteres de construir textos que não deixassem que o público se dispersasse: tentar falar para a sua mãe de uma maneira que ela ficasse “amarradona” e prendesse a atenção dela por um determinado tempo. (ORRO, Flávio, APÊNDICE A).

Na mesma linha de pensamento, Pedro Bassan (APÊNDICE G), repórter itinerante, destaca que o público heterogêneo do telejornal sempre foi uma de suas maiores preocupações na hora de montar uma matéria para o Jornal Nacional, principalmente quando o assunto foi a Copa do Mundo.

Na Copa especificamente nós tinha que tomar o cuidado de não afastar aquele telespectador que não gosta do futebol. Nós tínhamos que levar o evento para esse público de uma maneira que eles entendessem a sua importância e, ao mesmo tempo, curtissem com o desenrolar da edição tudo que estava acontecendo no Brasil. Vale lembrar que a história ainda continua tendo que ser universal, porque junto daqueles que não gostam de futebol, também tinham aqueles que eram aficionados. Eu acho que esse é sempre o nosso objetivo, mesmo que às vezes nós não consigamos cumprir ele da melhor maneira possível. (BASSAN, Pedro, APÊNDICE G)

Carlos Gil (APÊNDICE D), repórter itinerante, levanta que a linguagem usada nas matérias de um telejornal sofre outras influências além de somente o público alvo, como por exemplo, a editoria de cada um e até mesmo o editor chefe.

O fato de trabalhar há algum tempo na casa te leva a conhecer um pouco o perfil de cada telejornal e de cada editor chefe. Você identifica dentro do seu dia a dia qual matéria tem o perfil do *JN*, qual tem o perfil do *Bom Dia Brasil*. E a ideia do Jornal Nacional era trazer algo mais coloquial, não deveria existir uma formalidade no texto até porque o evento e a cobertura não pediam isso. (GIL, Carlos, APÊNDICE D).

Marcelo Courrage (APÊNDICE E), repórter itinerante, que já trabalha para o JN desde 2008, destaca que a própria editoria esportiva tem uma maior liberdade com a linguagem no Jornal Nacional, o que serviu como um ponto de partida para os seus trabalhos no Mundial

Vale destacar que o esporte sempre teve uma liberdade para ir um pouco além nessa linguagem do texto no Jornal Nacional, então para atrair o público eu busquei sempre focar muito no comportamento, nos bastidores dos jogadores da Holanda. O esforço da equipe era muito grande para pegar uma imagem diferente, uma sonora diferente e seguir nesse caminho. Nos períodos pré e pós-jogo nós gostávamos muito de fazer matérias sobre o embalo da torcida; a concentração da Holanda e outras curiosidades. (COURREGÉ, Marcelo, APÊNDICE E)

Já o repórter itinerante Guilherme Roseguine (APÊNDICE F) destaca que uma das alternativas de linguagem usadas durante a Copa foi a de deixar o texto com uma pegada de entretenimento.

Eu sempre tentava usar uma linguagem que deixasse o texto com uma pegada entre o entretenimento e a informação, sem exagerar muito para nenhum dos dois lados. Essa lógica eu usava porque eu sabia que parte do público assistia as notícias da Copa somente como uma diversão, para relaxar de problemas do dia a dia, então essa pegada mais leve e mais solta tinha que estar presente, mas ao mesmo tempo, tinha uma coisa muito importante em jogo nesse evento, uma Copa não é como um jogo qualquer de futebol, então essa era uma disputa que mexia com muito dinheiro, muita gente e, também, muita paixão, logo eu tinha que tratar o assunto também com a seriedade que ele merece. Nessa metade mais ‘séria’ eu usava como trunfo sempre a precisão de informação, porque o aficionado pelo esporte entende quando aquela matéria está trazendo uma informação relevante e coisa do tipo. (ROSEGUINE, Guilherme, APÊNDICE F).

Sobre esse aspecto do entretenimento enquanto parte do texto jornalístico, Carlos Gil (APÊNDICE D) relembra de um caso que ilustra bem as dúvidas e questionamentos a respeito dos limites desse recurso em uma matéria para o Jornal Nacional.

Eu me lembro de uma matéria que nós fizemos e eu cheguei a ficar meio receoso com a questão de um trocadilho, principalmente porque existe uma linha muito tênue entre a pessoa rir de um trocadilho, ou achar ele uma completa bobeira. Durante aqueles dias antes da Copa em que a seleção italiana já estava no Brasil, o Balotelli estava sendo meio questionado pela imprensa italiana, e o substituto imediato dele era o Immobile. Na concentração da Itália, nós tínhamos a ‘caza azzurra’, que era um lugar para imprensa ficar descontraída durante os treinos e tudo mais e, nesse local, eles tinham colocado umas mesas de totó. Na hora de eu fazer a passagem sobre essa possível mudança na seleção italiana, eu coloquei uma *GoPro* dentro do golzinho dessa mesa de totó. Durante a passagem eu mexia com o bonequinho e fazia um trocadinho com a questão do nome do jogador Immobile, que quando traduzido para o português é o mesmo que ‘imóvel’, com o fato dele não ser uma piada pronta e estar com vontade de jogar. E nós ficamos com o dilema de mandar ou não para o JN porque era uma coisa bem mais descontraída, mas decidimos mandar e o editor passou o texto comigo, corrigiu algumas coisinhas, mas no fim das contas foi pro ar com louvor e eu cheguei a receber um recado que o pessoal do JN tinha adorado a matéria. (GIL, Carlos, APÊNDICE D)

De maneira geral, todos os entrevistados declararam apresentar uma preocupação grande com o texto de qualquer matéria que fosse para o ar no Jornal Nacional. A linguagem usada era um fator determinante na compreensão da informação pelo telespectador, assim como o seu engajamento com aquele material que estava sendo apresentado pelo telejornal. Assim como a linguagem, outro fato que também tinha impacto direto sobre o público que assistia ao JN era o foco dado aos fatos cobertos durante o Mundial.

#### 4.2.4 – ENFOQUE DAS MATÉRIAS

Assim como no estudo da linguagem utilizada para as matérias da Copa, nesse momento vamos abordar prioritariamente aquelas matérias que tratam somente do Mundial, porque os conteúdos factuais e ligados a outras editoriais tinham o seu enfoque mantido nos mesmos padrões das edições tradicionais do Jornal Nacional.

A abordagem pensada para as matérias do Mundial tinha enfoque comportamental ou na informação esportiva. Sem analisar a linguagem, nesse momento buscamos entender junto aos entrevistados qual era o encaminhamento editorial que eles buscavam dar para as suas matérias, sendo que os caminhos trilhados na produção de cada conteúdo poderiam sofrer influências editoriais e, também, de outros fatores, como o tempo e fatos inesperados.

Quando questionados sobre o enfoque dado aos conteúdos que produziram ao longo da Copa, todos os repórteres disseram ter levado em conta enfoques comportamentais em suas matérias, mesmo naquelas em que o ponto de partida se tratava prioritariamente de uma informação esportiva. Para Pedro Bassan (APÊNDICE G), repórter itinerante, a separação desses dois pontos é algo quase que impossível em uma cobertura como a que o Jornal Nacional se propôs a fazer.

A informação esportiva e o comportamento/entretenimento são coisas inseparáveis às vezes quando você está cobrindo um evento como a Copa do Mundo. Nós já tínhamos percebido isso na cobertura anterior de outros mundiais, mas aqui no Brasil, como aquele evento estava mudando a realidade de todos nós, afinal éramos nós que estávamos recebendo esses turistas e todo o evento junto com eles, era impossível fazer uma matéria somente focando no treino ou na bola, era necessário contextualizar. Nesse sentido as matérias em si cumpriam com um vetor de informação esportiva, mas não deixavam de mostrar toda a atmosfera que estava em volta daquela informação. (BASSAN, Pedro, APÊNDICE G).

Concordando com Bassan, Marcelo Courrege (APÊNDICE E) defende que o comportamento deveria estar presente nas matérias, mas que a informação também nunca deveria ser deixada de lado, pela questão da relevância.

Resumindo, o importante era você conseguir juntar esse comportamento curioso para toda a população com as informações esportivas e jornalísticas necessárias, afinal de contas, a sua matéria também tinha que ser relevante para entrar na edição do JN, não podia ser só brincadeira, porque durante o período da Copa era uma briga muito grande para você conseguir um espaço no telejornal. (COURREGE, Marcelo, APÊNDICE E)

Guilherme Rossegui (APÊNDICE F), repórter itinerante, afirma que muitas vezes o estilo de cada profissional também era um fator que influenciava na hora de se produzir uma matéria para o JN.

De uma forma geral, você tem que jogar de acordo com a situação do dia a dia. Obviamente a formação e o estilo que o repórter cria ao longo de sua carreira também influencia, já que nós temos repórteres que pendem mais para o entretenimento, outros que evidenciam mais a informação, mas isso vai de acordo com a visão pessoal de cada um sobre o fato. O grande 'x' da questão nessas situações é você fazer com que na sua matéria não seja somente o seu ponto de vista a ser mostrado, você tem que pensar que você está fazendo um conteúdo para determinado público, não para satisfazer somente as suas demandas pessoais. Antes de qualquer matéria era essa a pergunta que eu me fazia: o que o público precisa saber disso daqui? [...] Eu sempre buscava isso: o que é relevante entre o que está acontecendo aqui para um público amplo de TV aberta, que não acompanha somente o Uruguai, ou que mesmo não conhece a história desse time? Nesse sentido, eu sempre buscava pegar o que era necessariamente fundamental no dia para a matéria do JN. Aquilo que o telespectador de casa precisa entender enquanto notícia nesse 1 minuto, 1 minuto e meio que eu tenho para passar. A partir daí é que eu dava o encaminhamento para os meus conteúdos para o Jornal Nacional. (ROSEGUINE, Guilherme, APÊNDICE F)

Também destacando o tempo como fator importante para o encaminhamento pensado para as matérias, o repórter itinerante Carlos Gil (APÊNDICE D) conta que esse quesito chegou a gerar até uma brincadeira interna entre eles.

Nós tínhamos uma brincadeira dentro da nossa equipe de cobertura, principalmente entre os repórteres itinerantes, que fazer matéria para o JN na Copa do Mundo era o 'show do minuto'. Como no início da Copa eram várias seleções, a ideia era que todas as equipes itinerantes entrassem com pelo menos um material por dia no Jornal Nacional, isso para marcar a presença constante dessas equipes no telejornal e, ao mesmo tempo, dar a ideia de que o JN estava presente e cobrindo todas as seleções de relevância durante o Mundial com um setorista específico. Toda essa cobertura muito abrangente fazia com que todos os dias quando nós ligássemos para a redação perguntando o tempo que tínhamos para a matéria do JN à resposta era quase sempre a mesma: 1 minuto. Isso era todo dia mesmo, por isso, a brincadeira do 'show do minuto' entre nós. Agora em termos práticos fazer as matérias com esse tempo foi um grande trabalho de concisão, porque nós tínhamos que contar tudo que estava acontecendo em um minuto, mas principalmente tentar extrair de tudo que nós víamos ao longo do dia na cobertura o que era o mais interessante para o público brasileiro. Vale destacar ainda que o público do JN é muito diferente de quem assiste um canal segmentado, como no caso da Sportv. Eles tinham mais espaço para fazer as matérias e usavam uma abordagem bem diferente da nossa. Para quem assiste ao JN não interessa tanto se o lateral esquerdo da Itália está gripado e é dúvida para o jogo, coisa que interessa mais para nós que cobrimos o futebol diariamente ou para aquele aficionado. Com somente um minuto o legal era então extrair do dia a dia o que realmente seria interessante para todo o público brasileiro. (GIL, Carlos, APÊNDICE D)

Segundo o repórter Guilherme Roseguine (APÊNDICE F), o tempo das matérias foi a única demanda editorial imposta para a cobertura e que também influenciou no enfoque que os repórteres davam as suas matérias.

A única orientação que você tem no caso de uma cobertura grande como essa é a questão do tempo. O tempo é extremamente escasso, porque o jornal tem que cobrir muita coisa. Imagina o Jornal Nacional, que não é o telejornal com maior tempo de produção diária da Globo, ou mesmo não tem um público específico como outros, já que, ele tinha que cobrir outros assuntos além da Copa nesse período, ter que acompanhar ainda um evento do porte da Copa do Mundo no seu país diariamente, você tem que ser conciso. Nesse caso eu retorno a questão da relevância ser um fator fundamental para as notícias que entravam no JN, porque você precisa escolher precisamente o que você que falar e transmitir aquela mensagem para o público sem enrolar ou titubear demais. (ROSEGUINE, Guilherme, APÊNDICE F).

Também dentro da parte editorial, Armando Freitas (APÊNDICE C), chefe de reportagem Núcleo Copa, explica que mesmo levando em conta pontos comportamentais, existia uma diferenciação entre matérias informativas e comportamentais. Em nenhum momento foi citado que uma dessas abordagens era mais importante e que os repórteres deveriam seguir ela, mas mesmo assim elas eram colocadas em categorias diferentes pelos líderes da cobertura.

Esse tipo de matéria que não é focado no campo e bola, nós chamamos aqui de matéria said, mas que com certeza gera uma entrada no JN pela irreverência dela. E nós aqui do Núcleo Copa cumpríamos um papel fundamental para esse tipo de matéria emplacar, porque pra o editor comprar ela nós tínhamos que vender muito bem toda a história que estava envolta dela. Eu tinha que fazer o editor sentir a vontade de saber o que era aquela história, assim como o público em casa gostaria de saber. (FREITAS, Armando, APÊNDICE C).

Como os trabalhos para a cobertura da seleção brasileira aconteciam separados das demais coberturas na Copa, já que, existia uma redação fixa na Granja Comary para produzir os conteúdos do Brasil, Flavio Orro (APÊNDICE A), editor de esportes do Jornal Nacional, contou em seu depoimento qual era a logística da cobertura nesse setor.

Nós tínhamos dois desafios diários que eram o seguinte: o primeiro é porque nós tínhamos 1000 jornalistas cobrindo a Granja Comary, ou seja, credenciados para acompanhar a seleção. Esse número é muito grande e ele significava que eram 1000 jornalistas brigando pela mesma notícia, o que tornava as coisas muito complicadas. Além disso, o ambiente da seleção brasileira era sempre muito reservado...fechado... então era sempre bem difícil trabalhar ali, onde você não tinha acesso a todos os jogadores na hora que você quer ou precisa. Normalmente era sempre no esquema de uma coletiva e a gente tinha que colocar a câmera lá parada e mandar ver; ou o treino, que era um trabalho coletivo: você tem obviamente o talento de um repórter como o Tino Marcos, mas ele não conseguia trabalhar sem um contato direto com o repórter cinematográfico mostrando o que ele está pegando de imagens para o VT. E nesses casos uma boa matéria tinha que ter aquele “sobe som” especial, onde eles pegam o Felipão falando: “Pô atenção aí nessa bola que o México costuma fazer gol assim!”. Então de uma forma geral era um pouco isso, mostrar o bastidor, aquilo que normalmente não aparece e nós enquanto repórteres, produtores e editores no local conseguíamos pegar: uma imagem diferenciada, uma entrevista exclusiva e um sobe som interessante. É claro, que se tratando de seleção brasileira, nós tínhamos também aqueles personagens essenciais. O Neymar é um cara que é super popular, então uma pauta com ele sempre é um foco da equipe. Tudo que acontecia com ele já interessava o público de antemão, porque ele era o grande ídolo do time e de certa forma a “esperança” brasileira. Um exemplo para você ter ideia é que o Neymar era sempre um dos nossos pontos de partida em matéria, porque no começo do dia nós tínhamos que saber: ele vai falar hoje? Tem alguma novidade sobre ele? O que que ele fez? E falando sobre esse jornalismo de bastidor, como a CBF tornava aquele espaço um ambiente muito fechado, mas mesmo assim eles produziam conteúdos exclusivos para a “TV ONLINE” deles, nós sempre procurávamos usar esses materiais. Resumindo então, as matérias partiam sempre do princípio de uma coisa de bastidor, ou de algo diferente, na intenção de sair da tradicional coletiva que os 1000 jornalistas credenciados também teriam acesso. Era tentar dar uma cara de novo e diferente para o material final. (ORRO, Flávio, APÊNDICE A)

Assim como Flávio Orro citou o grande trabalho para se conseguir um material diferente e, assim, valorizar as matérias produzidas, os repórteres que estavam acompanhando outras seleções dizem que isso só era possível pela grande integração



que existia entre os membros da equipe. Com membros que trabalhavam em diferentes setores da TV Globo na rotina tradicional, Carlos Gil (APÊNDICE D), conta que essa mistura, muitas vezes, também foi produtiva para se definir como as matérias eram fechadas para o Jornal Nacional.

Juntos nós, inclusive, experimentamos momentos de tentar ver até onde nós podíamos trazer nossas bagagens de outros telejornais, muitas vezes com uma pegada mais descontraída, para o telejornal de maior audiência da casa, que era o JN. Porque muitas vezes nós fazemos uma autocensura, porque você vai fazer a matéria para o Jornal Nacional e você pensa ‘opa deixa eu fazer mais formal e tudo porque é o que o jornal pede’, mas muitas vezes os editores queriam mesmo era algo mais descontraído. (GIL, Carlos, APÊNDICE D)

Em um universo maior do que o enfoque dado as matérias, existia também uma preocupação com relação à produção de cada edição diária do Jornal Nacional, como veremos no quinto e último aspecto dessa análise qualitativa.

#### 4.2.5 – PRODUÇÃO DA EDIÇÃO.

Com três diferentes setores de trabalho (Núcleo Copa, Granja Comary e Repórter Itinerantes) funcionando para a produção de cada edição do Jornal Nacional, o intuito nessa parte do questionário foi entender de que forma ambas as frentes se mobilizaram e pensaram cada edição do telejornal.

No Núcleo Copa, segundo Armando Freitas (APÊNDICE C), chefe de reportagem, existia uma meta de fatos a serem cobertos em todas as edições do JN.

Nós tínhamos um critério para o Jornal Nacional: teriam que ser feitas matérias ou “vivos” dos jogos do dia, que aconteceram antes do horário do jornal entrar no ar – lembrando sempre naquele esquema de VT’s bem curtinhos para entrar o máximo de conteúdo possível por edição; matérias das seleções que jogariam no dia seguinte a edição; além de alguma repercussão de um jogo ou fato que aconteceu no dia anterior. Das oito seleções que nós acompanhávamos sempre tinha pelo menos um material de cada uma delas para oferecer para o JN diariamente. O Bonner enquanto editor chefe era quem definia qual deles iria entrar na edição daquele dia, sendo que de forma geral, ele seguia quase sempre aquele critério que eu expliquei. Vale destacar também que tudo é sempre uma grande negociação, porque talvez a Alemanha não seguia o padrão de jogar no dia da edição ou no dia seguinte, mas tinha um material mega diferente do treino, então dava para emplacar no JN. Então o editor do JN sempre tinha à disposição um VT de cada uma dessas seleções principais, mas muitas vezes o material caía, mesmo os VT’s sempre sendo produzidos naquele padrão curtinho de um minuto e trinta segundos. Quando esse material do JN caía começa um efeito em cascata: o material do JN normalmente ia para o “Jornal da Globo”, a do Jornal da Globo ia para o “Bom Dia Brasil” e por aí vai. (FREITAS, Armando, APÊNDICE C)

Já na Granja Comary, Flávio Orro (APÊNDICE A), editor de esportes do Jornal Nacional, conta que também existia sempre um ‘cardápio’ de opções a serem oferecidos para o editor chefe do JN.

[...] a gente vendia mais ou menos sempre esse cardápio: o VT do Tino era aquela matéria onde ele tentava fisgar o público que não é tão apaixonado pelo futebol, como sua mãe ou a minha mãe, e dava uma cara mais leve, tentando focar em coisas que iam além do treino, tudo para tentar atrair esse público. O VT do Mauro era um VT mais de futebol, com o linguajar “futebolês” mesmo, para satisfazer o apetite daquele cara que é apaixonado e entende, como você e eu, ou seja, nós também contemplávamos esse público. E o terceiro, do Eric, quando eles aceitavam, pegava uma curiosidade ou um fato mais relevante, jornalisticamente falando, naquele determinado dia. Então a gente oferecia basicamente esse cardápio, tentando emplacar sempre os três VT’s todos os dias, mas isso variava de acordo com os acontecimentos do dia mesmo. Às vezes o Bonner tinha espaço e comprava os três, outras vezes não, mas isso quem definia era o próprio Bonner nessa reunião da manhã. (ORRO, Flávio, APÊNDICE A)

Vale destacar que esse ‘cardápio’ diário estava sempre suscetível a mudanças de acordo com o desenrolar dos fatos no dia. Flávio Orro (APÊNDICE A) conta que um dia do Mundial personificou bem essa reviravolta na edição: ‘A contusão de Neymar’.

Um exemplo muito bacana dessa “mudança” total foi a contusão do Neymar, que aconteceu bem no finzinho do jogo, talvez se tivesse acontecido logo no início a gente teria uma margem maior para fazer outras coisas, mas aconteceu no finzinho do jogo e ele saiu com uma contusão que inclusive tirou ele da Copa. O Neymar saiu do estádio e foi direto para o hospital, então o Eric foi encaminhado direto para esse hospital para fazer um material dos exames, mas a gente não estava nem um pouco preparado para um fato daquela magnitude. Então o bacana foi ter que reestruturar e pensar um Jornal novo de uma hora para a outra. O primeiro passo foi tentar botar uma estrutura de vivo funcionando direto do hospital para onde ele tinha sido transferido, mas não deu tempo porque foi bem no fim do jogo, com menos de uma hora de diferença da contusão para a entrada do Jornal Nacional no ar, mas nós sabíamos que um fato daquele com certeza era uma informação que tinha que abrir a edição, mas a solução que arrumamos foi apurar inicialmente a distância. Para você ter noção a notícia mais quente, que no caso era a que o Neymar estava fora da Copa pela lesão, foi confirmada somente 5 minutos antes de o jornal entrar no ar, por fontes pessoais do Galvão Bueno que também parou tudo que estava fazendo para ajudar a equipe na apuração. E esse é um exemplo claro de um fato que nos fez repensar todo o jornal de última hora, porque era inadmissível a gente não focar todas as informações para aquilo que todos queriam saber: o que vai ser do Neymar? Nós não deixamos de mostrar matérias já previstas como o resumo do jogo, mas foi necessário focar esse VT para a contusão já que aquela era a prioridade, porque o craque da seleção a partir de então estava fora da Copa. Para você ter noção também da velocidade e da estrutura dessa rede de comunicação, fomos inclusive nós que repassamos para os outros jogadores da seleção, na “zona mista”, a informação que o Neymar estava fora dos jogos restantes. O Fred ficou sabendo durante a entrevista coletiva. Foi legal poder mostrar ao vivo toda essa repercussão. (ORRO, Flávio, APÊNDICE A)

Nesses momentos de reviravolta, o repórter Guilherme Roseguine (APÊNDICE F), conta que a preparação pessoal e a rapidez são fatores fundamentais para se levar a informação com precisão e qualidade para o telespectador.

Quando o Suárez resolveu morder o Chiellini no jogo contra a Itália, aquilo não me surpreendeu. Eu pelas minhas pesquisas de arquivo e, também, *in loco* no Uruguai, sabia que o Suárez era um cara capaz de fazer aquilo, então quando aquilo aconteceu, o mais legal de tudo era que nós estávamos preparados. Eu sabia o que fazer; nós sabíamos que não era a primeira vez; nós sabíamos quem nós tínhamos que ouvir para as matérias; ou seja, tínhamos tudo esquematizado já. A preparação prévia de um repórter entra nesse momento, quando um fato que na maioria das vezes arranca o cabelo de quase todos os jornalistas é algum natural e comum para você. Quem tá com informação na mão sabe o que fazer. (ROSEGUINE, Guilherme, APÊNDICE F).

Tirando as exceções de dias que exigiam uma reestruturação total das edições, como em casos citados pelos próprios entrevistados, o panorama de construção do Jornal Nacional durante a Copa seguiu sempre essa mesma fórmula, sendo que a ela se englobavam os outros quesitos do questionamento acima exposto. De maneira geral, foram essas cinco partes que deram ‘cara’ ao que foi o JN durante essa cobertura.

#### 4.3 – ANÁLISE QUANTITATIVA

Na segunda parte deste estudo de caso, vamos abordar os dados quantitativos referentes a pesquisa realizada sobre o Jornal Nacional no período da Copa do Mundo. Durante o dia 12 de junho de 2014 (abertura do mundial) até 12 de julho de 2014 (final do mundial), o JN colocou no ar um total de 27 edições. Seguindo um modelo de documento pré-estabelecido (ANEXO 3), todos esses telejornais passaram por um processo de decupagem, que buscou desmembrar os programas de acordo com os conteúdos produzidos e os seus tempos de duração no ar em cada telejornal.

Após esse primeiro momento, todos os conteúdos presentes em uma edição do jornal passaram processo de classificação em três diferentes aspectos, sendo eles: natureza (VT’s, VIVOS e NOTA/LOCOFF’S); temática (COPA, FACTUAL e OUTROS); e, em especial para os produtos que tratavam essencialmente da Copa do Mundo, abordagem jornalística (COMPORTAMENTO ESPORTIVO e INFORMAÇÃO ESPORTIVA). Com esse processo, o objetivo central é poder se ter um panorama sobre qual a mensagem que o Jornal Nacional enviou para os seus telespectadores durante a Copa do Mundo, refletindo todo o planejamento, preparação e execução dos trabalhos que vimos na análise qualitativa anteriormente.

#### 4.3.1 – DADOS GERAIS.

A amostra de estudo para o processo de decupagem das edições do Jornal Nacional foi um total de 27 programas, televisionados durante os dias 12/06/2014 a 12/07/2014 (tempo do Mundial no Brasil). Ao todo, a Copa do Mundo durou 31 dias de evento, mas como o JN só vai ao ar de segunda a sábado, a quantidade de edições nesse intervalo foi de 27.

Com esses 27 programas, o Jornal Nacional passou um tempo total de 18 horas 57 minutos e 18 segundos no ar durante o mundial. A média de duração de cada edição foi de 42 minutos e 12 segundos, sendo que era quase sempre por volta da 20h30 da noite que o jornal começava. Ainda nesse universo do tempo de duração, vale destacar que o tempo total que o JN passou no ar não significa o tempo total de conteúdos produzidos para cada edição e contabilizados durante as decupagens. Entre cada matéria, nota ou vivo existiam escaladas, passagens de blocos, comentários e ‘cabeças de VT’s’, sendo que esses aspectos consumiam grande parte do tempo total de cada telejornal.

No primeiro quadro e tabela estão apresentados os valores totais de conteúdo no ar, de acordo com o tempo, além da especificação que cada um deles de acordo com a sua natureza. Os valores estão apresentados em números absolutos e porcentagem.

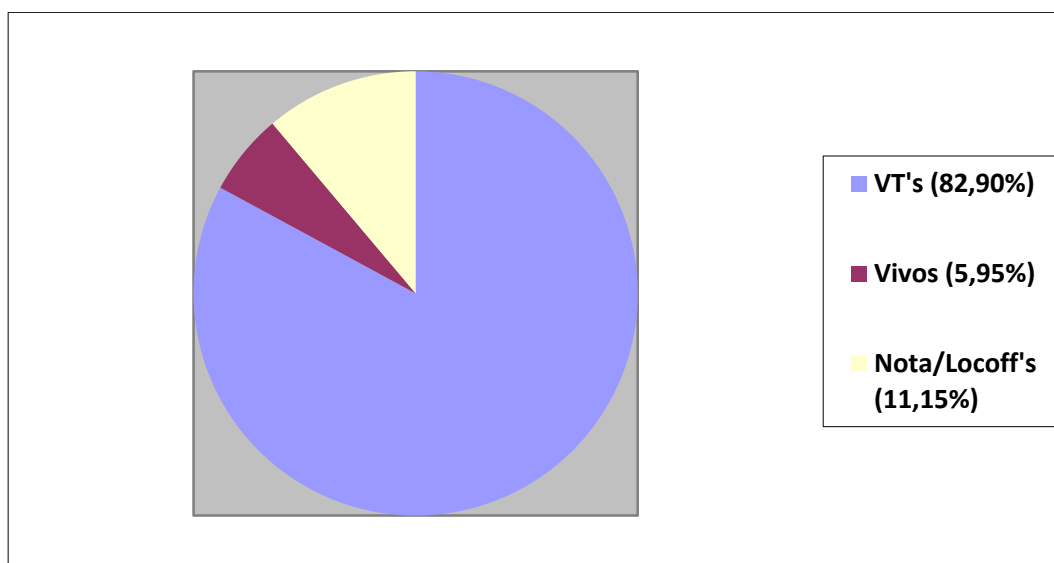
QUADRO 1 – NATUREZA DOS CONTEÚDOS PRODUZIDOS EM TEMPO NO AR.<sup>30</sup>

<b>CLASSIFICAÇÃO</b>	<b>NÚMEROS ABSOLUTOS</b>
VT’s	11 horas 52 minutos e 35 segundos.
Vivos	51 minutos e 15 segundos.
Nota/Locoff	1 hora e 35 minutos.
Total	14 horas 19 minutos e 25 segundos.

FONTE: Dados da Pesquisa.

<sup>30</sup> Tempo total de conteúdos produzidos para cada edição do JN, o que excluem escaladas, passagens de blocos, comentários e ‘cabeças de VT’s’, sendo que esses aspectos consumiam grande parte do tempo total de cada telejornal.

GRÁFICO 1 – PORCENTAGEM DA NATUREZA DOS CONTEÚDOS PRODUZIDOS EM TEMPO NO AR.



FONTE: Dados da pesquisa, 2016.

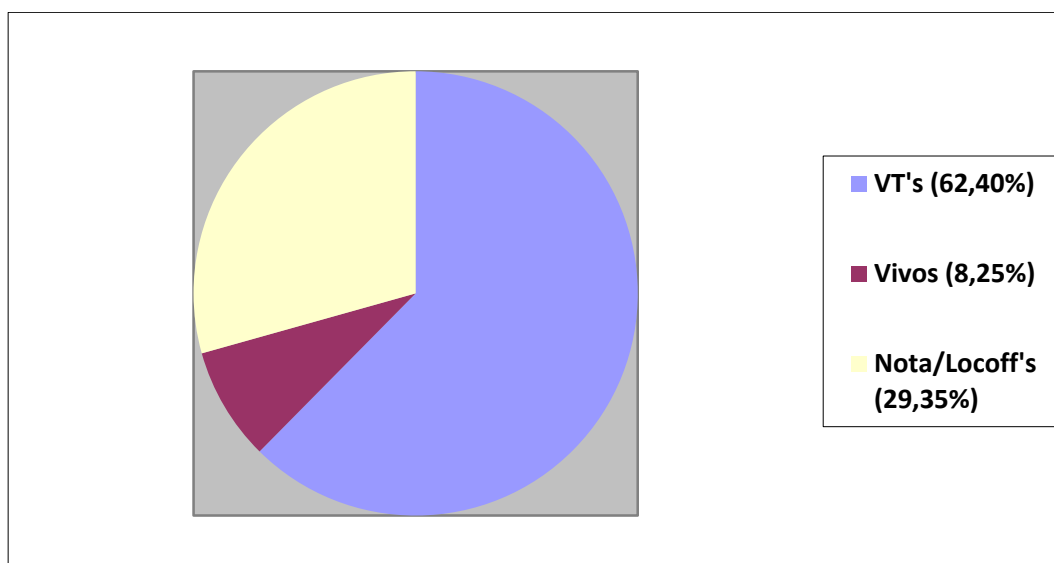
Analisando o mesmo objeto, mas levando em conta agora a quantidade total de conteúdos produzidos pelo Jornal Nacional, sem considerar o tempo de cada um deles no ar, mas sim a frequência de vezes em que eles aparecem ao longo das 27 edições, os dados se apresentam da seguinte maneira.

QUADRO 2 – NATUREZA DOS CONTEÚDOS PRODUZIDOS EM NÚMEROS ABSOLUTOS.

CLASSIFICAÇÃO	NÚMEROS ABSOLUTOS
VT's	453
Vivos	60
Nota/Locoff	213
Total	726

FONTE: Dados da Pesquisa, 2016.

GRÁFICO 2 – PORCENTAGEM DA NATUREZA DOS CONTEÚDOS PRODUZIDOS EM NÚMEROS ABSOLUTOS.



FONTE: Dados pesquisa, 2016.

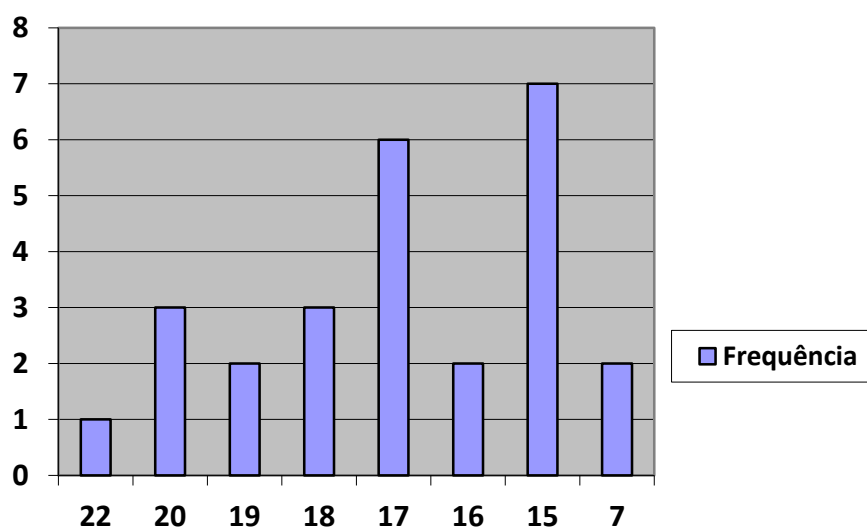
Com o conhecimento das informações acima mostradas nos quadros e tabelas, o estudo se dividiu de acordo com a natureza dos produtos veiculados no Jornal Nacional, para mostrar de que forma cada um deles se comportou ao longo das edições.

#### 4.3.2 – DADOS DE VT's

Dominando 82,90% do tempo total de conteúdos veiculados no Jornal Nacional durante o Mundial, foram produzidos 453 VT's (*videoteipes*) para as edições da amostra. A média de matérias por edição nesse período foi de aproximadamente<sup>31</sup> dezessete, sendo que elas se dividiram da seguinte maneira de acordo com a frequência.

<sup>31</sup> Número exato de VT's por edição pela média seria de 16,7.

GRÁFICO 3 – FREQUÊNCIA DO NÚMERO TOTAL DE VT’S POR EDIÇÃO.



FONTE: Dados da Pesquisa.

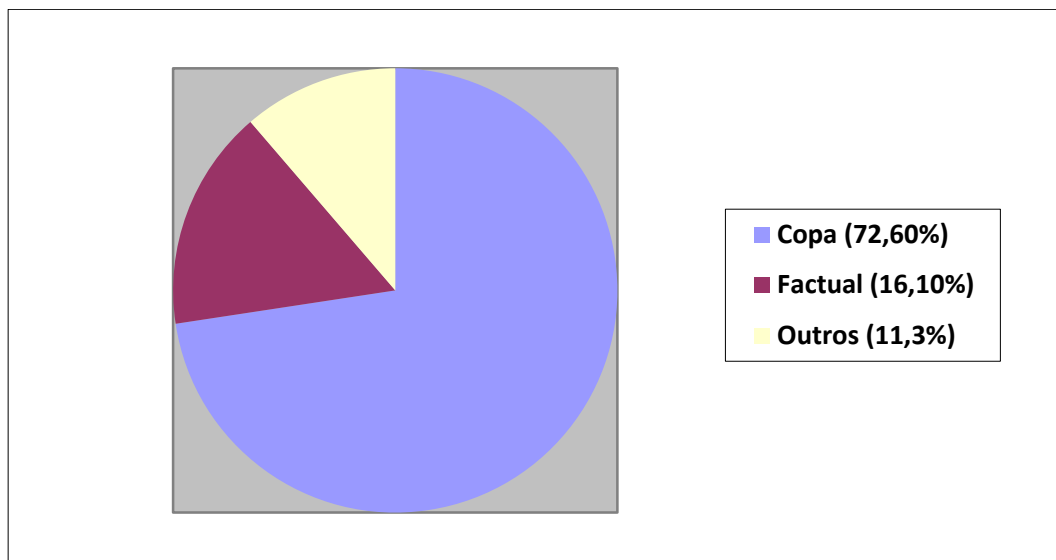
Essas matérias produzidas ao longo das edições também foram subdivididas de acordo com a temática principal, sendo que elas podiam tratar prioritariamente sobre um assunto ligado à COPA, FACTUAL ou OUTROS. Os dados estão apresentados em números absolutos e porcentagem.

QUADRO 3 – TEMÁTICA DOS VT’S PRODUZIDOS EM NÚMEROS ABSOLUTOS.

CLASSIFICAÇÃO	NÚMEROS ABSOLUTOS
Copa	329
Factual	73
Outros	51
Total	453

FONTE: Dados da Pesquisa, 2016.

**GRÁFICO 4 – PORCENTAGEM DA TEMÁTICA DOS VT’S PRODUZIDOS EM NÚMEROS ABSOLUTOS.**



FONTE: Dados pesquisa, 2016.

A fim de avaliar a real dimensão que cada uma dessas temáticas apresentou dentro dos VT's produzidos pelo Jornal Nacional, os próximos gráficos mostram qual foi o tempo que cada um desses assuntos ficou no ar nessa subdivisão.

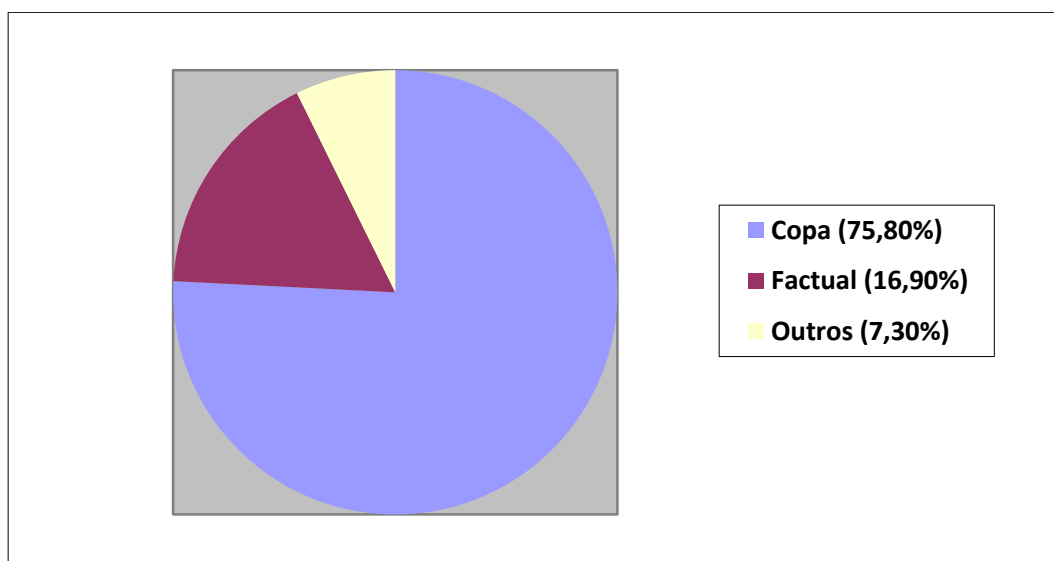
**QUADRO 4 – TEMÁTICA DOS VT’S PRODUZIDOS EM TEMPO NO AR.**

<b>CLASSIFICAÇÃO</b>	<b>NÚMEROS ABSOLUTOS</b>
Copa	8 horas 58 minutos e 22 segundos.
Factual	1 hora 59 minutos e 54 segundos.
Outros	51 minutos e 21 segundos.
Total	11 horas 52 minutos e 35 segundos.

FONTE: Dados da Pesquisa, 2016.



**GRÁFICO 5 – PORCENTAGEM DA TEMÁTICA DOS VT’S PRODUZIDOS EM TEMPO NO AR.**



FONTE: Dados pesquisa, 2016.

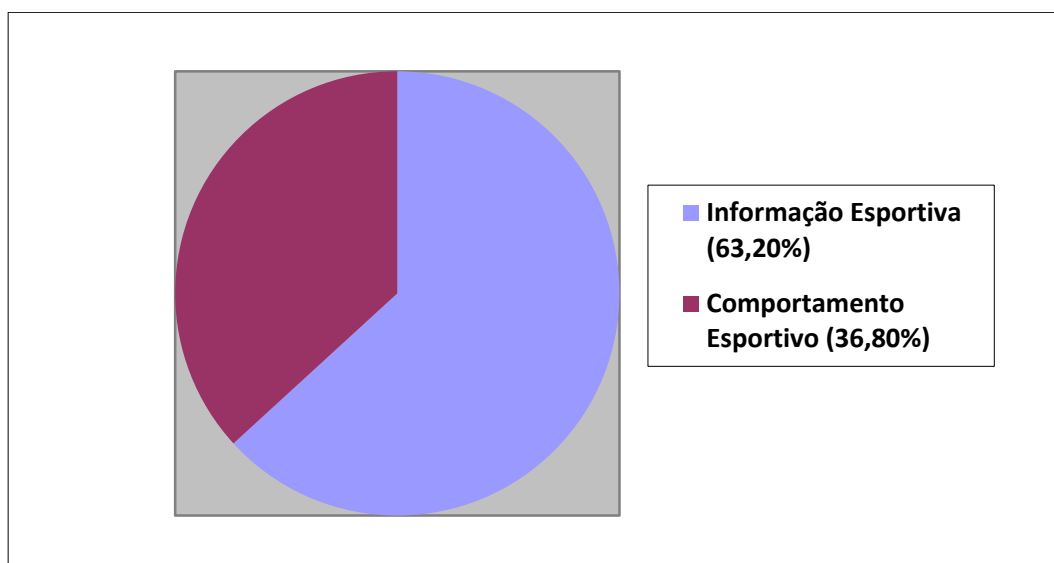
Na análise dos VT's ligados somente à Copa do Mundo, uma terceira subdivisão levantou os dados a respeito da abordagem jornalística presente em cada um deles. Podendo ser considerados com um **COMPORTAMENTO ESPORTIVO** ou uma **INFORMAÇÃO ESPORTIVA**, os dados em números absolutos são:

**QUADRO 5 – ABORDAGEM JORNALÍSTICA DOS VT’S COPA PRODUZIDOS EM NÚMEROS ABSOLUTOS.**

<b>CLASSIFICAÇÃO</b>	<b>NÚMEROS ABSOLUTOS</b>
Informação Esportiva	208
Comportamento Esportivo	121
Total	329

FONTE: Dados da Pesquisa, 2016.

GRÁFICO 6 – PORCENTAGEM DA ABORDAGEM JORNALÍSTICA DOS VT’S COPA PRODUZIDOS EM NÚMEROS ABSOLUTOS.



FONTE: Dados pesquisa, 2016.

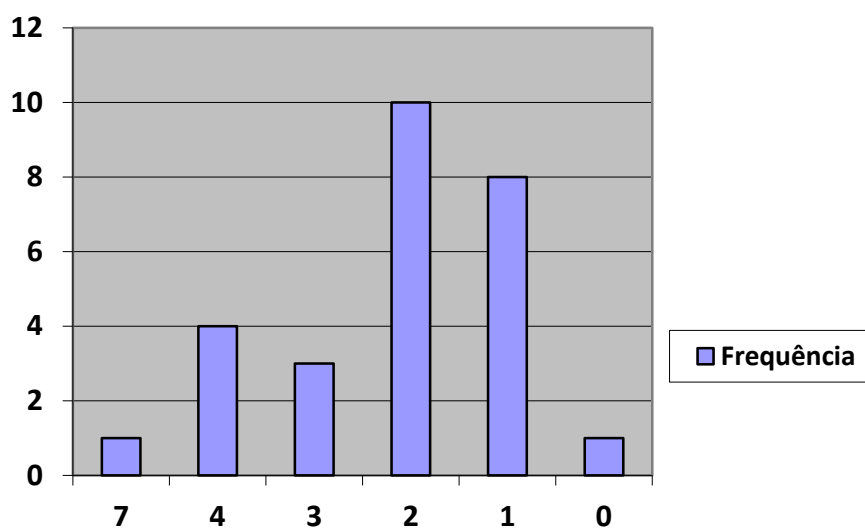
Os dados acima mostrados apresentam de que maneira o segmento dos videoteipes foi usado durante a cobertura do Jornal Nacional na Copa do Mundo. Segmento de maior abrangência dentro da cobertura, os quadros e tabelas detalham de que forma o que foi pensado e idealizado acabou sendo transmitido para os telespectadores.

#### 4.3.3 – DADOS DE VIVOS

Representando 5,95% do tempo de conteúdo veiculado no JN durante o Mundial, ao todo foram 60 entradas ao vivo no período. A média de vivos por edição nessa amostra foi de aproximadamente<sup>32</sup> dois, sendo que eles se dividiram da seguinte maneira de acordo com a frequência por edição.

<sup>32</sup> Número exato de VIVOS por edição pela média seria de 2,2.

GRÁFICO 7 – FREQUÊNCIA DO NÚMERO TOTAL DE VIVOS POR EDIÇÃO.



FONTE: Dados da Pesquisa.

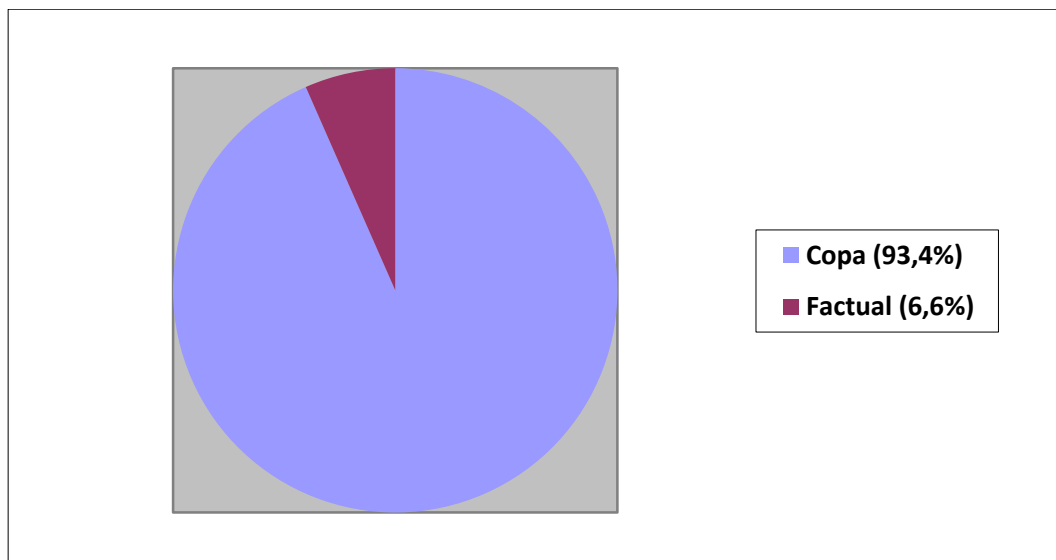
Quando analisados de acordo com a sua temática principal, os VIVOS apresentaram os seguintes valores:

QUADRO 6 – TEMÁTICA DOS VIVOS PRODUZIDOS EM NÚMEROS ABSOLUTOS.

<b>CLASSIFICAÇÃO</b>	<b>NÚMEROS ABSOLUTOS</b>
Copa	56
Factual	4
Outros	0
Total	60

FONTE: Dados da Pesquisa, 2016.

GRÁFICO 8 – PORCENTAGEM DA TEMÁTICA DOS VIVOS PRODUZIDOS EM NÚMEROS ABSOLUTOS.



FONTE: Dados pesquisa, 2016.

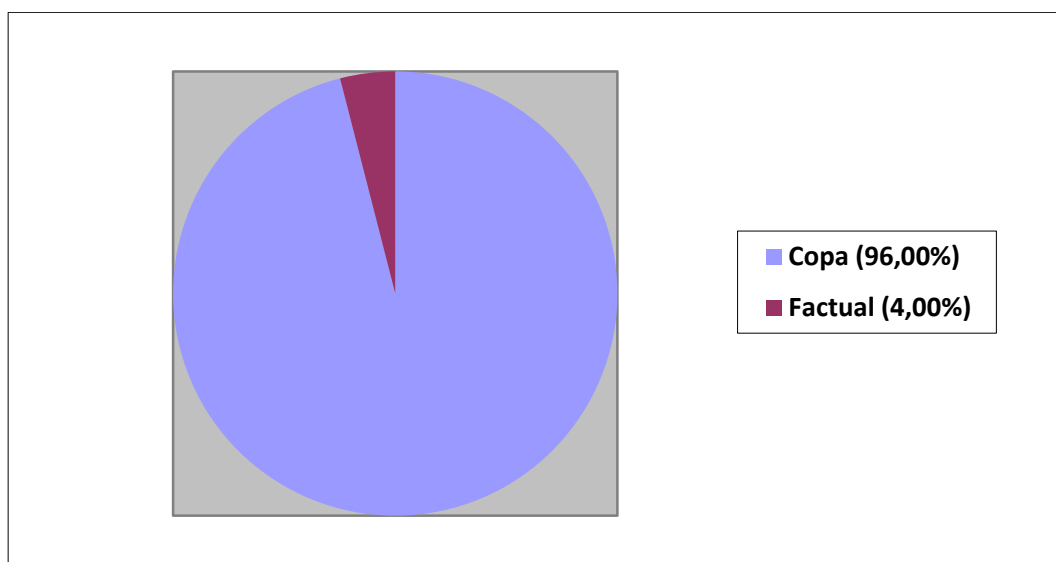
Dimensionando os valores acima apresentados com relação ao tempo de duração em cada um dos casos, as subdivisões de VIVOS ficaram da seguinte maneira:

QUADRO 7 – TEMÁTICA DOS VIVOS PRODUZIDOS EM TEMPO NO AR.

CLASSIFICAÇÃO	NÚMEROS ABSOLUTOS
Copa	49 minutos e 12 segundos
Factual	2 minutos e 03 segundos
Outros	-----
Total	51 minutos e 15 segundos.

FONTE: Dados da Pesquisa, 2016.

GRÁFICO 9 – PORCENTAGEM DA TEMÁTICA DOS VIVOS PRODUZIDOS EM TEMPO NO AR.



FONTE: Dados pesquisa, 2016.

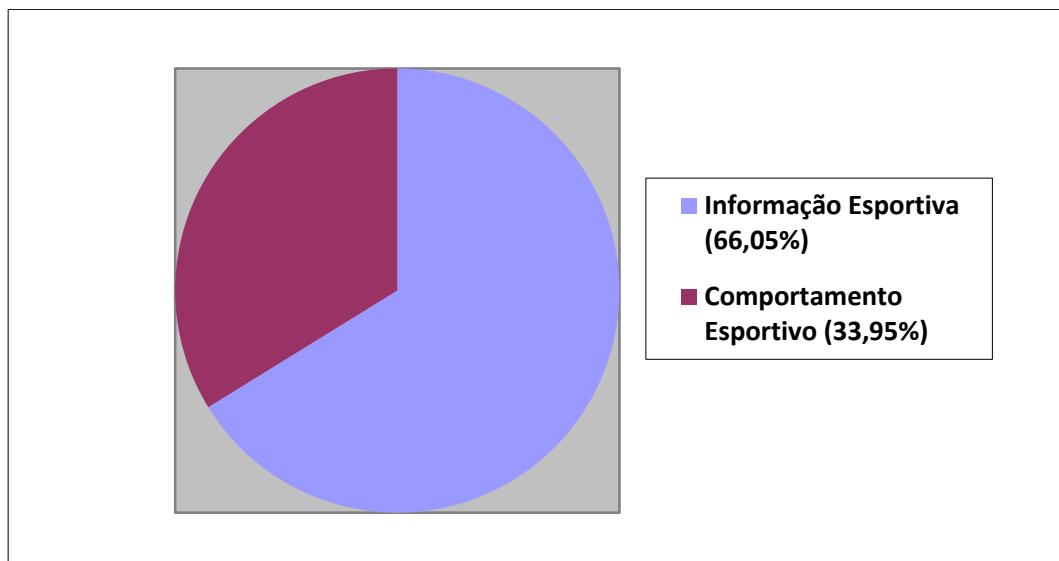
Já quando avaliados de acordo com a abordagem jornalística dos vivos feitos especificamente sobre a Copa do Mundo, os dados em números absolutos e porcentagem se dividiram da seguinte forma:

QUADRO 8 – TEMÁTICA DOS VIVOS PRODUZIDOS EM TEMPO NO AR.

CLASSIFICAÇÃO	NÚMEROS ABSOLUTOS
Copa	49 minutos e 12 segundos
Factual	2 minutos e 03 segundos
Outros	-----
Total	51 minutos e 15 segundos.

FONTE: Dados da Pesquisa, 2016.

GRÁFICO 10 – PORCENTAGEM DA TEMÁTICA DOS VIVOS PRODUZIDOS EM TEMPO NO AR.



FONTE: Dados pesquisa, 2016.

Os números apresentados nesse item dizem respeito aos vivos produzidos pelo Jornal Nacional durante o período de cobertura da Copa do Mundo. Esse foi o segmento de menor representatividade dentro daqueles que abordam a natureza dos conteúdos, por consequência, foi aquele que menos tempo ficou no ar durante a cobertura.

#### 4.3.4 – DADOS DE NOTAS/LOCOFF’S

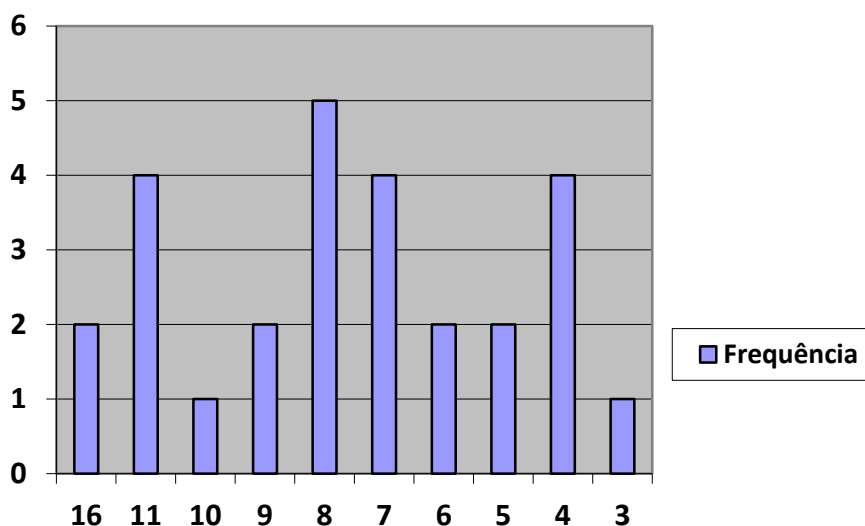
Com 11,15% do tempo total de conteúdos veiculados no Jornal Nacional durante o Mundial, foram produzidas 213 Notas ou *Locoff’s*<sup>33</sup> para as edições dentro do período analisado. A média de Notas ou *Locoff’s* produzidas por programa nesse período foi de aproximadamente<sup>34</sup> oito, sendo que elas se dividiram da seguinte maneira de acordo com a frequência a cada edição.

---

<sup>33</sup> Nota Coberta.

<sup>34</sup> Número exato de VT’s por edição pela média seria de 7,88.

GRÁFICO 11 – FREQUÊNCIA DO NÚMERO TOTAL DE NOTAS/LOCOFF’S POR EDIÇÃO.



FONTE: Dados da Pesquisa

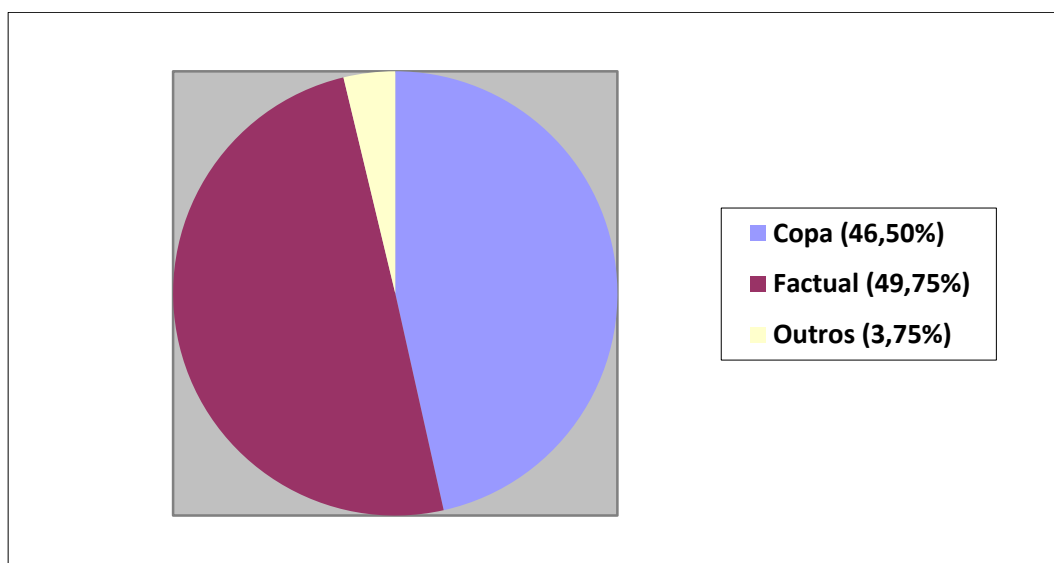
Os dados de NOTAS/LOCOFF’S de acordo com a temática principal apresentaram os seguintes valores:

QUADRO 9 – TEMÁTICA DAS NOTAS/LOCOFF’S PRODUZIDOS EM NÚMEROS ABSOLUTOS.

<b>CLASSIFICAÇÃO</b>	<b>NÚMEROS ABSOLUTOS</b>
Copa	99
Factual	106
Outros	8
Total	213

FONTE: Dados da Pesquisa, 2016.

GRÁFICO 12 – PORCENTAGEM DA TEMÁTICA DOS NOTAS/LOCOFF’S PRODUZIDOS EM NÚMEROS ABSOLUTOS.



FONTE: Dados pesquisa, 2016.

Essas mesmas NOTAS/LOCOFF’S quando analisadas pelo tempo de duração enquanto conteúdo do Jornal Nacional apresentaram os seguintes valores:

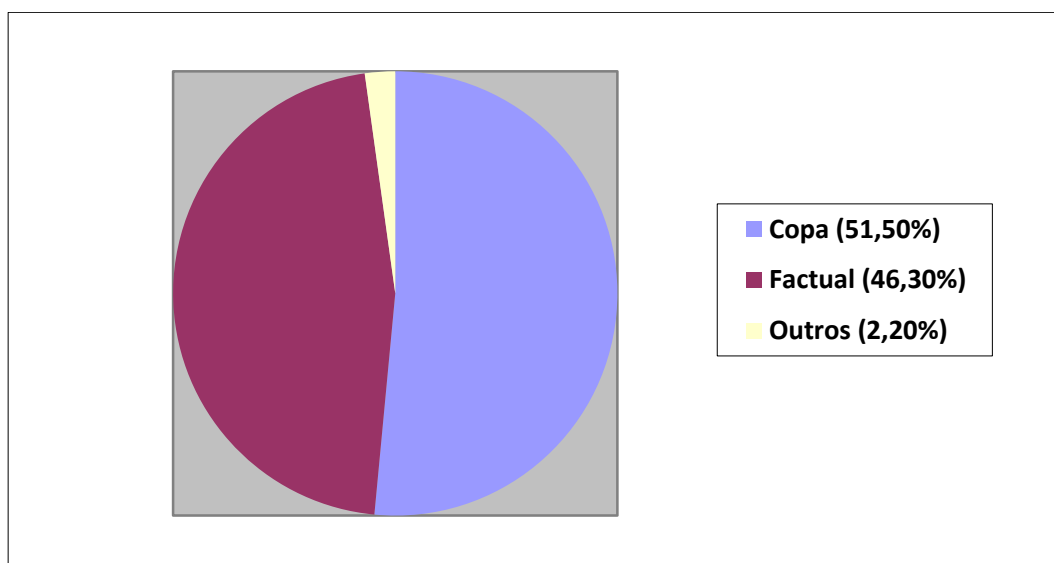
QUADRO 10 – TEMÁTICA DAS NOTAS/LOCOFF’S PRODUZIDOS EM TEMPO NO AR.

CLASSIFICAÇÃO	NÚMEROS ABSOLUTOS
Copa	49 minutos e 15 segundos.
Factual	44 minutos e 27 segundos.
Outros	2 minutos e 8 segundos.
Total	1 hora e 35 minutos e 50 segundos.

FONTE: Dados da Pesquisa, 2016.



GRÁFICO 13 – PORCENTAGEM DA TEMÁTICA DAS NOTAS/LOCOFF’S PRODUZIDOS EM TEMPO NO AR.



FONTE: Dados pesquisa, 2016.

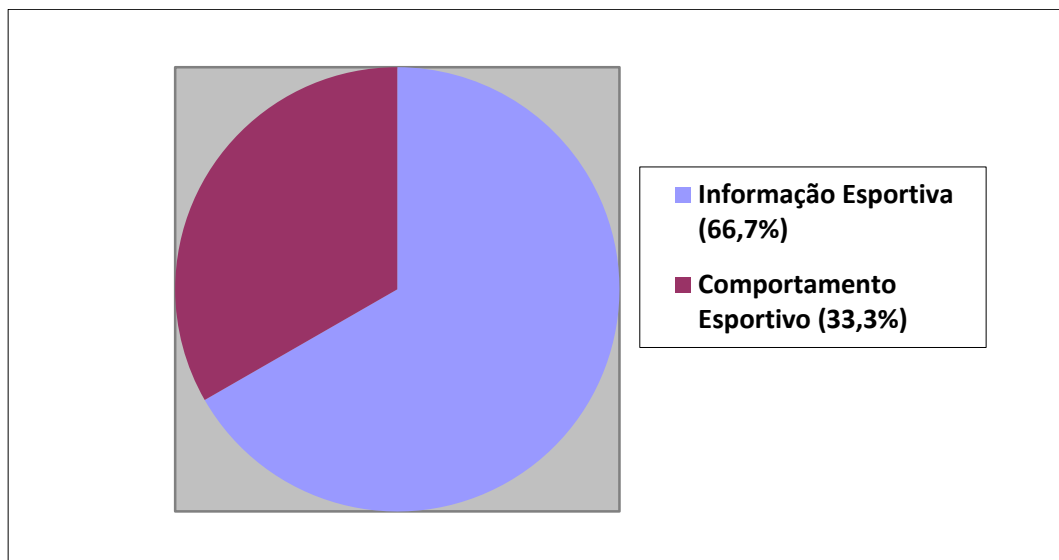
Já quando analisamos abordagem jornalística das NOTAS/LOCOFF’S feitas especificamente sobre a Copa do Mundo, os dados em números absolutos e porcentagem se mostram assim:

QUADRO 11 – ABORDAGEM JORNALÍSTICA DAS NOTAS/LOCOFF’S COPA PRODUZIDOS EM NÚMEROS ABSOLUTOS.

CLASSIFICAÇÃO	NÚMEROS ABSOLUTOS
Informação Esportiva	66
Comportamento Esportivo	33
Total	99

FONTE: Dados da Pesquisa, 2016.

GRÁFICO 14 – PORCENTAGEM DA ABORDAGEM JORNALÍSTICA DAS NOTAS/LOCOFF’S COPA PRODUZIDOS EM NÚMEROS ABSOLUTOS.



FONTE: Dados pesquisa, 2016.

Sendo o segundo segmento de maior representatividade dentro das edições do Jornal Nacional, os dados acima apresentados demonstram os números das NOTAS/LOCOFF’S durante essa cobertura.

Os dados levantados nesse estudo quantitativo cumprem o papel de análise das mensagens abordadas e as formas de entrega desses conteúdos aos telespectadores do Jornal Nacional durante o período da Copa do Mundo. Somado aos depoimentos da parte qualitativa, o objetivo deste análise de conteúdo foi o de apresentar dados coletados sobre a abordagem do maior telejornal em audiência do Brasil a respeito de uma cobertura de um grande evento mundial.

## **5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Após quase um ano de trabalho para se levantar os estudos aqui apresentados - pesquisa histórica e bibliográfica, entrevistas e dados quantitativos; a partir da análise dos mesmos, algumas ponderações podem ser feitas a respeito da cobertura do Jornal Nacional na Copa do Mundo.

Desde a sua criação, em 1969, o Jornal Nacional despontou com um dos mais tradicionais e, também, acompanhados programas da televisão aberta brasileira. Para uma grande parte da população do país, mais do que uma fonte de informação, o JN é parte do seu cotidiano. São pessoas e famílias que diariamente se reúnem para saber quais foram os fatos marcantes do país e no mundo; as notícias do esporte; e fatos curiosos e diferentes do Brasil.

Nesse sentido, é possível afirmar que existe uma grande responsabilidade por parte dos profissionais que produzem cada edição diária desse programa. Todo conteúdo que é feito para o Jornal Nacional deve dialogar com um público extremamente heterogêneo, com diferenças financeiras, de escolaridade de contextos sociais e até demandas distintas enquanto telespectadores do jornal.

Para a cobertura da Copa do Mundo no Brasil, em 2014, todos esses cuidados foram exponenciados com o objetivo de que o público não fosse afastado da televisão pela falta de compreensão, ou mesmo, interesse. Se tratando de um fato que abrangia mais do que somente a editoria esportiva, o Mundial movimentou o país com os turistas, investimentos e outros fatores que foram alvo de cobertura por parte do Jornal Nacional. O segredo para que nesse período tudo fosse absorvido da melhor maneira pelo público, foi o cuidado primordial com a linguagem empregada nas matérias, notas ou vivos. Os conteúdos foram feitos com base em um texto leve, que incorporasse como fator principal e fundamental a informação - que conferia credibilidade e relevância para as matérias - ao inusitado e divertido – o que trazia um tom leve de comportamento para os fatos.

Com relação à estrutura, desde 2007, quando a FIFA anunciou o Brasil como país sede da Copa do Mundo, a Rede Globo passou a investir em uma preparação especial para a cobertura do Mundial. De infraestrutura até logística de operações, todos

os detalhes foram pensados para que na hora do evento um grande sistema de informação e profissionais estivesse alinhado para que nada saísse errado.

Dentro dessa realidade, como principal jornal da emissora, o JN teve amplo aparato estrutural para cobrir a Copa do Mundo, o que trouxe destaque e, até mesmo vantagem perante os concorrentes. O sistema de equipes itinerantes originou uma abordagem que levava os brasileiros a estarem sempre acompanhando a movimentação de grandes seleções e jogadores. A estrutura de uma redação exclusiva para acompanhar a seleção brasileira, e a presença de 117 afiliadas para o suporte de matérias comportamentais sobre o Mundial, também fez com que as informações relevantes sobre o time Brasil e o que acontecia pelo país não passasse despercebido. Para o público que assistiu ao Jornal Nacional durante o período, graças a essa infraestrutura, a ideia que era transmitida era a de que o telejornal e a Rede Globo estavam presentes em todos os cantos do país para levar os grandes fatos do evento para a casa dos brasileiros.

Todo esse investimento culminou em um trabalho que durou quase 19 horas de transmissão no ar. Foram 27 edições durante os 31 dias do evento, que trouxeram para o telespectador os principais fatos do Mundial, junto com outras matérias que, pela sua relevância, ganharam destaque nas edições do Jornal Nacional.

Pela proximidade e pela própria proeminência natural em si, a Copa do Mundo foi o fato mais noticiado durante esse período, com o domínio de mais de 50% de tempo no ar de todos os conteúdos produzidos para o Jornal Nacional. Nesse universo o destaque ainda fica para as abordagens jornalísticas pensadas para cada material, sendo que em todos os segmentos que tratavam sobre a Copa do Mundo (VT's, Vivos ou Notas) a informação esportiva prevaleceu como ponto de partida de mais de 60% dos casos em todas as áreas.

Com relação ao universo em que estava inserida a cobertura, vale apontar que o principal foco de todas as edições da amostra apontam para um domínio grande das matérias que tratavam sobre o mundial, seguidas das factuais e, por último, aquelas que não tinham nenhuma relação com esses dois pontos citados. A categoria 'OUTROS', ao final da transmissão de nossa amostra selecionada, reuniu em todas as naturezas de conteúdo produzidas (VT's, Vivos ou Notas) menos do que 10% total do tempo dedicado a determinado segmento. Isso mostra que em um mega evento como esse não existia espaço para outras matérias a não ser aquelas que tratavam sobre o Mundial, ou

que se impunham enquanto conteúdo jornalístico pelo seu apelo do imediatismo, do factual. As equipes na rua não iriam gastar muito tempo fazendo matérias sobre temas avulsos sendo que o Mundial apresentava grande força enquanto ‘valor notícia’.

A média de cada um dos segmentos divididos por sua natureza em telejornais no período (17 VT’s; 2 Vivos; e 7 Notas) mostra também uma superioridade massiva dos videoteipes como forma de conteúdo presente durante o Mundial. Grande parte disso se cabe ao fato de que essa é a melhor forma para se contar uma história com começo, meio e fim de forma jornalística, além de permitir uma melhor adaptação dos fatos, unindo notícia e comportamento, em somente um conteúdo. O baixo número de vivos por edição mostra que eles só se impunham enquanto forma de transmissão de mensagem no telejornal pelos fatores do extremo imediatismo, quando um fato estava acontecendo necessariamente enquanto o jornal estava no ar, ou quando existia uma falta de imagem ou tempo para que determinado fato fosse repassado ao telespectador através de uma matéria.

Juntando todos os pontos acima mostrados, o principal levantamento que fazemos a respeito da cobertura do Jornal Nacional na Copa do Mundo é sobre a estruturação da linguagem. A partir dos estudos feitos nesse trabalho é possível se afirmar que a editoria esportiva em grandes telejornais, assim como os seus conteúdos, não depende do entretenimento ou da banalização do texto para a compreensão por parte do público. A informação esportiva ainda é o fator que mais motiva a produção de material jornalístico nesses casos, sendo que a escolha de palavras e a contextualização com o universo são fatos que podem trazer leveza para matérias, sem fazer com que elas percam relevância de informação para o público.

Mesmo que se tratando da análise de uma cobertura específica do Jornal Nacional (Copa do Mundo), durante visitas à redação e conversas com profissionais que trabalham no telejornal diariamente, foi possível entender que essa é uma realidade empregada na rotina de trabalho de todos que ajudam a construir as edições diárias desse programa. Assim como em outras coberturas específicas na televisão como eleições norte-americanas, eleições nacionais, carnaval, campeonatos de Fórmula 1 e outros casos, o importante é a universalização do assunto.

Nesse sentido, é possível ponderar que o Jornal Nacional - que é um produto jornalístico detentor de grandes índices de audiência no país e é tido por uma parcela da

população como fonte fiel e segura de informação - tem a proposta de tornar compreensível para o público todos os assuntos relevantes enquanto fatos a serem noticiados, independente de qual seja a sua editoria ou mesmo dificuldade de interpretação. Essa missão é cumprida através da linguagem inclusiva e de fácil compreensão/acesso que, nesses casos, deixa de ser um diferencial do ‘bom jornalista’ para se tornar uma necessidade básica daqueles que desejam trabalhar na profissão.

O diferencial nesse caso estudado foi a estrutura de cobertura para o evento, que demandou preparação e realização de operações técnicas e logísticas que não estão presentes em edições tradicionais do JN. Dessa forma, o trabalho aqui apresentado também cumpre com uma função de recorte histórico de um fato marcante para o nosso país e para o jornalismo esportivo brasileiro.

## 6 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do jornalismo esportivo**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2006. 188 p.

BOAS, Sérgio Vila. **Formação e Informação Esportiva**. São Paulo: Summus Editorial, 2005.

BONNER, William. **Jornal Nacional: modo de fazer**. 1. ed. São Paulo: Globo, 2009. 244p.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2003. 120 p.

COUTO, André Alexandre Guimarães. **A hora e a vez dos esportes: criação do Jornal dos Sports e a consolidação da imprensa esportiva no Rio de Janeiro (1931-1950)**. 2011. 202 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2011.

GOMES, Itania Maria Mota. **Modo de Endereçamento no Telejornalismo do Horário Nobre Brasileiro: o Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão**. In: V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, Grupo Comunicação Audiovisual, Rio de Janeiro, 2005. 15f.

GUERRA, Márcio. **Rádio x TV: O jogo da narração. A imaginação entra em campo e seduz o torcedor**. 1 ed. Juiz de Fora: Editora Juizforana, 2012. 198 p.

\_\_\_\_\_. **Você, ouvinte, é a nossa meta: A importância do rádio no imaginário do torcedor do futebol**. 1. ed. Rio de Janeiro: Etc Editora, 2002. 92 p.

**JORNAL NACIONAL 35 ANOS**. William Bonner, Rio de Janeiro: Globo Video, 2004, 300min.

Memória Globo. **Eventos e Coberturas**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/eventos-e-coberturas.htm>>.

Acesso em 17 de janeiro de 2016.

Memória Globo. **Jornal Nacional**. Disponível em:  
<<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornalnacional.htm>>.  
Acesso em 13 de janeiro de 2016.

OLIVEIRA, Roberta. **Jornalismo Esportivo/ Entretenimento: a construção identitária das edições carioca e paulista do Globo Esporte**. 2013, 254f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação, área Comunicação e Identidade, da Universidade Federal de Juiz de Fora.

RIBEIRO, André. **Os donos do espetáculo: histórias da imprensa esportiva do Brasil**. 1. ed. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007. 326 p.

S/A. **Jornal Nacional: a notícia faz história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004, 406p.

SOUSA, Li-Chang Shuen Cristina Silva. **Noticiário Esportivo no Brasil: uma resenha histórica**. Revista Lâmina. Recife, n. 1, 2005. Disponível em: <<http://jornalismo.ufma.br/licristina/files/2014/01/1%25C3%25A2mina.pdf>> Acesso em 03 de março de 2015.

**TV GLOBO 50 ANOS DE JORNALISMO**. William Bonner, Rio de Janeiro: Som Livre, 2015, 120 min.

UNZELTE, Celso. **Jornalismo esportivo: relatos de uma paixão**. 1. ed. Magaly Prado (org.). São Paulo: Saraiva, 2009. 176 p.

STYCER, Maurício. **História do Lance! – Projeto e prática do jornalismo esportivo**. São Paulo: Alameda, 2009. 323p.



**APÊNDICE**  
**Decupagens das Entrevistas.**

**APÊNDICE A – ENTREVISTA FLÁVIO ORRO, EDITOR DE ESPORTES DO  
JORNAL NACIONAL (04/05/2015).**

**1) Como funcionou a estrutura de jornalismo aqui no Jornal Nacional para a cobertura da Copa? E como foi feita a cobertura da seleção brasileira?**

Basicamente para explicar o que a gente fazia eu vou pegar o exemplo de Teresópolis. Nos sempre fazíamos uma reunião de manhã, em que o Ávila, que na época era o editor adjunto do Jornal Nacional, se reunia com o Bonner e definia qual seria o material que nós iríamos oferecer para a edição do dia. Normalmente qual era o esquema: dois ou três VT's, um com o Tino Marcos, outro com o Mauro Naves e, eventualmente, um terceiro com o Eric Faria. Então a gente vendia mais ou menos sempre esse cardápio: o VT do Tino era aquela matéria onde ele tentava fisgar o público que não é tão apaixonado pelo futebol, como sua mãe ou a minha mãe, e dava uma cara mais leve, tentando focar em coisas que iam além do treino, tudo para tentar atrair esse público. O VT do Mauro era um VT mais de futebol, com o linguajar “futebolês” mesmo, para satisfazer o apetite daquele cara que é apaixonado e entende, como você e eu, ou seja, nós também contemplávamos esse público. E o terceiro, do Eric, quando eles aceitavam, pegava uma curiosidade ou um fato mais relevante, jornalisticamente falando, naquele determinado dia. Então a gente oferecia basicamente esse cardápio, tentando emplacar sempre os três VT's todos os dias, mas isso variava de acordo com os acontecimentos do dia mesmo. Às vezes o Bonner tinha espaço e comprava os três, outras vezes não, mas isso quem definia era o próprio Bonner nessa reunião da manhã.

Além disso, quem definia o tempo para todos os VT era o Bonner, sendo que ele saía dessa reunião da manhã e já fazia o “espelho” para determinar os tempos, por exemplo: o VT do Mauro vai ter dois minutos e o do Tino dois e trinta. Isso também variava de acordo com os acontecimentos do dia, sendo que nada era engessado. Durante a manhã ele podia nos definir um determinado tempo, mas se ao longo do dia a gente sentisse a necessidade de um tempo maior, nos negociávamos e tentávamos aumentar o tempo.

**2) Vocês estavam produzindo um jornal para um público muito heterogêneo, desde pessoas que eram fanáticas pelo futebol, até aqueles que não entendiam nada. Era**

**o jornal de maior audiência, que conversava com classes sociais diferentes, públicos diferentes e tudo mais. Foi dada alguma orientação para os repórteres com relação à linguagem a ser usada e na estruturação das matérias veiculadas no JN?**

Sentar e conversar não foi preciso, é uma coisa que está praticamente no “chip” do repórter que trabalha com esporte. É claro que no “Globo Esporte” você não precisa tanto disso, mas já é uma coisa que vem sendo feita lá. Como estávamos na TV aberta, que tem um público muito heterogêneo, que é muito diferente do público da TV fechada, que é mais segmentado - por exemplo o telespectador da SPORTV tinha um conhecimento prévio sobre o assunto, o interesse dele era despertado muito mais fácil do que o da TV aberta – para os jornais de rede (Bom Dia Brasil, Jornal Hoje, Jornal Nacional e Jornal da Globo), independente de ser em período de Copa ou não, a gente tem a preocupação com a linguagem. Por ser uma TV aberta, nós temos uma preocupação de fazer com que a linguagem usada seja atraente para o cara que é fissurado; para aquele que gosta, mas não é fanático; e também para aquele que não acompanha e não tem conhecimento do esporte. Então de maneira geral esse é um comportamento que já é padrão para esses profissionais.

O que aconteceu na Copa é que esse panorama foi potencializado, porque a Copa é o maior evento esportivo do planeta, então só por isso ela já fisga esse público que não gosta de esporte. É um evento que acontece somente de quatro em quatro anos e representa o “filet mignon” do esporte, então mal ou bem as pessoas sabem que aquilo é a “Disneylândia” do esporte. Para aumentar ainda mais esse fator “potencializador”, a Copa estava acontecendo no Brasil, então mesmo aquela pessoa que não ligava para a Copa, agora acompanhava porque estava envolvendo a sua realidade. Esses dois elementos, o evento pelo evento e o fator da localidade, gerou o desafio para os repórteres de construir textos que não deixassem que o público se dispersasse: tentar falar para a sua mãe de uma maneira que ela ficasse “amarradona” e prendesse a atenção dela por um determinado tempo.

**3) Pelo ponto de vista da produção, o que você e os outros produtores tentavam emplacar enquanto “pauta” no Jornal Nacional? Em termos jornalísticos, quais eram os critérios de noticiabilidade para cobertura do JN na Copa?**

Nós tínhamos dois desafios diários que eram o seguinte: o primeiro é porque nós tínhamos 1000 jornalistas cobrindo a Granja Comary, ou seja, credenciados para acompanhar a seleção. Esse número é muito grande e ele significava que eram 1000 jornalistas brigando pela mesma notícia, o que tornava as coisas muito complicadas. Além disso, o ambiente da seleção brasileira era sempre muito reservado...fechado... então era sempre bem difícil trabalhar ali, onde você não tinha acesso a todos os jogadores na hora que você quer ou precisa.

Normalmente era sempre no esquema de uma coletiva e a gente tinha que colocar a câmera lá parada e mandar ver; ou o treino, que era um trabalho coletivo: você tem obviamente o talento de um repórter como o Tino Marcos, mas ele não conseguia trabalhar sem um contato direto com o repórter cinematográfico mostrando o que ele está pegando de imagens para o VT. E nesses casos uma boa matéria tinha que ter aquele “sobe som” especial, onde eles pegam o Felipão falando: “Pô atenção aí nessa bola que o México costuma fazer gol assim!”. Então de uma forma geral era um pouco isso, mostrar o bastidor, aquilo que normalmente não aparece e nós enquanto repórteres, produtores e editores no local conseguíamos pegar: uma imagem diferenciada, uma entrevista exclusiva e um sobe som interessante.

É claro, que se tratando de seleção brasileira, nós tínhamos também aqueles personagens essenciais. O Neymar é um cara que é super popular, então uma pauta com ele sempre é um foco da equipe. Tudo que acontecia com ele já interessava o público de antemão, porque ele era o grande ídolo do time e de certa forma a “esperança” brasileira. Um exemplo para você ter ideia é que o Neymar era sempre um dos nossos pontos de partida em matéria, porque no começo do dia nós tínhamos que saber: ele vai falar hoje? Tem alguma novidade sobre ele? O que que ele fez? E falando sobre esse jornalismo de bastidor, como a CBF tornava aquele espaço um ambiente muito fechado, mas mesmo assim eles produziam conteúdos exclusivos para a “TV ONLINE” deles, nós sempre procurávamos usar esses materiais.

Resumindo então, as matérias partiam sempre do princípio de uma coisa de bastidor, ou de algo diferente, na intenção de sair da tradicional coletiva que os 1000 jornalistas credenciados também teriam acesso. Era tentar dar uma cara de novo e diferente para o material final.

**4) Existia sempre uma estrutura para o Jornal de cada dia, que partia daquele espelho que o Bonner estruturava no final da manhã, mas imprevistos sempre acontecem. Dois exemplos claros disso foram o famoso 7x1 no jogo contra a Alemanha e a contusão do Neymar no jogo contra a Colômbia. Como era repensar um Jornal Nacional com poucos minutos de diferença entre o fato e a notícia?**

Acho que esse é o grande barato da profissão. É a essência do jornalismo em si, onde o inesperado acontece e você tem que se readaptar a uma realidade que não era programada, tentando dar o melhor de si dentro daquela situação. Um exemplo muito bacana dessa “mudança” total foi a contusão do Neymar, que aconteceu bem no finzinho do jogo, talvez se tivesse acontecido logo no início a gente teria uma margem maior para fazer outras coisas, mas aconteceu no finzinho do jogo e ela saiu com uma contusão que inclusive tirou ele da Copa. O Neymar saiu do estádio e foi direto para o hospital, então o Eric foi encaminhado direto para esse hospital para fazer um material dos exames, mas a gente não estava nem um pouco preparado para um fato daquela magnitude. Então o bacana foi ter que reestruturar e pensar um Jornal novo de uma hora para a outra. O primeiro passo foi tentar botar uma estrutura de vivo funcionando direto do hospital para onde ele tinha sido transferido, mas não deu tempo porque foi bem no fim do jogo, com menos de uma hora de diferença da contusão para a entrada do Jornal Nacional no ar, mas nós sabíamos que um fato daquele com certeza era uma informação que tinha que abrir a edição, mas a solução que arrumamos foi apurar inicialmente a distância. Para você ter noção a notícia mais quente, que no caso era a que o Neymar estava fora da Copa pela lesão, foi confirmada somente 5 minutos antes de o jornal entrar no ar, por fontes pessoais do Galvão Bueno que também parou tudo que estava fazendo para ajudar a equipe na apuração. E esse é um exemplo claro de um fato que nos fez repensar todo o jornal de última hora, porque era inadmissível a gente não focar todas as informações para aquilo que todos queriam saber: o que vai ser do Neymar? Nós não deixamos de mostrar matérias já previstas como o resumo do jogo, mas foi necessário focar esse VT para a contusão já que aquela era a prioridade, porque o craque da seleção a partir de então estava fora da Copa. Para você ter noção também da velocidade e da estrutura dessa rede de comunicação, fomos inclusive nós que repassamos para os outros jogadores da seleção, na “zona mista”, a informação que o Neymar estava fora dos jogos restantes. O Fred ficou sabendo durante a entrevista coletiva. Foi legal poder mostrar ao vivo toda essa repercussão.

Então no fundo eu acredito que todo jornalista, que gosta mesmo da profissão, curte esses momentos, onde o novo e o surpreendente acontecem e você tem que se virar nos trinta para fazer algo legal e bacana. Foi o que aconteceu no dia do Neymar e no dia do 7x1 contra a Alemanha, onde nós inclusive tivemos ótimos índices de audiência.

**5) Falando sobre a Cobertura do Jornal Nacional, nós tínhamos outras seleções instaladas no país que produziam conteúdos e interagiam com as estruturas e mesmo com a população do país. Como era feita a cobertura dessas outras seleções? O que entrava enquanto matéria e conteúdo dessas outras seleções no JN?**

Então o esquema foi montado com bastante antecedência, onde as pessoas que estavam coordenando esse núcleo pensaram em um sistema em que as seleções campeãs mundiais e as favoritas - como, por exemplo, a Holanda que não tinha um título mas era muito cotada - elas seriam acompanhadas durante todo o mundial. Então basicamente nós tínhamos matéria das seleções campeãs mundiais (Uruguai, Argentina, França, Inglaterra, Alemanha, Itália, além da Holanda que era bem cotada) em cada edição teria a disposição esse cardápio. Então os jornais da casa eram sempre alimentados com materiais dessas seleções.

Nós estávamos cobrindo essas seleções pela importância, história e tradição, além, é claro, porque a chance do título acabar com uma delas era bem grande. Mas ao mesmo tempo cada uma delas ia produzindo conteúdos interessantes para o JN pela sua peculiaridade, focando sempre naquele público bem heterogêneo que a gente conversou antes. Por exemplo: a Alemanha foi um foco muito grande dos nossos jornais, não só pelo fato dela vir apresentando um futebol muito forte, mas porque o centro de treinamento deles produzia conteúdos interessantes diariamente. Os jogadores se comportavam de uma maneira inusitada, diferente do tradicional. E o apelo era tão grande que as matérias conversavam com quem não gostava de esporte, mas também com os conhecedores e apaixonados, que achavam curioso o treino de uma grande seleção acontecer um dia acontecer em um barco.

Outro exemplo legal foi à Holanda, que ficou aqui no Rio e era um pouco diferente da Alemanha, que estava na Bahia quase que em uma ilha isolada de tudo. Aqui eles estavam em contato com uma cidade grande, cheia de atrativos culturais e

naturais também, sendo que o regime de concentração deles era totalmente diferente: eles iam para a praia, jogavam bobinho com os frequentadores de Ipanema, faziam selfie e até caíram na noite carioca. Isso tudo sem aquele esquema de mega segurança onde você não vê e tem acesso a nada. De maneira geral isso também foi conquistando o público que passou a querer ver no Jornal Nacional essas seleções e esse tipo de comportamento.

Acho que de maneira geral era isso, já que, nós tínhamos que mostrar as seleções mais fortes, mas também ao mesmo tempo, elas mesmas, com o seu dia-a-dia, foram conquistando o seu espaço no Jornal e na graça dos telespectadores.

**6) O Brasil foi eliminado da Copa bem pro finalzinho, na penúltima fase, mas mesmo depois da eliminação ainda aconteceram quatro dias de competição. Como foi manter o interesse e, por consequência, a audiência do jornal em alta, depois de uma eliminação como aquela?**

Depois de uma derrota complicada como aquele, onde a seleção foi eliminada vergonhosamente perdendo por um placar de 7x1, e mesmo com a seleção jogando mal as pessoas ainda mantinham uma esperança de título, sair da competição daquela forma tornou as coisas um pouco mais complicadas para nós.

O nosso primeiro grande desafio foi mostrar para o torcedor que ainda existia um jogo pela disputa de terceiro lugar, mesmo que para grande parte do público o terceiro lugar e o último estão no mesmo patamar, na Copa isso ainda é importante. Então a gente tentava mostrar isso para o grande público.

Outro ponto foi também tentar explicar um pouco o que aconteceu, porque mesmo com uma derrota muito dolorosa, eram quatro seleções muito bem qualificadas e com categoria que chegaram até as semifinais. Mesmo com o Brasil não chegando lá, a final do evento também valeria muito a pena, afinal Alemanha e Argentina iam se enfrentar. E para chamar atenção a gente usa de vários recursos, como por exemplo: será que a Argentina vai ganhar a Copa logo no Brasil? Era tentar exteriorizar o sentimento que os brasileiros estavam sentindo no momento.

Basicamente foi isso, tentar mostrar que mesmo com a eliminação vergonhosa, o evento em si ainda valia muito a pena. Ainda tinha muita coisa boa acontecendo nas cidades sedes.

**7) Em termos de “espelho” como esse Jornal Nacional era pensado com tantas equipes soltas e materiais sendo produzidos simultaneamente?**

A reunião de manhã, onde todos os correspondentes conversavam diretamente com a direção, definia o que o Bonner ia querer enquanto material para o dia. No caso da seleção o editor adjunto, Ávila, ficava responsável por fazer as cabeças com os dois apresentadores, Patrícia e Galvão, focando sempre em cima de algo que nós não mostrávamos no VT, para a cabeça além de ser uma chamada, fosse também um complemento para a matéria. Os VT's eram editados por mim e outros dois editores que estavam no local. E as cabeças eram sempre revisadas pelo Bonner que estruturava tudo no final junto com o espelho programado.



**APÊNDICE B - ENTREVISTA ARMANDO OLIVEIRA, CHEFE DE REDAÇÃO ESPORTE BELO HORIZONTE (29/06/2015).**

**1)Qual foi a estrutura oferecida pela equipe de Belo Horizonte durante cobertura da Copa do Mundo para os jornais de rede? Em especial para o JN, vocês tinham equipes específicas?**

A equipe de BH estava inserida na cobertura de rede que a Copa do Mundo demandou das cinco emissoras Globo (Rio, SP, BH, Brasília e Recife) e afiliadas. Tínhamos duas equipes completas credenciadas (Repórter, Produtor, Rep Cina e Auxiliar), dois repórteres Web, equipe de engenharia e ainda três equipes completas para cobertura do Chile, Argentina e Uruguai, que escolheram BH como sede. Além disso, parte da nossa equipe estava trabalhando para a produção e exibição das transmissões Globo e Sportv em BH. Na redação, todo o suporte foi dado. Posso dizer que estávamos todos, os 40 profissionais de Esporte da Globo Minas, envolvidos. Rogerio Correa, Bob Faria e Márcio Rezende viajaram o Brasil todo para as transmissões em rede dos jogos da Copa do Mundo.

**2)Como era feita a seleção de temas que vocês “venderiam” enquanto pauta para os Jornais da Rede? Algum tema ou abordagem era pensado especificamente para o JN?**

A rede tinha uma reunião diária, em três horários, com todas as cidades sedes e cidades que receberam as seleções, para definir as pautas. O projeto de reunião de “guerra” começou dois anos antes da Copa. Nestas reuniões, todas as pautas eram oferecidas para todos os telejornais de rede e ali definidas as exibições.

**3)Qual era o fluxo de demandas que a rede passa para a equipe de Belo Horizonte, sendo que a cidade foi uma das maiores sedes do evento no país?**

Não há como medir fluxo. Vivemos a Copa 24 horas por dia durante dois meses pelo menos.

**4)Um dos grandes destaques para a cobertura do Jornal Nacional durante a Copa foi a irreverência das materiais e a linguagem usada nos VT's, que transformam**

**um assunto obvio em algo atrativo e novo para o público. Vocês destacam algum trabalho dentro da cobertura que Belo Horizonte realizou para o JN como bem inusitado ou diferente? Como foi o trabalho de produção, reportagem e edição envolvido nele?**

Este inusitado ficou por conta da geral que cobriu tudo o que não era demanda de futebol. Não foi uma Copa descontraída por causa das ameaças de confrontos por causa das manifestações. Ainda sim, a presença dos torcedores estrangeiros rendeu boas histórias que foram contadas durante toda a competição. Destaque para a festa dos argentinos e colombianos em BH. A cidade virou a capital da América do Sul.

**5) Belo Horizonte recebeu grandes equipes, como a Argentina, e também foi sede de grandes partidas, sendo inclusive palco de dois jogos da seleção brasileira, como o famoso 7x1 contra a Alemanha. Como funcionava o trabalho de setorização das equipes para a cobertura dessas demandas?**

As demandas passavam pelos acessos que cada credencial permitia.

**6) Existiu algum processo de treinamento e estudo com os profissionais envolvidos na cobertura desse evento?**

A cobertura foi planejada com 4 anos de antecedência e todos os envolvidos receberam informações e participaram de reuniões que mostraram a complexidade de todo o trabalho. Estudo faz parte da preparação individual de cada profissional. Todos receberam um manual geral com informações sobre a Copa e ainda tínhamos um site interno, atualizado, com infos sobre a competição e as equipes.

**APÊNDICE C – ARMANDO FREITAS, CHEFE DE REPORTAGEM DO  
NÚCLEO COPA DA REDE GLOBO (04/05/2015).**

**1) Qual era a estrutura que a Rede Globo e, nesse caso, o Núcleo Copa ofereceram para a cobertura da Copa no Brasil?**

Basicamente nós tínhamos um problema enorme na mão, porque uma Copa com 32 seleções demanda um número enorme de pessoas envolvidas para a realização de uma ampla cobertura, sendo que dentro dessa realidade nós ainda tínhamos a seleção brasileira que demanda sempre um número muito maior de profissionais pela relevância e impacto para os nossos materiais – nós tínhamos mais profissionais envolvidos com a seleção do que o somatório de diversas outras seleções da competição. Para otimizar e também criar um grau de relevância nós decidimos fazer um mapeamento: quais outras seleções além da brasileira nós vamos seguir e acompanhar de perto.

Após essa análise nós decidimos por acompanhar outras oito seleções, sendo elas: Alemanha, Espanha, Itália, Argentina, Uruguai, Portugal, Inglaterra e Holanda. A intenção era pegar essas oito seleções e fazer uma cobertura mais detalhada delas. Vale destacar que essa cobertura mais detalhada começou inclusive muito antes da Copa propriamente dita, porque nos amistosos que essas seleções faziam nós já acompanhávamos.

O primeiro passo após isso foi definir quem cobriria aqui no Brasil essas seleções, sendo que na medida do possível nós mandávamos essas pessoas já fazer essas mesmas matérias preparativas. Por exemplo, o repórter que ia cobrir a Alemanha já tinha ido para lá fazer matéria sobre expectativa, jogadores do país e cultura. Nesse sentido nós fizemos várias séries para vários telejornais com essa temática de preparativo, sempre com uma pegada diferente para cada Jornal. Sempre pensávamos antes de fazer essas séries em um temática que se enquadrava no “Jornal da Globo”, outra que se enquadrasse no “Jornal Nacional”, outra para o “Bom Dia Brasil”, “Globo Esporte” e por aí vai. A intenção era fazer um “leque” enorme para o público que nos assistia. Nós fizemos, por exemplo, para o JN, uma série sobre “Os grandes camisas 10” das seleções da Copa. Nós pegamos os destaques das oito grandes seleções que estávamos cobrindo e apresentamos para o telespectador. Essas eram pautas que já iam aquecendo a competição. Nós tínhamos um orçamento somente para viajar o mundo e

fazer essas matérias de preparação. Em alguns casos os correspondentes que estavam perto de determinado país faziam essas matérias e mandavam para a gente, mas nesses casos eles não eram os responsáveis por aquela seleção na cobertura da Copa propriamente dita. Isso acontecia muitas vezes pela questão do orçamento, já que, era mais barato enviar o correspondente do que deslocar alguém daqui para o país.

Esse trabalho de aquecimento nosso foi super elogiado e também teve uma grande aceitação pelos jornais de rede. Sendo que a nossa base eram sempre essas oito seleções que nós cobríamos. Paralelamente a isso, nós estávamos sempre muito atento a tudo que estava acontecendo. Por exemplo uma coisa que rendia matéria: olha saiu as primeira seleções classificadas na África e as primeiras na Ásia. Outro exemplo eram as contusões de jogadores, como foi o caso do colombiano Falcão Garcia. Nós estávamos sempre muito ligado a tudo que não dizia respeito à seleção para essa cobertura.

Voltando um pouco para essas seleções principais, agora durante a Copa, depois de mapear essas necessidades, nós começamos a pensar em infraestrutura. Onde essas seleções vão ficar durante a Copa? Com essa resposta definida nós designamos a equipe que ficaria responsável por aquela seleção. Essa equipe era composta de quatro profissionais: um repórter, um repórter cinematográfico, um produtor e um editor de imagem. Em termos de equipamento essas equipes tinha a disposição o “kit correspondente” que era um aparelho que permitia uma matéria ser feita, editada e enviada para a central de qualquer lugar. Então em termos de pessoal envolvido, nós tínhamos 32 profissionais como “correspondentes” dessas seleções, sendo que eles ficavam municiando todos os telejornais da rede. A regra era a seguinte: onde aquela seleção fosse à equipe designada ia atrás. Vale destacar que nesse esquema, conforme as seleções iam sendo eliminadas, as equipes eram realocadas para cobrir outros times ou dar suporte para seleções maiores que ganhavam relevância na disputa.

Então de maneira resumida esse foi o nosso conceito para a cobertura desse evento no Brasil. Dentro desse universo nós também tínhamos as cidades e afiliadas que tinham equipes credenciadas para o evento, que também cobriam os times que estavam hospedados em suas regiões, mas que focavam muito mais no comportamento. Aquelas matérias de movimentação das cidades, encontro de culturas e torcida. Então dessa forma nos estabelecemos um parâmetro para os jornais da rede: as matérias de seleções

que fazia eram as nossas equipes, já as matérias de comportamento e cidade eram feitas pelas equipes locais.

## **2) Como todo esse material que era produzido e pensado por esses profissionais era vendido pra os jornais de redes?**

Nós tínhamos diariamente três reuniões que serviam para vendermos para os responsáveis por esses jornais de rede o material produzido pelas equipes que estavam pelo Brasil fora. Nós tínhamos um planejamento enorme para produzir somente aquilo que era interessante de ser transmitido, sendo por consequência mais fácil de ser vendido em uma reunião, mas isso não implica necessariamente que todas as matérias feitas pelas equipes na rua eram aceitas pelos jornais.

Para nós que estamos no meio do jornalismo o termo “vender” é bem comum, mas nós literalmente tínhamos que fazer era isso: vender a pauta como um comerciante para os editores e responsáveis pelos jornais. Por exemplo, em um treino: “olha durante as atividades da equipe hoje um jogador importante saiu de campo e pode estar fora da próxima partida”. Isso rendia a matéria principal. Aí a gente partia para o secundário: “rolou mais alguma coisa?”. Com essa resposta do secundário nós fazíamos outras matérias para os telejornais, sem esquecer também do fato principal, que tinha que ser citado nesse VT, porque se não os editores desses jornais não comprariam a matéria. Na minha opinião esse era o trabalho maior, porque nós tínhamos que dar um ideia de “ineditismo” para cada um dos telejornais da nossa grade. Essa matéria principal sempre ia para o Jornal Nacional pela relevância e peso desse noticiário, mas os outros editores sempre perguntavam: “a mais e aquela contusão do tal jogador eu quero para o meu jornal”. Nós tínhamos que responder que aquilo seria o destaque do JN, mas que para o seu jornal nós vamos mostrar essa história, além da história de um torcedor que acompanha a seleção do coração há 10 Copas sem perder nenhuma. A matéria era feita em cima desse torcedor, mas a gente também citava o fato principal. Então esse era realmente o nosso trabalho do QG no Núcleo Copa: vender matérias para todos os telejornais como se aquilo fosse o fato mais novo que estava acontecendo.

No total eram cinco telejornais para a nossa equipe produzir conteúdo: Bom Dia Brasil, Globo Esporte, Jornal Hoje, Jornal Nacional e Jornal da Globo. Como a demanda era grande nós contávamos também com as equipes locais para promover conteúdo para esses jornais. Nós produzíamos praticamente VT's de todas as seleções

em um dia, mas isso não significa que determinado telejornal ia entrar com conteúdo de todos os times, nós revezávamos. Em termos de relevância nós tínhamos que priorizar sempre as matérias que tratavam dos times que jogavam ou jogaram naquele dia e daquelas seleções que iam jogar no dia seguinte. Uma seleção só entrava com material em situações fora dessa realidade se a notícia fosse bem relevante e interessante.

Um exemplo para você ter noção dessa divisão de produção entre os conteúdos feitos pelo Núcleo Copa e os conteúdos feitos pelas afiliadas locais seria assim: hoje a Itália participa de um jogo importante, então o nosso repórter vai fechar VT para dois jornais e o repórter local vai fechar VT para outros dois jornais.

### **3) Existiam demandas específicas para cada jornal da rede?**

As prioridades em temas de telejornais a serem supridos eram o “Jornal Nacional” e o “Bom Dia Brasil”. O repórter do Núcleo Copa normalmente estava designado para suprir esses jornais, sendo que o repórter local normalmente fazia matérias para os outros três: Globo Esporte, Jornal Hoje e Jornal da Globo. De vez em quando os editores desses últimos reclamavam e a gente trocava um pouquinho, mas a regra era normalmente essa. A única exceção nesses casos era o Jornal Nacional, que pediu sempre o repórter número um no local, o titular, até porque eles sempre aprovam o repórter antes dele entrar no ar, por isso, somente esses melhores podiam fazer as matérias para eles.

O Carlos Lannoy, por exemplo, era um que ficou responsável por acompanhar todas as matérias da instituição FIFA. Era um repórter que nem ligado à área de esporte, mas que por uma demanda da rede foi enviado para essa cobertura. Nesse sentido nós também tínhamos repórteres de editoria “nacional” e “cidade” que foram mandados para a cobertura pela nossa equipe do Núcleo, também por essa demanda de qualificação da rede.

### **4) Você falou um pouco sobre esse relacionamento do Núcleo da Copa com os demais jornais da rede, mas como funcionou a logística interna de vocês?**

Todos os dias nós tínhamos uma reunião entre os representantes do Núcleo Copa com os produtores e editores nas praças, além da presença dos chefes desses jornais da rede. Dentro do núcleo nós dividíamos essas seleções que estávamos cobrindo entre dois chefes de reportagem, no caso eu e a Carla, além de contar também com a ajuda do

chefe de produção, o Barra, que auxiliava em tudo. Nesse esquema eu e Carla dividíamos: eu cuidava de quatro das oito seleções e você pega as outras quatro.

A logística em si era uma loucura: nós chegávamos todos os dias às nove da manhã aqui no Jardim Botânico e começávamos a ligar para todos os repórteres que iriam fazer matéria naquele dia, para saber o que ia ser feito e qual seria o *deadline* do material. O dia de trabalho acabava somente por volta das dez, onze da noite, porque aí teríamos terminado de concluir a logística de distribuição de matérias do dia para os jornais, além de já ter uma noção do que viria para o dia seguinte.

Também durante o decorrer do dia nós fazíamos uma reunião com cerca de outras quinze cidades que tinham afiliadas e mantinham um movimento de seleções na Copa, além daquelas outras oito, porque a logística necessária era enorme. Sempre um chefe de reportagem dessa afiliada estava em contato com a gente para manter essas demandas. Por exemplo, em um dia de jogo da Itália nós fazíamos a matéria com melhores momentos e a reação da torcida, com o nosso repórter, para o Jornal Nacional e o Bom Dia Brasil, mas o chefe de reportagem de lá mandava um repórter credenciado deles para fazer uma curiosidade e o movimento do jogo para o Globo Esporte e o Jornal da Globo. Outro exemplo dessa logística necessária eram as seleções que estavam fora dessas oito com cobertura completa, mas que tinham material noticiado nos jornais de rede pelo trabalho das equipes locais com a nossa supervisão: Camarões estava em Alagoas e a Grécia estava no Sergipe, mas mesmo assim tiveram matérias nos jornais da rede.

Resumindo então, o nosso trabalho era basicamente ficar supervisionando todos os materiais que eram produzidos pelas equipes pelo Brasil, além de ajudar a pautar os nossos oito repórteres principais.

Para você ter noção também de rotina, nós tínhamos três reuniões ao longo do dia: a primeira às nove da manhã, a segunda às duas e meia da tarde e a última às seis e meia da noite. Nessas reuniões nós sempre atualizávamos os status de demandas e materiais sendo produzidos.

**5) Existe uma estimativa da quantidade de matérias produzidas durante esses dias da Copa do Mundo? Como vocês lidavam com todo o conteúdo?**

Nesse dinamismo todo de saber o que estava sendo produzido pelas praças e mandar esses conteúdos para os jornais, nós tínhamos contato com cerca de 70 a 80 matérias diárias passando pelo Núcleo Copa.

Em termos estruturais era impossível absorver todos esses conteúdos, então nós sempre pedíamos VT's bem curtos, com um minuto e trinta segundos, dois minutos, para dessa forma tentar sempre usar a maioria das matérias. O aviso era claro: "se fizer matéria grande não vai emplacar".

Com os assuntos já estabelecidos nós vendíamos as matérias para os editores que diziam o "sim" ou "não". Além disso, nós também esclarecíamos as dúvidas dos editores sobre essa movimentação de informação, para eles saberem se aquilo valia ou não para o jornal do dia deles.

Era literalmente uma grande teia de informação, muito firme, que estava ligada nessa produção de conteúdo. Foram trinta dias intensos, sem ninguém folgar nem um deles sequer, para passar informação com a melhor qualidade para o telespectador.

#### **6) Qual era o tipo de matéria que com certeza iria emplacar em uma edição do Jornal Nacional?**

O Jornal Nacional é sem sombra de dúvidas o jornal mais importante da casa. Sem dúvida também, nós mobilizamos todos os nossos esforços para que nas matérias do Jornal Nacional nós tivéssemos nossa melhor produção; o nosso melhor repórter possível; as melhores imagens feitas e, com certeza, a melhor história a ser contada naquele dia. Tudo isso tinha que convergir para uma matéria que o Núcleo Copa estava produzindo para o Jornal Nacional. Depois que o JN foi ao ar a gente até podia aproveitar aquela imagem em outro jornal, mas a prioridade era sempre dele.

Nós tínhamos um critério para o Jornal Nacional: teriam que ser feitas matérias ou "vivos" dos jogos do dia, que aconteceram antes do horário do jornal entrar no ar – lembrando sempre naquele esquema de VT's bem curtos para entrar o máximo de conteúdo possível por edição; matérias das seleções que jogariam no dia seguinte a edição; além de alguma repercussão de um jogo ou fato que aconteceu no dia anterior.

Das oito seleções que nós acompanhávamos sempre tinha pelo menos um material de cada uma delas para oferecer para o JN diariamente. O Bonner enquanto



editor chefe era quem definia qual deles iria entrar na edição daquele dia, sendo que de forma geral, ele seguia quase sempre aquele critério que eu expliquei. Vale destacar também que tudo é sempre uma grande negociação, porque talvez a Alemanha não seguia o padrão de jogar no dia da edição ou no dia seguinte, mas tinha uma material mega diferente do treino, então dava para emplacar no JN.

Então o editor do JN sempre tinha a disposição um VT de cada uma dessas seleções principais, mas muitas vezes o material caía, mesmo os VT's sempre sendo produzidos naquele padrão curtinho de um minuto e trinta segundos. Quando esse material do JN caía começa um efeito em cascata: a material do JN normalmente ia para o “Jornal da Globo”, a do Jornal da Globo ia para o “Bom Dia Brasil” e por aí vai.

Então, de uma forma geral, durante o nosso trabalho no Núcleo Copa a gente pode resumir o JN em uma palavra: prioridade. Os critérios eram sempre aqueles que eu te expliquei, mas independente desses, se a gente tinha uma história bacana, bem marcante e diferente ela era encaminhada para o Jornal Nacional. Por exemplo: se um atleta durante o treino recebeu uma delegação de alunos em cadeiras de rodas e deu uma atenção legal, essa vai ser uma matéria do JN. Nesse caminho seguiu a seleção da Alemanha, que praticamente todos os dias tinha uma matéria no JN porque se integrou muito bem com a comunidade brasileira por onde passava.

Era nosso objetivo sempre vender as histórias diferentes primeiro para o JN, depois iriam para os outros telejornais. E dentro dessa venda sempre tinha que estar envolvido aqueles tópicos que eu citei essenciais para uma matéria do Jornal Nacional: o melhor repórter, a melhor imagem, a melhor sonora e por aí vai.

Um exemplo disso era que nós tínhamos o Carlos Gil acompanhando a Itália. Ele ficava o dia inteiro por conta da seleção da Itália. Aonde a seleção ia ele tinha que ir atrás. No caso eles ficaram em Mangaratiba, então ele ficava lá o dia inteiro. Quando a Itália viajava quem ia era ele. E mesmo assim, nesse esquema dele ficar por conta de uma seleção, ele também tinha o suporte de outras equipes caso ele precisasse. Se a Itália pegou o voo em Jacarepaguá e ele acha que o voo dele não vai chegar a tempo para fazer as imagens do time chegando em Salvador, ele ligava e nós deslocamos uma equipe da afiliada de Salvador para fazer essas imagens essenciais para o texto dele.

**7) Quando nós falamos do Jornal Nacional nós estamos falando sobre o jornal de maior audiência do país. É um público extremamente heterogêneo. Existiu alguma determinação com relação à linguagem a ser usada nas matérias do telejornal?**

A orientação propriamente dita não existe, porque todas as pessoas que a essa altura do campeonato foram selecionadas para fazer a Copa do Mundo, acompanhando essas grandes seleções, já estão carecas de saber o que é trabalhar com o Jornal Nacional. A importância e a relevância desse produto da casa. Tem que ter um texto muito bem trabalhado, bem amarrado e acima de tudo minuciosamente apurado. Quando falamos do JN não pode ter um ruído de comunicação. Por isso, todos são repórteres muito experientes que já sabem dessas “regras”.

O time era de primeira linha, então nós chegávamos e falamos: “olha hoje vai rolar JN” e a partir dessa frase ele já sabia qual era o encaminhamento que ele tinha que dar. Então não tem essa “aula” de como fechar o VT especificamente. Salve conduto em alguns dias especiais em que a exigência de algo partia diretamente da direção do JN: “O Bonner quer que você lembre na sua matéria a participação do Pirlo na Copa do Mundo de 2010”. Aí o repórter vai colocar porque um editor chefe quer.

Mas de maneira geral a equipe (produtor, repórter, cinegrafista e editor) já sabe como funciona o esquema do JN, então eles são muito entrosados no trabalho e conscientes do que tem que fazer.

**8) Como tornar atraente para o público do JN o dia a dia de 32 seleções que estavam competindo na Copa? Se você pensar no Brasil e nessas outras oito seleções acompanhadas durante a Copa, elas se destacam pela relevância, mas e outros times como o Irã, que em tese não tem algo tão relevante para ser trabalhado, como era pensado o conteúdo dessas seleções?**

O inusitado. Esse era o nosso ponto de partida para trabalhar essas seleções menores. O iraniano que vem para cá e tem um regime especial de comida rende uma matéria interessante para o Jornal Nacional. Eles têm que trazer um cozinheiro porque não comem a comida que tradicionalmente é servida no Brasil. Ir acompanhar a rotina desse cozinheiro gera uma matéria super diferente para o JN. Nessa pegada do iraniano ainda nós temos o sábado que é um dia de folga sagrado para eles, então enquanto todo

mundo está treinando eles estão descansando. Isso tudo gera matéria para esse jornal de maior relevância pelo inusitado.

Esse é o tipo de matéria que não é focado no campo e bola, nós chamamos aqui de matéria *said*, mas que com certeza gera uma entrada no JN pela irreverência dela. E nós aqui do Núcleo Copa cumpríamos um papel fundamental para esse tipo de matéria emplacar, porque pra o editor comprar ela nós tínhamos que vender muito bem toda a história que estava envolta dela. Eu tinha que fazer o editor sentir a vontade de saber o que era aquela história, assim como o público em casa gostaria de saber. Você chega e fala: “Olha eu tenho uma torcedora do Irã que vai levar a filha para casar durante um treino da seleção, porque a filha é fissurada com o esporte e ela quer como pano de fundo dessa data marcante na sua vida o treino do time”. Esse é o tipo de história tão diferente que vai com certeza emplacar no JN.

Então esse olhar do diferenciado é a matéria pro Jornal Nacional sempre. O diferente, mas que enche os olhos de quem está em casa vendo.

#### **9) Todas as matérias que não tratavam sobre o futebol propriamente dito passavam por vocês?**

Sim. Todas as matérias que eram vendidas para a rede passavam por nós. A diferença é que das oito equipes que nós tínhamos com o “kit correspondente”, a produção partia também do Núcleo Copa. As outras matérias eram vendidas para nós naquelas três reuniões diárias que eu te falei e nós repassávamos para os editores chefes de jornais da rede. A produção nesse caso partia das praças que vendiam as matérias para nós. Nosso trabalho nesses casos era a administração desse conteúdo.

Eventualmente nós tínhamos representantes daqueles cinco telejornais da rede nas reuniões, para eles já comprarem uma matéria direto das praças, ou mesmo para tirarem dúvidas e pensarem os jornais. Quando os jornais não mandavam nenhum representante nós já tínhamos também o olhar de saber qual era o perfil de cada jornal para encaminhar as matérias.

Na primeira reunião de nove horas nós pegamos os assuntos para vender para o JN. Aí com esses assuntos prospectados nos ligávamos para o editor e vendíamos a pauta. Com o “ok” do editor nós retornávamos para a praça falando da aprovação da matéria e dando as indicações de tempo de demandas específicas. Na reunião das duas e

meia nós tínhamos um *feedback* de em que pé a matéria estava. E depois a matéria já chegava pronta para nossa última inspeção. Acontecia de essa matéria chegar e não entrar no ar também, mas isso era uma determinação editorial de tempo e tudo mais, então não estava na nossa alçada.

**10) Nós falamos do diferencial da linguagem para a aprovação no JN, mas o tempo de cada matéria também era um fator determinante?**

Com certeza. A regra geral eram VT's de um minuto e trinta no máximo. Essa foi a determinação para a maioria das matérias, mas sempre tinha aquela negociação ou choradinha no tempo com o Bonner. Talvez se nós tínhamos uma matéria muito boa para vender, mas o volume de conteúdo naquele dia já era bem grande, então nós guardávamos para o dia seguinte, porque se não as matérias prevista para aquele dia iam todas cair para a entrada dessa que era muito boa, mas fria.

Como eram muitos temas para entrar, a determinação era ser sucinto no tempo para dar oportunidade de uma cobertura bem ampla. E essa era uma determinação para outros telejornais da rede além do JN.

Esses tempos curtos de VT's também permitiram uma produção muito extensa de conteúdos pelo Núcleo Copa. Em um levantamento rápido nosso aqui, para você ter noção da média de matérias produzidas pelo nosso grupo durante os dias de Copa, foram cerca 2200 matérias que passaram pela nossa supervisão. Quando você divide isso pelos jornais e seus *feeds* de tempo no ar você tem um média de 440 VT's por jornal da rede. Dentro da realidade total de produção nós conseguíamos emplacar 70% de tudo que era feito pelas nossas equipes na rua.

Esses tempos curtos de VT's permitiam o JN dar todo o dia pelo menos umas seis daquelas oito seleções, mais três VT's da seleção, além de umas quatro matérias de comportamento. No total são 13 matérias da Copa mais ou menos por dia. Todas elas passando pela nossa supervisão.

**11) As entradas ao vivo e *flashes* também quem organizava eram vocês ou eram os próprios jornais que demandavam das praças?**

Era nosso trabalho oferecer também. O vivo sempre entrava quando algo acontecia muito perto da entrada do JN, o que justificaria o fato de não termos uma

matéria fechada. Era sempre o repórter ou o narrador no local do fato, tentando mostrar para o telespectador de casa o que estava acontecendo no momento.

## **APÊNDICE D – ENTREVISTA CARLOS GIL, REPÓRTER ITINERANTE DO NÚCLEO COPA (06/09/2015).**

### **1) Qual era a sua estrutura para fazer a cobertura da seleção para o qual você foi designado enquanto repórter itinerante?**

Primeiro de tudo, é legal destacar que essa foi uma Copa diferente de todas as outras, porque como o evento aconteceu no Brasil, então de antemão algumas matérias que nós costumávamos fazer quando o evento acontecia em outros países para mostrar a carga cultural e histórica do evento, não foram necessárias. Por exemplo, na África do Sul, nós fizemos matérias para falar que essa era a primeira vez que o evento estava no continente africano, além de uma série de reportagens fora do esporte em si, mas que nós acabamos fazendo para todos os telejornais, inclusive o Jornal Nacional que não é um telejornal esportivo em sua essência. Nesse mundial de 2010 eu lembro que eu fiz uma matéria antes do mundial começar propriamente dito nas minas de diamante da África do Sul, que era um dos maiores países exportador da joia para o mundo. Fiz também uma sobre um santuário de macacos no país, onde eles protegiam os macacos que eram capturados na selva para não serem traficados. Ou seja, normalmente nós produzimos um grande número de matérias para contextualizar aquele evento, mas no mundial de 2014, que aconteceu no Brasil, isso não foi necessário, porque vivemos a nossa realidade cultural todos os dias. Foi o momento de a imprensa estrangeira cumprir esse papel de “apresentação”.

O modelo de cobertura, escolhendo algumas seleções principais e favoritas para se acompanhar o dia a dia, com uma equipe de jornalistas específica para ela foi uma novidade. Isso nunca tinha acontecido em outras Copas antes. Na África do Sul, por exemplo, eu não fui designado para cobrir uma seleção específica, eu fazia um jogo em uma cidade, e depois ia acontecer um jogo interessante daqui a dois dias e eu permanecia lá. Não havia uma seleção específica a se seguir.

No meu caso no mundial do Brasil, eu fui designado para cobrir a Itália porque eu sou fluente na língua do país e, também, porque eu cobri a seleção durante a Copa das Confederações, um ano antes, o que me possibilitou criar uma relação legal com os

membros da confederação italiana e ter um acesso e contato com os próprios membros da imprensa de lá.

A estrutura em si da equipe itinerante era formada por quatro profissionais, sendo eles: um produtor, um cinegrafista e um editor de imagem. Além disso, nós viajamos com um computador que continha o programa que nós chamamos de “kit correspondente”. Esse é um programa capaz de a gente transferir via internet imagem e áudio, além de nós podermos editar todo o conteúdo produzido pela nossa equipe.

## **2) Dentro da relação com o Núcleo Copa e as próprias outras Redes afiliadas que produziam conteúdo para o JN, como foi pensada a divisão do trabalho?**

Para que um número maior de pessoas pudesse também participar da cobertura da Copa, ficou meio que decidido algumas regras. No meu caso e do Marcelo Courrege, que acompanhou a Holanda, as duas seleções estavam no Rio de Janeiro, então nosso caso era meio que particular, porque nossa equipe também produziu conteúdo para os jornais locais do Rio de Janeiro, o RJTV. Então durante o período pré-copa ou nos momentos em que as seleções estavam nos seus CTs, nós alimentávamos sempre os telejornais de rede e também o telejornal local. O RJTV sempre deu bastantes matérias sobre Itália, Holanda e do Brasil, porque eles estavam em Teresópolis. Quando a Copa começou e nós tínhamos um volume de matérias muito maior a ser feito, a editoria local passou a mandar repórteres para produzir conteúdos e desafogar um pouco nossa equipe itinerante, que ficava somente realocada para os jornais de rede.

Todos os dias nós produzíamos conteúdo para o *Jornal Nacional*. Por mais que nós não entrássemos, nós sempre fazíamos. Quando a Itália passou a jogar em outras cidade, ficou acordado que os repórteres locais credenciados fariam as demandas locais mais matérias de comportamento para alguns jornais da rede e, a equipe itinerante, no meu caso com a Itália, ficaria responsável pela matéria do *Jornal Nacional* e de mais algum outro telejornal da rede, normalmente *Bom Dia Brasil* ou *Globo Esporte*.

## **3) Você foi designado para cobrir a Itália, uma equipe que foi eliminada na primeira fase da competição. O que aconteceu com a sua equipe após a eliminação?**

Originalmente eu tinha sido designado para cobrir a Itália. Quando a equipe foi eliminada, ainda na primeira fase, eu fui mudando de equipe de acordo com as demandas que eram apresentadas pelo próprio Núcleo Copa.

A ordem das equipes que eu trabalhei ficou mais ou menos assim: quando a Itália saiu eu fui designado para cobrir o México. O México perdeu nas oitavas de final e, como a Holanda era um time que já estava com uma equipe itinerante, com o Marcelo Courge, eu fui mandado para cobrir a partida entre Bélgica e Estados Unidos, em Salvador. Nesse caso o que pesou mais para eu cobrir esses jogos foi à logística, porque eu estava no Ceará na partida entre México e Holanda e esse novo confronto foi em Salvador, então pela proximidade eles acharam melhor eu ir para esse jogo. A Bélgica ganhou a partida e foi jogar em São Paulo, mas como o Guilherme Roseguine, que estava acompanhando o Uruguai, ficou livre depois das oitavas de final, quem acompanhou a Bélgica foi ele e me mandaram cobrir a Costa Rica, que naquele momento já tinha se tornado um fenômeno da Copa e também iria jogar no Nordeste, então mais uma vez a logística influenciou. Nas semifinais eu fui mandado para acompanhar a Argentina junto com o José Roberto Burnier. Na final, como não era necessário que todo mundo trabalhasse, por justiça quem ficou responsável pelos VT's de Alemanha e Argentina foram o Renato Ribeiro e o José Roberto Burnier, que desde o começo eram os repórteres designados como equipe itinerante das respectivas as seleções. Outros dois repórteres também entraram na cobertura que eram o Marcos Uchoa e o Pedro Bassan.

Vale destacar que já quando eu fui para cobrir a Argentina nas semifinais eu já era quase como que um terceiro repórter, porque o volume de matérias para ser feito era muito grande. O Burnier era o titular porque desde o começo estava com aquela seleção; o Uchoa deixou a seleção brasileira, não fez o jogo de terceiro lugar, e foi para São Paulo cobrir a Argentina; e eu fui para dar um apoio. Quando a Argentina classificou para a final eu fui mandado de volta para o Rio fazer algumas outras matérias e na final do Mundial eu consegui ir ver o jogo como um torcedor no Maracanã.

**3) Falando especificamente do Jornal Nacional, que tem um publico muito heterogêneo e é a maior audiência em telejornal do Brasil, qual o encaminhamento que você buscava dar para as suas matérias no JN?**



Nós tínhamos uma brincadeira dentro da nossa equipe de cobertura, principalmente entre os repórteres itinerantes, que fazer matéria para o JN na Copa do Mundo era o ‘show do minuto’. Como no início da Copa eram várias seleções, a ideia era que todas as equipes itinerantes entrassem com pelo menos um material por dia no Jornal Nacional, isso para marcar a presença constante dessas equipes no telejornal e, ao mesmo tempo, dar a ideia de que o JN estava presente e cobrindo todas as seleções de relevância durante o Mundial com um setorista específico. Toda essa cobertura muito abrangente fazia com que todos os dias quando nós ligássemos para a redação perguntando o tempo que tínhamos para a matéria do JN à resposta era quase sempre a mesma: 1 minuto. Isso era todo dia mesmo, por isso, a brincadeira do ‘show do minuto’ entre nós.

Agora em termos práticos fazer as matérias com esse tempo foi um grande trabalho de concisão, porque nós tínhamos que contar tudo que estava acontecendo em um minuto, mas principalmente tentar extrair de tudo que nós víamos ao longo do dia na cobertura o que era o mais interessante para o público brasileiro.

Vale destacar ainda que o público do JN é muito diferente de quem assiste um canal segmentado, como no caso da Sportv. Eles tinham mais espaço para fazer as matérias e usavam uma abordagem bem diferente da nossa. Para quem assiste ao JN não interessa tanto se o lateral esquerdo da Itália está gripado e é dúvida para o jogo, coisa que interessa mais para nós que cobrimos o futebol diariamente ou para aquele aficionado. Com somente um minuto o legal era então extrair do dia a dia o que realmente seria interessante para todo o público brasileiro.

Um exemplo perfeito dessa síntese foi um dia que estávamos no CT da Itália e os jornalistas italianos estavam me contando que o Pirlo escreveu na autobiografia dele, que a sua inspiração para bater faltas era o Juninho Pernambucano. Durante uma coletiva eu já tinha perguntado isso para o Pirlo e ele tinha confirmado, então eu sugeri para o nosso produtor ligar para o Juninho Pernambucano e conversar com a assessoria da Itália para a gente promover o encontro dos dois, afinal de contas ia ser super legal mostrar os dois conversando sobre como bater falta. Incrivelmente nós conseguimos esse encontro. Não da forma aberta como queríamos, por influência de questões contratuais da Federação Italiana com a Reik, a rede de TV da Itália que tem os direitos sobre a seleção, mas no final das contas deu certo porque o Pirlo recebeu o Juninho, eles

conversaram e nós pudemos usar as fotos desse encontro que a filha do Juninho tirou e cedeu para nós. No final o Juninho conversou com a nossa equipe e, como já antes acordado com a Federação Italiana, o Pirlo foi quem deu a coletiva de imprensa nesse dia, já que nossa equipe não pode entrar para registrar com a nossa câmera o encontro. Nesse caso a imprensa italiana também usou o material, o que não era um problema para nós, mas os nossos concorrentes, que tinham telejornais com horário antes do JN, não usaram porque o Juninho agora era um comentarista contratado da Globo e estava com a nossa camisa de cobertura. Eu lembro que a matéria entrou no dia 11 de junho de 2014.

O esquema foi mais ou menos esse mesmo, sendo que antes da Copa prevaleceram muito as matérias de comportamento e entusiasmo, porque era o que chamava a atenção do público. Já quando o mundial começou, o mais importante era trazer as informações da partida e preparação. No caso da Itália nós ainda caímos em um grupo que gerou grandes clássicos e repercussões, já que: tínhamos um clássico europeu entre Itália e Inglaterra na chave; a Itália perdeu para a Costa Rica e a ‘zebra’ sempre gera matérias excelentes para os telejornais porque o brasileiro gosta de apoiar esses times mais fracos que crescem com a competição; e também tivemos o caso bizarro do Luís Suárez mordendo o Chiellini.

#### **4) Existia alguma orientação específica para fazer uma matéria para o Jornal Nacional?**

Não, nós sempre tivemos uma liberdade muito grande de propor e executar as pautas. A figura de um produtor presente junto a cada equipe itinerante também permitia essa maior liberdade, já que, ele estava sempre em contato constante com o Núcleo Copa e participava das ‘reuniões de guerra’, dessa forma ficando sempre ciente de tudo aquilo que o editor do telejornal pensou e queria para aquele dia. Nessa realidade o produtor funcionava como um ‘para raio’, filtrando as demandas e mantendo o contato com os editores e chefes no Rio ou São Paulo, porque se todos eles ligassem direto para mim para resolver pendências e passar demandas eu não conseguiria trabalhar. Isso inclusive também foi algo planejado com antecedência porque muitas vezes eu e o cinegrafista tínhamos acesso a somente 15 minutos de treino aberto, então nesse tempo nós tínhamos que fazer tudo sem ser atrapalhado.

Mas intervenção ou orientação específica nós não tivemos nenhuma não.

**5) Como funcionou o sistema de apurar e vender matérias para o Jornal Nacional? Você enquanto repórter também participou ou era um trabalho exclusivo para o produtor?**

A venda de pautas funcionava através do Núcleo Copa. No meu caso, por exemplo, a Itália sempre tinha os seus treinos na parte da manhã, então durante a tarde nós tínhamos o tempo para editar as matérias, rediscutir uma pauta e por aí vai. Eu e meu produtor, João Paulo, ficamos sabendo antes que íamos acompanhar a Itália, então fizemos nosso dever de casa e já chegamos ao Mundial munidos de muita informação e, também, várias ideias de pauta. Ser informado e poder cobrir a Itália um período antes do Mundial, me ajudou a criar contatos dentro da Federação Italiana e com os próprios jornalistas italianos, o que me ajudou a ter mais ideias e, também, pegar opiniões com eles. Um exemplo disso foi em um dia que o Chiellini deu entrevista e eu sabia que ele era formado em estatística, porque pesquisei antes, e construí uma matéria inteiras falando sobre o baixo número de gols que a Itália recebia criando a relação com essa formação de um de seus zagueiros.

Mas vender as pautas dependia também muito do dia, de quem ia falar e do que a coletiva rendia. No caso da Itália as coletivas aconteciam sempre às 13h00, então depois desse momento nós já tínhamos todo o material que poderia ser usado no dia em mãos, por isso, já podíamos vender para o JN falando: ‘olhar hoje aconteceu isso, isso e aquilo e vamos fechar um VT desse jeito para vocês’. No geral por já conhecer o perfil do jornal e dos editores tudo o que nós sugeríamos era aceito.

**6) Qual era a linguagem que você buscava usar no seu texto para o JN? Como você buscava construir um VT para esse telejornal?**

Acho que a questão principal do Jornal Nacional é que o foco dele não é o público ‘boleiro’. O fato de trabalhar a algum tempo na casa te leva a conhecer um pouco o perfil de cada telejornal e de cada editor chefe. Você identifica dentro do seu dia a dia qual matéria tem o perfil do *JN*, qual tem o perfil do *Bom Dia Brasil*. E a ideia do Jornal Nacional era trazer algo mais coloquial, não deveria existir uma formalidade no texto até porque o evento e a cobertura não pediam isso.

Eu me lembro de uma matéria que nós fizemos e eu cheguei a ficar meio receoso com a questão de um trocadilho, principalmente porque existe uma linha muito tênue entre a pessoa rir de um trocadilho, ou achar ele uma completa bobeira. Durante aqueles

dias antes da Copa em que a seleção italiana já estava no Brasil, o Balotelli estava sendo meio questionado pela imprensa italiana, e o substituto imediato dele era o Immobile. Na concentração da Itália nós tínhamos a ‘caza azzurra’, que era um lugar para imprensa ficar descontraída durante os treinos e tudo mais e, nesse local, eles tinha colocado umas mesas de totó. Na hora de eu fazer a passagem sobre essa possível mudança na seleção italiana, eu coloquei uma *GoPro* dentro do golzinho dessa mesa de totó. Durante a passagem eu mexia com o bonequinho e fazia um trocadinho com a questão do nome do jogador Immobile, que quando traduzido para o português é o mesmo que ‘imóvel’, com o fato dele não ser uma piada pronta e estar com vontade de jogar. E nós ficamos com o dilema de mandar ou não para o JN porque era uma coisa bem mais descontraída, mas decidimos mandar e o editor passou o texto comigo, corrigiu algumas coisinhas, mas no fim das contas foi pro ar com louvor e eu cheguei a receber um recado que o pessoal do JN tinha adorado a matéria.

**7) O pré-requisito para uma matéria entrar no Jornal Nacional é a qualidade do material nas mais diversas partes: imagem, sonora, texto. Como funcionou a sua integração com os demais profissionais da equipe para amarrar todos esses pontos e emplacar os seus VT's?**

Acho que de uma forma geral o nosso relacionamento foi muito bom e funcionou de maneira simples. O Rogério, que foi o cinegrafista, era de São Paulo e tem o costume de trabalhar para o *Fantástico*, *Globo Repórter* e tem anos de experiência com o Jornal Nacional, então trabalhar ali não era nenhum mistério para ele. O João Paulo, que foi o produtor, no dia a dia ele é editor de texto para os jornais e, inclusive, já chegou a cobrir férias como editor de esportes no JN, então ele conhecia as reuniões de pauta e também a cabeça do próprio Bonner. O Eric que foi o editor de imagem é um talento da nossa nova geração de jornalista e já edita matérias para todos os telejornais da casa. Nesse sentido, nós mesmos já sabemos pensar com a cabeça de cada jornal então nós sabíamos qual era o caminho das pedras e não tinha muito mistério.

Juntos nós inclusive experimentamos momentos de tentar ver até onde nós podíamos trazer nossas bagagens de outros telejornais, muitas vezes com uma pegada mais descontraída, para o telejornal de maior audiência da casa, que era o JN. Porque muitas vezes nós fazemos uma autocensura, porque você vai fazer a matéria para o Jornal Nacional e você pensa ‘opa deixa eu fazer mais formal e tudo porque é o que o jornal pede’, mas muitas vezes os editores queriam mesmo era algo mais descontraído.

**APÊNDICE E – ENTREVISTA MARCELO COURREGÉ, REPÓRTER  
ITINERANTE DO NÚCLEO COPA (06/09/2015).**

**1) Qual foi a estrutura oferecida para os trabalhos com a equipe durante a cobertura do mundial?**

A minha equipe era composta por quatro integrantes: um repórter, um produtor, um cinegrafista e um editor de imagem. O curioso e diferente nessa estrutura é que como era a cobertura de uma Copa do Mundo, que é um evento que naturalmente já envolve a empresa inteira, os membros dessa equipe não eram pessoas que já trabalhavam no esporte, como é o meu caso no Rio de Janeiro. Esse foi um pouco do perfil de todas as equipes itinerantes da cobertura, sendo que ao todo eram sete delas, mais três equipes completas para acompanhar a seleção brasileira.

A minha equipe em particular tinha o editor de imagem Joel Carneiro, que trabalhar em São Paulo, na editoria de esporte de lá; o produtor era o Rafael Pio, do Rio de Janeiro, sendo que aqui ele trabalha com o esporte também; e o cinegrafista era o Fernando Calixto, que é um cinegrafista aqui do Rio de Janeiro, mas que trabalha na editoria geral e normalmente cobre mais assuntos de cidade, políticas e economia. Como ele é um funcionário que se destaca no trabalho dele durante todo o tempo, ele foi selecionado para participar dessa equipe itinerante e cobrir a Holanda com a gente.

Em termos de logística sempre que a Holanda viajava nós íamos juntos para acompanhar todos os passos dessa seleção. Quando eles estavam aqui no Rio de Janeiro nosso trabalho era acompanhar os treinos e ficar na porta do hotel de plantão para fechar as reportagens. A cobertura era tão intensa que durante os revezamentos nós chegamos a ficar quase que 24 horas por dia acompanhando o time.

**2) Falando especificamente do Jornal Nacional, que tem um público muito heterogêneo e é a maior audiência em telejornal do Brasil, qual o encaminhamento que você buscava dar para as suas matérias no JN?**

Eu busquei na maioria das vezes trazer um enfoque de comportamento para as matérias que eu fazia para o Jornal Nacional. Eu já faço matéria para o JN há alguns anos, desde 2008, então com o tempo você meio que naturalmente já pega a ‘mão’ para escrever um texto para o Jornal Nacional. Nesse ano nós tivemos uma abertura bem

maior inclusive no formato do texto, sendo que antes, o formato era meio que ‘quadrado’, mas agora a liberdade é bem maior.

Vale destacar que o esporte sempre teve uma liberdade para ir um pouco além nessa linguagem do texto no Jornal Nacional, então para atrair o público eu busquei sempre focar muito no comportamento, nos bastidores dos jogadores da Holanda. O esforço da equipe era muito grande para pegar uma imagem diferente, uma sonora diferente e seguir nesse caminho. Nos períodos pré e pós-jogo nós gostávamos muito de fazer matérias sobre o embalo da torcida; a concentração da Holanda e outras curiosidades.

Resumindo, o importante era você conseguir juntar esse comportamento curioso para toda a população com as informações esportivas e jornalísticas necessárias, afinal de contas, a sua matéria também tinha que ser relevante para entrar na edição do JN, não podia ser só brincadeira, porque durante o período da Copa era uma briga muito grande para você conseguir um espaço no telejornal. Nesse sentido eu ainda destaco outro fator fundamental: trabalhar sempre abaixo do tempo. Essa foi uma ideia do nosso produtor que entendeu muito bem o sistema, sendo que se o QG me dissesse que eu tinha 1 minuto e 30 segundos de VT, eu faria ele com 1 minuto e 10 segundos. Isso fez com que nós entrássemos com uma grande frequência dentro do JN, porque na ‘bola dividida’, quando precisava cair com uma matéria no meio do jornal, o nosso se garantia porque tinha um tempo menor.

### **3) Existia alguma orientação específica para fazer uma matéria para o Jornal Nacional?**

Em alguns momentos nós recebíamos as demandas de tentar fazer as matérias mais voltadas para o comportamento mesmo. O que aconteceu também foi que em VT’s um pouco maiores, principalmente aqueles de crônica de jogos, a instrução era fazer eles voltados mais para o comportamento, e um texto quase que opinativo, montado em cima das imagens disponíveis e tudo mais. Esse já é o perfil clássico do Jornal Nacional: matérias curtas e precisas, você não tem muito tempo para florear as coisas, mas o texto pede aquele floreio de linguagem. Não pode ser algo técnico, por isso não é algo muito difícil do repórter fazer.

**4) Como funciona o sistema de apurar e vender matérias para o Jornal Nacional? Você enquanto repórter também participou ou era um trabalho exclusivo para o produtor?**

Vender matéria para o JN é sempre com o tom de uma curiosidade do dia a dia. Nós não podíamos sugerir para o Jornal Nacional uma matéria que traz com ela somente informação esportiva pura, como nós fazemos para o Globo Esporte, por exemplo. Esse tipo de matéria interessa mais para o público ‘boleiro’. Para o Jornal Nacional, por exemplo, o que era interessante era mostrar que as famílias dos jogadores da Holanda estavam aqui e acompanhavam todos os passos dos jogadores. Nós fizemos até uma matéria assim, quando os jogadores foram para o ‘Clube Caiçaras’ e passaram o dia de folga com as famílias, em um sistema de concentração bem diferente do que as outras seleções estavam. Eu lembro que nós convencemos um sócio do clube de fazer umas imagens com o celular dele, então o VT ficou muito legal. O diferente de ver um jogador de futebol durante uma Copa do Mundo nesse esquema era algo que chamava atenção e emplacava no JN.

Eu lembro de outra matéria que ficou muito legal e entrou no JN foi no segundo dia deles em concentração no Rio de Janeiro, porque eles pegaram e foram todos para a praia. Foi um alvoroço de fãs correndo para pegar autografo, era aniversário do Sneijder no dia também e eu na minha passagem entrei no mar de roupa para poder fazer uma entrevista com ele. Essa foi uma matéria que ficou bem legal e foi marcante.

Esse tipo de abordagem fez com que nós entrássemos várias vezes no JN durante o Mundial, até mais do que seleções que estavam programadas para entrar e render mais VT’s para o JN que a própria Holanda. Você vender uma curiosidade, que saísse um pouco daquela rotina de campo/bola, chamava muita atenção e rendia muito no Jornal Nacional.

**5) Existiu alguma preparação específica para vocês repórteres trabalharem na Copa?**

Uma preparação específica não. O grupo de repórteres que foi escolhido para participar das equipes itinerantes já era um grupo de profissionais acostumados com esse sistema de cobertura, principalmente porque já trabalhamos fora do Brasil. Na Copa, por mais que nós estivemos trabalhando no Brasil, o estilo de cobertura

proporcionado pelo ‘kit correspondente’, que era o computador pelo qual nós enviávamos e editávamos as matérias, era o estilo de cobertura que nós usávamos quando trabalhávamos fora do país, como por exemplo, nas pré-temporadas de Fórmula 1.

Nesse sentido de preparação, talvez o destaque fique para o momento em que alguns repórteres itinerantes viajaram para os países das seleções que iriam cobrir na intenção de poder fazer um esquentar e se acostumar com aquela cultura e seleção. Eu como cobri a temporada da Fórmula 1 quase até que no início da Copa do Mundo, entrei nessa cobertura na última semana antes do evento começar mesmo, então nós não tivemos essa preparação ‘editorial’ que as outras tiveram. No meu caso eu tive que estudar e procurar informação por fora antes mesmo, principalmente aquelas ligadas ao *staff* e a assessoria de imprensa da equipe.

O contato anterior com essas pessoas dos bastidores da seleção foi muito proveitoso para a produção dos nossos conteúdos, porque eles sempre se mostraram muito amigáveis com a nossa equipe. Eles perceberam que a nossa intenção não era produzir materiais agressivos contra a equipe, mas sim mostrar como eles estavam ficando aqui no Brasil. Essa relação era diferente com a própria imprensa holandesa, porque eles eram muito agressivos na cobertura, então várias vezes nós fomos privilegiados pela assessoria de imprensa da Holanda com entrevistas fora de hora; imagens exclusivas e informações.

**6) O inesperado é sempre algo que influencia durante uma cobertura de um grande evento como a Copa do Mundo. A Holanda foi uma das seleções que mais se destacou dentro do Mundial nesse sentido. Como você aproveitou esses momentos para produzir materiais para o Jornal Nacional?**

No momento em que nós sentimos que a Holanda teria um sistema de concentração bem mais aberto do que os das demais seleções, coisa que já era esperada pela participação deles na Copa de 2010, nós criamos um esquema de plantão para não deixar simplesmente nada passar despercebido pela nossa cobertura. O hotel da seleção holandesa era na praia de Ipanema, no Rio de Janeiro, bem na Avenida Vieira Souto, e o nosso editor de imagens veio de São Paulo, então ao final da cobertura ele não tinha que voltar para casa, por isso, ele ficou hospedado no ‘Hotel Everest’, que ficava bem atrás do hotel da seleção holandesa. Era literalmente colado, parede com parede, então a



gente sempre deixava alguém de plantão bem na porta da Holanda. Quando não era o nosso editor ou o cinegrafista, quem ficava era o produtor com uma câmera menor que nós tínhamos a disposição também. Tudo isso era para pegar o flagrante, porque eram esses fatos que rendiam os comportamentos que o JN tanto gosta. Esse mesmo esquema de plantão também foi usado lá na Bahia pelo Renato Ribeiro, que acompanhava a Alemanha. Lá rendeu bastante também.

Vale destacar que esses flagrantes que o esquema de plantão rendeu, foram imagens que até mesmo marcaram o mundial no Brasil.

**7) O pré-requisito para uma matéria entrar no Jornal Nacional é a qualidade do material nas mais diversas partes: imagem, sonora, texto. Como funcionou a sua integração com os demais profissionais da equipe para amarrar todos esses pontos e emplacar os seus VT's?**

A gente trabalhava muito em conjunto e, o principal, nós debatíamos também muito as coisas que nós íamos fazer. Eu tive a sorte e o privilégio de trabalhar com um produtor que é muito talentoso e, também, é meu amigo pessoal. Isso facilitou em muito o diálogo sobre tudo que nós pensávamos em fazer para o Jornal Nacional. E essa discussão constante entre os profissionais, levando em cada os diferentes aspectos da matéria, como texto, imagem, produção e edição, levou os nossos conteúdos a atingir um nível de excelência que o JN pede.

O trabalho com o cinegrafista já flui naturalmente. Eu sempre tenho o cuidado de quando faço uma matéria para a TV perguntar para o cinegrafista se ele tem alguma imagem excepcional ou de destaque, porque caso tenha, com certeza esse vai ser o destaque da minha matéria. O Calixto que trabalhou comigo é um profissional excelente e diversas vezes ele me deu uma imagem para abrir ou fechar o VT, porque nessa estrutura curta de matéria que o JN pediu as melhores imagens tem que ficar em um desses dois extremos.

O Joel, que foi nosso editor de imagem, é um profissional muito sensível que também conseguiu dar cara a tudo o que nós tínhamos pensado antes.

Como as matérias do Jornal Nacional tinham que ser muito curtas, coisa de 1 minutos, 1 minutos e 20 segundos, escolher uma sonora com relevância, uma imagem marcante e o texto que amarre tudo isso era fundamental.

**APÊNDICE F – ENTREVISTA GUILHERME ROSEGUINE, REPÓRTER  
ITINERANTE DO NÚCLEO COPA (05/02/2015).**

**1) Qual foi a estrutura oferecida para os trabalhos com a equipe durante a cobertura do mundial?**

A estrutura para a nossa cobertura foi muito boa. Essa estrutura inteira também é um diferencial para o nosso trabalho enquanto jornalistas. Para a Copa nós tínhamos a mesma infraestrutura que eu uso em grandes coberturas internacionais, desde 2007.

O principal ponto a se destacar nessa estrutura de cobertura nossa é a logística impecável, tanto de equipamentos, planejamentos de viagem, estadia e até coisas que muita gente não leva em conta, mas fazem toda a diferença, como o tipo de internet do local para o qual nossa equipe está indo. Um exemplo disso para você ter noção é que nós mandávamos todo o material que era pedido para o nosso grupo via internet, então como a minha equipe itinerante ficou responsável pelo Uruguai, que ficou com o CT em uma cidade muito pequena, Sete Lagoas, em Minas Gerais, antes de a Copa começar uma equipe da Globo foi pra lá e constatou que a internet era muito ruim para o que precisávamos. Depois dessa constatação, eles construíram uma rede de internet que atendesse as nossas demandas só para a nossa equipe usar no hotel em que estávamos hospedados.

Esse tipo de coisa funciona muito bem e dá à tranquilidade para que nós possamos focar exclusivamente no nosso trabalho jornalístico. Grande parte do sucesso de toda a nossa cobertura na Copa se deve a essa logística impecável que nos foi proporcionada.

**2) Como funcionou o trabalho da sua equipe em especial durante a cobertura do evento? Por onde você passou? Quais experiências mais chamaram sua atenção durante os trabalhos?**

Todas as equipes itinerantes tinham o mesmo organograma para trabalhar, sendo que elas eram compostas por: um repórter, um produtor, um editor de imagem e um cinegrafista. Para onde quer que nós fôssemos mandado quem ia eram esses quatro profissionais.

A nossa cobertura começou bem cedo, nós fomos acompanhar o Uruguai lá no próprio Uruguai, antes deles virem para o Brasil. Isso foi possível porque se tratava de uma viagem mais barata do que para outros países, onde as passagens aéreas ficariam muito caras e os gastos tornariam a estadia no local exorbitante. Como para o Uruguai os preços eram bem em conta, quase que os valores pagos em um deslocamento nacional, nós fomos para lá antes deles virem para o Brasil. Nosso primeiro destino foi Montevideu, onde ficamos lá acompanhando a preparação da seleção e, depois, nós viemos para o CT no Brasil, em Sete Lagoas, Minas Gerais. Depois disso nós passamos a nos deslocar com a equipe uruguaia conforme ela viajava para cumprir sua agenda de partidas dentro do Mundial.

Todo esse acompanhamento periódico traz uma proximidade muito grande entre nós jornalistas e o elenco da seleção, então nos conseguimos fazer uma cobertura melhor nesse esquema, porque volta e meia você com os seus contatos acaba conseguindo uma informação privilegiada, uma imagem legal para o VT e por aí vai.

Entre os meus trabalhos na Copa eu destaco o fato de que nós não podemos depender somente das fontes oficiais de uma Federação de Futebol ou dos jogadores. Nesse período que ficamos em Montevideu todos os treinos da seleção uruguaia foram fechados, então eu dependia das apurações em *off*, de conversa com pessoas ligadas ao elenco e esse tipo de coisa para fechar materiais relevantes para o telespectador brasileiro que estava aguardando aquela informação.

Depois da eliminação do Uruguai eu fiquei dependendo das demandas da casa para me deslocar, sendo que eles sempre levavam em consideração a proximidade da equipe itinerante do fato que deveria ser coberto. Meu primeiro trabalho depois da eliminação do Uruguai foi um jogo entre Argentina e Bélgica em Brasília, pelas quartas de final. Logo depois o Neymar sofreu aquela lesão na partida contra a Colômbia e eu fui realocado para o setor que eu mais cubro no dia a dia mesmo em São Paulo, que é a editoria de 'ciência do esporte'. A partir desse momento meus trabalhos foram todos voltados para essa parte da cobertura, até porque é uma coisa que eu estou acostumado a lidar mais no meu trabalho diário na redação.

Dentro da minha cobertura em específico eu destaco o fato de um jogador especial que tinha na minha seleção, o Luís Suárez. Só por ser quem ele é o Suárez já é notícia. Antes da Copa ele estava se recuperando de uma lesão no joelho, então nós

ficamos em cima dele para saber se ele ia ou não jogar no Mundial. Para todos os jornalistas que cobriam o Uruguai era papel fundamental entender aquela figura emblemática para a equipe, por isso, antes da Copa, eu mesmo pesquisei tudo que eu podia saber sobre ele para tentar desconstruir esse personagem midiático que é o Luís Suárez. Quando o Suárez resolveu morder o Chiellini no jogo contra a Itália, aquilo não me surpreendeu. Eu pelas minhas pesquisas de arquivo e, também, *in loco* no Uruguai, sabia que o Suárez era um cara capaz de fazer aquilo, então quando aquilo aconteceu, o mais legal de tudo era que nós estávamos preparados. Eu sabia o que fazer; nós sabíamos que não era a primeira vez; nós sabíamos quem nós tínhamos que ouvir para as matérias; ou seja, tínhamos tudo esquematizado já. A preparação previa de um repórter entra nesse momento, quando um fato que na maioria das vezes arranca o cabelo de quase todos os jornalistas é algum natural e comum para você. Quem tá com informação na mão sabe o que fazer.

**3) Falando especificamente do Jornal Nacional, que tem um público muito heterogêneo e é a maior audiência em telejornal do Brasil, qual o encaminhamento que você buscava dar para as suas matérias no JN?**

Quando eu ia fazer uma matéria para o JN eu pensava e resumia todo o meu raciocínio em uma palavra só: relevância. Eu sempre buscava isso: o que é relevante entre o que está acontecendo aqui para um público amplo de TV aberta, que não acompanha somente o Uruguai, ou que mesmo não conhecer a história desse time?

Nesse sentido eu sempre buscava pegar o que era necessariamente fundamental no dia para a matéria do JN. Aquilo que o telespectador de casa precisa entender enquanto notícia nesse 1 minuto, 1 minuto e meio que eu tenho para passar. A partir daí é que eu dava o encaminhamento para os meus conteúdos para o Jornal Nacional.

**4) Existia alguma orientação específica para fazer uma matéria para o Jornal Nacional?**

Orientação específica não. A única orientação que você tem no caso de uma cobertura grande como essa é a questão do tempo. O tempo é extremamente escasso, porque o jornal tem que cobrir muita coisa. Imagina o Jornal Nacional, que não é o telejornal com maior tempo de produção diária da Globo, ou mesmo não tem um público específico como outros, já que, ele tinha que cobrir outros assuntos além da

Copa nesse período, ter que acompanhar ainda um evento do porte da Copa do Mundo no seu país diariamente, você tem que ser conciso. Nesse caso eu retorno a questão da relevância ser um fator fundamental para as notícias que entravam no JN, porque você precisa escolher precisamente o que você que falar e transmitir aquela mensagem para o público sem enrolar ou titubear demais.

**5) Como funciona o sistema de apurar e vender matérias para o Jornal Nacional? Você enquanto repórter também participou ou era um trabalho exclusivo para o produtor?**

Foi um sistema muito bem estruturado antes de a cobertura começar. Com a nossa equipe a logística pensada funcionou muito bem. Era responsabilidade minha e do produtor passar os produtos feitos ao longo do dia para o Núcleo Copa, que fazia toda a intermediação com o Jornal Nacional. Lá no JN eles tinham o tramite interno deles que aprovava ou não o material que nós vendíamos/produzíamos. Daí o Núcleo Copa fazia o contato falando da aprovação e deixava o gancho para que nós a partir de então passássemos a lidar diretamente com o editor de texto responsável pela Copa no JN.

**6) Qual era a linguagem que você buscava usar no seu texto para o JN? Como você buscava construir um VT para esse telejornal?**

Eu sempre tentava usar uma linguagem que deixasse o texto com uma pegada entre o entretenimento e a informação, sem exagerar muito para nenhum dos dois lados. Essa lógica eu usava porque eu sabia que parte do público assistia as notícias da Copa somente como uma diversão, para relaxar de problemas do dia a dia, então essa pegada mais leve e mais solta tinha que estar presente, mas ao mesmo tempo, tinha uma coisa muito importante em jogo nesse evento, uma Copa não é como um jogo qualquer de futebol, então essa era uma disputa que mexia com muito dinheiro, muita gente e, também, muita paixão, logo eu tinha que tratar o assunto também com a seriedade que ele merece. Nessa metade mais ‘séria’ eu usava como trunfo sempre a precisão de informação, porque o aficionado pelo esporte entende quando aquela matéria está trazendo uma informação relevante e coisa do tipo.

**7) Como você buscava dosar a quantidade de informação esportiva e entretenimento durante uma matéria sua para o JN?**

Isso vai muito da percepção do dia a dia e do enfoque que a sua pauta vai ter. Por exemplo, no dia em que o Luís Suárez mordeu o Chiellini o ‘futeboles’ fica um pouco de lado porque o fato é tão bizarro que a curiosidade ganha o enfoque do fato. Naquele dia o personagem Luís Suárez estava se impondo de maneira muito evidente, então a pegada tinha que ser quase toda nessa onda.

De uma forma geral você tem que jogar de acordo com a situação do dia a dia. Obviamente a formação e o estilo que o repórter cria ao longo de sua carreira também influencia, já que nós temos repórteres que pendem mais para o entretenimento, outros que evidenciam mais a informação, mas isso vai de acordo com a visão pessoal de cada um sobre o fato. O grande ‘x’ da questão nessas situações é você fazer com que na sua matéria não seja somente o seu ponto de vista a ser mostrado, você tem que pensar que você está fazendo um conteúdo para determinado público, não para satisfazer somente as suas demandas pessoais. Antes de qualquer matéria era essa a pergunta que eu me fazia: o que o público precisa saber disso daqui?

**8) O pré-requisito para uma matéria entrar no Jornal Nacional é a qualidade do material nas mais diversas partes: imagem, sonora, texto. Como funcionou a sua integração com os demais profissionais da equipe para amarrar todos esses pontos e emplacar os seus VT’s?**

Isso é algo bem básico dentro da nossa própria rotina de trabalho: televisão é trabalho de equipe. Não adianta o repórter dar o seu melhor durante uma cobertura se o cinegrafista não se dedicar também, assim como o editor de imagem e o produtor. Se o conteúdo não está redondinho, com o melhor em ambos os aspectos da matéria, a matéria não vai entrar no Jornal Nacional. Você precisa ter um time muito bem integrado para emplacar VT’s no JN e isso era uma coisa que nós tivemos ao longo da Copa do Mundo.

Desde a nossa cobertura de ‘aquecimento’ no Uruguai, nós começamos a pegar todos os esquemas de trabalho que cada um tinha. O tempo que cada profissional precisa para dar o seu melhor naquela matéria; qual é o ponto que eu posso destacar dentro da minha parcela da matéria para valorizar o trabalho dos demais; e esse tipo de coisa.

Com televisão é sempre assim, você costumar valorizar demais o repórter porque é ele que aparece no vídeo, mas fundamentalmente o meu trabalho depende dps demais profissionais para ser bem executado. É trabalho de equipe.

Dentro dessa realidade eu até cito dois trabalhos que foram bem legais e mostraram a integração da nossa equipe. O primeiro foi lá na nossa cobertura anterior no Uruguai. O grande chamariz dessa seleção para ter junto a ela uma equipe itinerante foi porque eles ganharam a Copa de 1950 aqui no Brasil. E por umas apurações nossas a gente acabou descobrindo que os jogadores da seleção assistiram as partidas do time uruguaio de 1950, mas a intenção não era exaltar aquele elenco e sim exorcizar a presença daquele elenco nas suas histórias, meio que bancando ‘nós não somos aquele time e não estamos indo para o Brasil repetir esses passos, nós vamos fazer a nossa própria trajetória’. Quando nós contamos essa história no JN foi um retorno muito legal do público, porque eles esperavam que fosse totalmente o contrário. O segundo foi quase no final da Copa do Mundo, com a Alemanha e a Argentina já definidas na final do Mundial, foi bem legal também, porque o Estúdio da Copa já tinha acabado, a Patrícia estava de volta a bancada tradicional e para entrar com qualquer material no jornal tinha que ser algo bem diferente, porque a venda de matérias abriu para quase que o país todo, já que só restavam duas seleções a serem acompanhadas. Em uma pesquisa minha eu acabei descobrindo que a Argentina e a Alemanha eram as seleções que tinham o melhor retrospecto do Mundial em cobranças de pênaltis, então conseguimos fechar uma matéria muito legal para o JN.

**APÊNDICE G – ENTREVISTA PEDRO BASSAN, REPÓRTER ITINERANTE  
DO NÚCLEO COPA (05/02/2015).**

**1) Qual foi a estrutura oferecida para os trabalhos com a equipe durante a cobertura do mundial?**

Ao todo nós éramos quatro membros na equipe, assim como em todas as equipes itinerante foram. Entre esses quatro profissionais nós tínhamos um repórter, um produtor de jornalismo, um editor de imagem e um cinegrafista. No caso da minha equipe eu era o repórter, o Marcel Lins era o produtor de jornalismo, o Sérgio Neves editor de imagem e o Wanderlei Cebonquine o cinegrafista.

Além disso, nós tínhamos sempre total apoio do setor de produção fixo aqui na redação do Núcleo Copa, que cuidava também dos nossos deslocamentos, da logística, que sempre é uma parte muito complicada em um grande evento como esse, e administrando todas as equipe itinerantes pelo país, além das ofertas de outras praças que também vendiam matérias com assuntos relacionados à Copa.

**2) Como funcionou o trabalho da sua equipe em especial durante a cobertura do evento? Por onde você passou? Quais experiências mais chamaram sua atenção durante os trabalhos?**

Nós começamos com a Espanha. Antes mesmo do Mundial começar o QG dessa cobertura decidiu por investir na produção de conteúdo diário de algumas seleções, se não me engano foram sete ao todo. Essas sete seleções foram escolhidas por serem apontadas como favoritas ou trazerem na sua história algo que fosse render boas histórias para os jornais da casa. Por exemplo Portugal, ela não era uma das seleções que despontava como grande concorrente da Copa, mas dentro do seu elenco ela tinha o Cristiano Ronaldo, que era um figura que com certeza iria ser um dos centros de atenção da Copa, por isso, uma equipe itinerante acompanhou os trabalhos daquele grupo. No meu caso eu fui escalado para acompanhar a Espanha, que era a atual campeã e também era apontada como uma das grandes forças a disputar o título aqui no Brasil.

A nossa cobertura começou antes mesmo do Mundial ter início aqui no Brasil. Minha equipe inteira foi para a Espanha acompanhar a preparação do elenco para o



Mundial lá no país natal deles. Nosso ponto de referência lá foi o Centro Nacional de Treinamentos da seleção espanhola, que fica nos arredores de Madri, e lá nós ficamos durante uma semana acompanhando a preparação do time. Depois nós fomos juntos com o time da Espanha para os Estados Unidos, onde eles ficaram uma semana em Washington fazendo adaptação ao fuso horário e só depois que nós viemos com eles para o Brasil, sendo que aqui eles se instalaram em Curitiba.

A nossa ideia era que nós íamos ficar boa parte da Copa do Mundo em Curitiba, porque achamos que a Espanha seria uma das seleções que ia longe no Mundial, mas isso não se concretizou porque a Espanha foi embora muito cedo, se não me engano a Espanha foi a primeira seleção a oficialmente estar eliminada da Copa do Mundo, porque no terceiro jogo da primeira fase ela já não tinha mais chance nenhuma. O tempo então que nós ficamos em Curitiba foi somente no intervalo entre os dois primeiros jogos da primeira fase.

Depois disso, nós passamos a ser realocados para acompanhar equipes que antes não estavam naquele grupo que despontava como favoritas ou boas produtoras de conteúdo. No meu caso eu acabei pegando logo em seguida os adversários do Brasil nas duas primeiras partidas da fase eliminatória: Chile e Colômbia. Depois eu fui realocado para ajudar o Renato Ribeiro na cobertura da Alemanha e lá fiquei até o final da Copa. Vale destacar que essas decisões de mudança na cobertura eram tomadas pela nossa base aqui no Rio de Janeiro, porque daqui eles tinham a capacidade de levar em conta outros fatores que são importantes nesse caso, como: deslocamento, gastos de manutenção e agenda de cobertura. Assim que a seleção que nós estávamos acompanhando era eliminada, nós já ficamos de prontidão esperando a ligação para saber qual era o nosso novo foco de cobertura.

Entre todos os trabalhos que eu fiz eu acho que a viagem para a Espanha foi um momento bem legal dessa cobertura, porque foram duas semanas onde nós pudemos ficar conhecendo o elenco inteiro e construir um relacionamento com aquele time. Eu fui o único jornalista estrangeiro que viajou junto com a seleção da Espanha no avião da Federação. Esses momentos que nós dividimos antes do mundial geraram uma confiança para que eu pudesse fazer boas matéria e, até mesmo, adquirir conteúdos ‘exclusivos’ junto ao time de jornalistas e jogadores espanhóis para os jornais brasileiros.

**3) Falando especificamente do Jornal Nacional, que tem um público muito heterogêneo e é a maior audiência em telejornal do Brasil, qual o encaminhamento que você buscava dar para as suas matérias no JN?**

Fazer matéria para o Jornal Nacional tem uma regra dentro da cobertura: vamos pegar a principal informação do dia para esse VT. Nesse sentido as entrevistas mais impactantes, as imagens mais marcantes e os ‘sobe sons’ mais relevantes iam todos para a matéria do JN. Resumindo, não é muito difícil você selecionar qual é o conteúdo que você vai usar no Jornal Nacional, o material se auto seleciona porque aquele é o maior jornal da casa, então o melhor dos nossos esforços tem que estar ali.

O desafio dos VT’s do JN eram mais em outra pegada, porque o público que assiste ao jornal é muito grande e pouquíssimo uniforme, então nosso trabalho era sempre tentar fugir do ‘jargão’ e não usar termos típicos do futebol que somente quem acompanha o esporte diariamente vai entender. Nossa missão era sempre ampliar o público que seria atingido pelas nossas matérias. Falar para aquela pessoa que não acompanha o futebol, mas que acabou se engajando com a Copa porque aquele evento mudou também a sua realidade. Essa é uma preocupação que nós já temos quando fazemos uma matéria para o JN, mas como a Copa também fazia parte de uma editoria específica do jornal, essa atenção foi redobrada.

Outro desafio também era a questão do tempo, mas no meu caso eu sempre gostei de tentar fazer as coisas o mais curto possível. O exercício de sintetizar os fatos de um dia inteiro em uma matéria de um minuto e pouco é algo desafiador para muita gente. Mas aí eu pego uma frase que sempre me guiou na profissão: ‘escrever um texto com 300 palavras é fácil, quero ver escrever um com 30’. Então nós até tínhamos uma brincadeira entre nós, porque era necessário resumir ao máximo tudo que aconteceu no dia sem perder qualidade de informação e o atrativo do entretenimento, sendo que sua história tinha que ter começo, meio e fim, ou seja, era o ‘Show do Minuto’.

**4) Existia alguma orientação específica para fazer uma matéria para o Jornal Nacional?**

As pautas sempre são muito conversadas, sendo que nós recebíamos demanda e feedbacks dos chefes aqui no Rio, mas também tínhamos total liberdade para oferecer e opinar sobre as decisões, era como uma avenida de mão-dupla. Na prática nós sempre

fomos conversando e acertando as demandas que chegavam com o que nós realmente conseguiríamos colocar em prática na rua. No meu caso por exemplo, eu recebi um pedido específico do JN para fazer uma matéria sobre o técnico do Chile, Jorge Sampaoli antes do Brasil enfrentar a equipe nas oitavas de final. Se eu tivesse que sistematizar essa relação acho que ela se divide em 50% e 50%, sendo que 50% das pautas nos oferecemos e os outros 50% eles nos pedem para fazer.

**5) Como funciona o sistema de apurar e vender matérias para o Jornal Nacional? Você enquanto repórter também participou ou era um trabalho exclusivo para o produtor?**

Tudo necessariamente tinha que passar pelo Núcleo Copa. Quem eram os encarregados do relacionamento dos telejornais com os conteúdos produzidos eram os cabeças desse Núcleo. Esse é um sistema de cobertura que inclusive preserva as equipes que estão na rua fazendo matéria, porque você imagina, se cada telejornal da Globo faz um pedido diferente para mim, só o tempo que eu gastaria no telefone falando com cada um dos produtores e editores desses jornais consumiria grande parte do dia. Por isso, sempre que um mega evento vai ser coberto pela Globo o relacionamento dos telejornais passa pelo Núcleo responsável por aquela cobertura. Isso evita também constrangimentos como superposição de pautas, trabalho repetido e desencontros.

**6) Qual era a linguagem que você buscava usar no seu texto para o JN? Como você buscava construir um VT para esse telejornal?**

Eu estou completando agora quase 20 anos de TV Globo e a linguagem das matérias sempre foi uma das minhas maiores preocupações enquanto repórter dessa emissora. Como nós somos uma TV aberta, nós não podemos segmentar demais o nosso público, pelo contrário, nós temos sempre é que ampliar o público das matérias que nós fazemos. Então no caso do JN eu sempre tive muito isso em mente, porque seja um VT de Esporte, seja um VT policial ou qualquer outro, nossa missão é sempre sair do jargão e da linguagem técnica de cada editoria e transformar a reportagem em uma história que todo o brasileiro que esteja na frente da TV naquele momento entenda. Esse posicionamento para mim vale em qualquer momento que eu esteja fazendo uma matéria para o JN.

Na Copa especificamente nós tinha que tomar o cuidado de não afastar aquele telespectador que não gosta do futebol. Nós tínhamos que levar o evento para esse público de uma maneira que eles entendessem a sua importância e, ao mesmo tempo, curtissem com o desenrolar da edição tudo que estava acontecendo no Brasil. Vale lembrar que a história ainda continua tendo que ser universal, porque junto daqueles que não gostam de futebol, também tinham aqueles que eram aficionados. Eu acho que esse é sempre o nosso objetivo, mesmo que as vezes nós não consigamos cumprir ele da melhor maneira possível.

**7) Como você buscava dosar a quantidade de informação esportiva e entretenimento durante uma matéria sua para o JN?**

O ambiente em que uma seleção está vivendo eu acho que é algo que desperta o interesse do telespectador quase que de maneira imediata. Em uma Copa no Brasil, saber como os estrangeiros estavam vivendo aquele momento e interagindo com as pessoas e locais por onde passavam era algo curioso. Todos esses momentos fora do campo também impactavam de forma direta no desempenho das equipes dentro de campo. Ao longo do mundial nós pudemos perceber isso. Os alemães depois do título disseram que o relacionamento que eles construíram em Cabralia, na Bahia, foi fundamental para a conquista do título e da forma que eles viveram o mundial no Brasil.

A informação esportiva e o comportamento/entretenimento são coisas inseparáveis as vezes quando você está cobrindo um evento como a Copa do Mundo. Nós já tínhamos percebido isso na cobertura anterior de outros mundiais, mas aqui no Brasil, como aquele evento estava mudando a realidade de todos nós, afinal éramos nós que estávamos recebendo esses turistas e todo o evento junto com eles, era impossível fazer uma matéria somente focando no treino ou na bola, era necessário contextualizar. Nesse sentido as matérias em si cumpriam com um vetor de informação esportiva, mas não deixavam de mostrar toda a atmosfera que estava em volta daquela informação.

**8) O pré-requisito para uma matéria entrar no Jornal Nacional é a qualidade do material nas mais diversas partes: imagem, sonora, texto. Como funcionou a sua integração com os demais profissionais da equipe para amarrar todos esses pontos e emplacar os seus VT's?**

No caso da minha equipe nós já tínhamos trabalhado juntos na Copa das Confederações e em outras oportunidade em que eu tinha sido correspondente da Globo em Portugal e na China. Nosso caso em particular era quase que estranho, porque a nossa comunicação se dava quase que pelo olhar. Com aquela olhada um já sabia exatamente o que o outro queria em termos de trabalho e tudo mais. Acho que essa integração foi fundamental para todo o sucesso que nós tivemos na cobertura. Fazendo a analogia, é como um treino de futebol mesmo que quanto mais entrosado o time for, melhor.

Todos os dias de manha nós tínhamos uma conversa entre nós quatro para discutir quais eram os aspectos mais importantes daquele momento, além de nos separarmos para cada um correr atrás de uma coisa para viabilizar sempre tudo dentro do *deadline* estipulado, porque aqui no Brasil nós não tínhamos a vantagem do fuso-horário jogando a nosso favor, pelo contrário, sem ele a nossa correria era muito maior e o nosso horário era muito apertado. O Chile, por exemplo, era uma equipe que sempre treinou as 19h00, então nós ficávamos lá na frente do CT o dia inteiro, mas como o JN entrava por volta das 20h30, o tempo hábil para fechar o material essencial do dia era muito pequeno. Então essa sintonia e essa organização eram fundamentais para que tudo desse certo no pequeno tempo que nós tínhamos para fazer tudo acontecer.